

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

GABRIELA ANTONIETI DA SILVA

RELATÓRIO DE PRODUTO MUDIÁTICO
DOCUMENTÁRIO: “HISTÓRIAS QUE MARCAM”

RIBEIRÃO PRETO

2025

GABRIELA ANTONIETI DA SILVA

RELATÓRIO DE PRODUTO MUDIÁTICO
DOCUMENTÁRIO: “HISTÓRIAS QUE MARCAM”

Relatório de produto midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, do Campus Universitário de Ribeirão Preto, São Paulo, como requisito final para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo sob orientação da Prof. Me. Flávia Cortese Martelli.

RIBEIRÃO PRETO

2025

AGRADECIMENTOS

Apreendi ao longo da minha vida que nada se constrói sozinho, e foi durante a graduação que essa certeza se tornou ainda mais forte. Cada etapa deste trabalho foi marcada por pessoas, momentos e sentimentos que tornaram tudo possível.

Acredito que toda a minha trajetória é guiada pelo direcionamento de Deus. Pela Sua graça, consegui iniciar a graduação e, com Ele ao meu lado, encerro este ciclo com o coração pleno de gratidão. Senti seu cuidado e amparo em cada detalhe da produção deste trabalho, fortalecendo-me a cada desafio.

À minha mãe, Márcia Regina Ignacio, dedico e honro todo este trabalho. A senhora batalhou para me dar o caminho pronto e com portas abertas para que eu pudesse viver meu sonho. Mulher cuja paciência, bondade e generosidade foram tamanhas a ponto de ouvir minhas angústias, me dar suporte e me lembrar diariamente do meu potencial, a senhora sem dúvidas, foi a razão da minha persistência.

Aos meus irmãos, Raphael e Nathalia, sou profundamente grata por todo o apoio e pelos ensinamentos compartilhados ao longo da vida, vocês sempre foram exemplos de coragem e determinação, ter vocês ao meu lado me inspira a seguir em frente.

Dedico também este trabalho ao meu companheiro de vida, meu noivo Pedro Conrado, que por diversas vezes escutou meus medos e choros, limpou minhas lágrimas e me incentivou a levantar e seguir em frente, o seu amor foi fonte de motivação constante.

Agradeço de forma especial à minha professora orientadora, Flávia Martelli, cuja paciência, dedicação e orientação foram fundamentais para a realização deste trabalho. Seus ensinamentos, críticas construtivas e incentivo foram decisivos para transformar este TCC em realidade, obrigado por me acalmar em meio ao caos.

Expresso minha gratidão também a todo o meu núcleo familiar, que me apoiou, incentivou e me guiou em cada etapa, quero destacar minha tia Katia Rossetti, que traduziu este trabalho para o inglês, ampliando seu alcance e possibilitando sua divulgação em grupos de pesquisa internacionais. Vocês me inspiram profundamente.

Por fim, agradeço também àqueles que contribuíram para a minha formação prática e profissional, que me ensinaram a ir além do teórico, compartilhando experiências, dicas e olhares atentos: Joana Mortari e Lays Schiavinatto, vocês foram essenciais para que este trabalho acontecesse

.

RESUMO

O jornalismo desempenha um papel fundamental na transmissão de informações de interesse público, sendo responsável por mediar acontecimentos e torná-los acessíveis à sociedade. No entanto, essa função frequentemente exige que profissionais da área vivenciem diretamente situações extremas e altamente sensíveis, como: desastres naturais, tragédias, acidentes, conflitos armados e episódios de violência. Essa exposição constante a cenários de sofrimento humano configura o chamado “jornalismo de trauma”, campo que busca compreender e discutir os impactos emocionais, psicológicos e éticos decorrentes da cobertura de eventos traumáticos. Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar e refletir sobre as consequências emocionais e psicológicas enfrentadas por jornalistas que atuam em coberturas desse tipo, investigando de que forma absorvem essas experiências e quais estratégias utilizam para lidar com o trauma, tanto no exercício profissional quanto em suas relações pessoais. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, com ênfase na produção de um documentário jornalístico como produto final, permitindo unir análise teórica e prática. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois jornalistas em atividade e um estudante de jornalismo com experiência em coberturas sensíveis, além de um levantamento bibliográfico sobre jornalismo de trauma, saúde mental e ética jornalística. Os dados coletados evidenciam a complexidade da atuação profissional em contextos traumáticos, apontando para fatores como desgaste emocional, sobrecarga psicológica, necessidade de apoio institucional e desenvolvimento de mecanismos de enfrentamento individuais e coletivos.

Palavras-chave: trauma; tragédias; transtornos pós-traumáticos; jornalismo.

ABSTRACT

Journalism plays a fundamental role in conveying information of public interest, being responsible for mediating events and making them accessible to society. However, this role often requires professionals in the field to directly experience extreme and highly sensitive situations, such as natural disasters, tragedies, accidents, armed conflicts, and episodes of violence. This constant exposure to scenarios of human suffering constitutes what is known as trauma journalism, a field that seeks to understand and discuss the emotional, psychological, and ethical impacts arising from the coverage of traumatic events. Given this context, this study aimed to analyze and reflect on the emotional and psychological consequences faced by journalists working in this type of reporting, investigating how they absorb these experiences and what strategies they use to cope with trauma, both in their professional practice and in their personal relationships. The research adopted a qualitative and exploratory approach, with an emphasis on the production of a journalistic documentary as the final product, allowing for a combination of theoretical and practical analysis. Semi-structured interviews were conducted with two working journalists and a journalism student with experience covering sensitive stories, in addition to a literature review on trauma journalism, mental health, and journalistic ethics. The data collected highlights the complexity of professional work in traumatic contexts, highlighting factors such as emotional exhaustion, psychological overload, the need for institutional support, and the development of individual and collective coping mechanisms.

Keywords: trauma; tragedies; post-traumatic stress disorder; journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. DETALHAMENTO TÉCNICO	13
2.1. ENTREVISTADOS.....	13
2.2. SINOPSE	15
2.3. ROTEIRO DE CAPTAÇÃO	15
2.4. ROTEIRO DE EDIÇÃO	17
3. RELATO DE PRODUÇÃO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	32
ANEXOS	84

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo, como prática social e profissional, carrega a responsabilidade de informar o público sobre acontecimentos de relevância pública, incluindo tragédias, desastres e situações de violência. Assim, a cobertura jornalística desses eventos, por sua natureza, expõe os profissionais a cenários de sofrimento e dor, o que pode gerar um impacto emocional significativo. Dessa forma, esse campo de atuação é frequentemente descrito como “Jornalismo de trauma”, uma área que estuda os efeitos psicológicos e emocionais da cobertura de eventos traumáticos, tanto nos jornalistas quanto no público. Pesquisas do Grupo de Pesquisa em Educação Jornalística e Trauma (JETREG) apontam que a exposição constante a essas situações pode levar ao desenvolvimento de transtornos, especialmente quando não há preparo emocional ou suporte institucional adequado. São inúmeros trabalhos de pesquisa que visam responder como jornalistas em exercício correm o risco de sofrer danos físicos, emocionais, morais e psicológicos devido à exposição a eventos traumáticos ao longo de suas carreiras. (Jetreg, 2021)

Por outro lado, é também imperativo que os jornalistas e as suas organizações compreendam o impacto que a cobertura do trauma pode ter naqueles que “apenas” fazem esta cobertura e ajuda é denominado traumatização “secundária” – e a necessidade de estarem apoiados e preparados para este tipo de experiência. (Brayne, 2008, p. 36).

Os profissionais de jornalismo, enfrentam diariamente, o desafio de deixar suas casas e suas famílias para cumprir sua jornada de trabalho, sabendo que poderão ser confrontados com cenas profundamente trágicas, dependendo da pauta e dos acontecimentos da sociedade. Ao final do dia, esses profissionais retornam para casa carregando novas informações, experiências vividas e as imagens testemunhadas, que muitas vezes se tornam difíceis de processar emocionalmente.

Do Carmo Almeida *et al.* (2024) pontua que essa exposição contínua a situações traumáticas pode levar ao desenvolvimento de transtornos, como: ansiedade, depressão ou até mesmo Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), pois: “Transtornos psiquiátricos decorrentes de trauma psicológico, estresse e ansiedade representam uma causa crescente e amplamente prevalente de morbidade global”.

No entanto, a formação acadêmica do jornalista raramente aborda o preparo emocional necessário para lidar com esses desafios, assim, o foco recai, majoritariamente, sobre questões técnicas e éticas, como a busca pela objetividade, a imparcialidade e a precisão na informação.

Contudo, pouco se discute sobre como os jornalistas devem lidar emocionalmente com situações extremas, como a necessidade de entrevistar familiares de vítimas em acidentes ou cobrir tragédias em tempo real. Logo, a frieza exigida para agir de maneira profissional muitas vezes contrasta com a dor e a vulnerabilidade que o jornalista testemunha no campo.

Quando um jornalista vai a lugares violentos, para cobrir guerras ou revoluções, está exposto a um risco maior de desenvolver sintomas de trauma. Se algum deles passa por uma situação de sequestro, ferimento ou algum colega é morto, o risco aumenta ainda mais. Porém, os sintomas ainda são os mesmos (Feinstein, 2006, p. 29-30)

A pandemia de COVID-19 é um fato que pode ser utilizado para apresentar isso, uma vez que ela trouxe um cenário sem precedentes para o jornalismo, exigindo que os profissionais lidassem diariamente com um volume intenso de notícias traumáticas, como: mortes, colapsos no sistema de saúde e o impacto socioeconômico da crise. Nesse período, os jornalistas se tornaram peças fundamentais para manter a sociedade informada, mas isso teve um custo emocional significativo.

De acordo com números divulgados pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), 61,25% dos profissionais entrevistados (177 jornalistas) relataram um aumento da ansiedade e de estresse durante a pandemia. Assim, esses dados evidenciam como a cobertura contínua de um evento global de tamanha magnitude pode impactar a saúde mental dos jornalistas, que enfrentaram não apenas os desafios técnicos e logísticos do trabalho em meio a restrições sanitárias, mas também o peso emocional de noticiar, dia após dia, o agravamento de uma tragédia que tirava milhares de vidas (FENAJ, 2020).

A única coisa que qualquer pessoa tem certeza é que um dia sua vida chegará ao fim. Tudo tem um ciclo, desde o seu início até o seu fim, mas, por mais que tenham plena consciência disso, nunca será fácil falar ou até mesmo absorver a palavra "morte", apesar de muitas vezes entenderem, mas nem sempre aceitam.

Todo esse sentimento faz parte do que chamam de "luto", um processo emocional e psicológico que ocorre quando há um rompimento, uma perda. É uma reação natural à morte e envolve sentimentos de tristeza, dor, confusão, raiva e, principalmente, medo, de como será a vida dali pra frente, medo e reflexão sobre a própria vida, se colocando naquele lugar e entendendo que, para morrer, basta estar vivo — e que você está. Nesse contexto, o próprio pensador Demétrio Mota diz: "O pior luto não é o daquele que já morreu, e sim o daquele que ainda está vivo." (Mota; Demetrio, s.d).

Esse é um medo presente no cotidiano dos jornalistas, pois, ano após ano, o número de profissionais mortos aumenta. De acordo com a FENAJ, 2024 foi um dos anos mais mortais para a profissão, com 122 jornalistas e profissionais da mídia perdendo suas vidas, muitas vezes em campo, buscando informações para noticiar à sociedade (FENAJ, 2025).

O jornalismo é uma profissão de extrema importância para a sociedade, pois é por meio dele que as informações necessárias são disponibilizadas, permitindo que os indivíduos formem suas opiniões e tomem decisões conscientes sobre diversos assuntos. Sem o jornalismo, a população ficaria desinformada e vulnerável à manipulação, sendo guiada por rumores e incertezas. No entanto, como ocorre com todas as atividades de grande valor, o jornalismo tem um custo, e os profissionais da área frequentemente pagam um preço emocional elevado.

Diante desse cenário, é essencial que a sociedade olhe para o impacto emocional que essa rotina intensa pode causar. No entanto, tão importante quanto o reconhecimento externo é o próprio profissional desenvolver consciência sobre suas emoções, compreendendo os efeitos psicológicos de lidar constantemente com notícias difíceis.

Dessa forma, a falta de apoio das emissoras e veículos de comunicação, aliada à ausência de uma preparação adequada durante a formação acadêmica, torna essa sobrecarga ainda mais desafiadora, assim, por trás da credibilidade de uma reportagem, há um ser humano que enfrenta dilemas internos. Pois, cuidar da saúde mental é uma questão de bem-estar individual, sendo um fator essencial para garantir a qualidade e a ética do trabalho jornalístico.

O tempo para cuidar de si emocionalmente deveria ser uma preocupação antes do trauma corroer gradualmente a sua capacidade de pensar com clareza e de entregar o seu melhor trabalho. Você [jornalista] vai ser tentado a aguentar emocionalmente, porque isso tem sido uma expectativa no jornalismo (Schmickle, 2007, p 4).

Diante desse panorama, este trabalho propôs uma reflexão aprofundada sobre os impactos psicológicos da profissão jornalística, especialmente no contexto da cobertura de tragédias e morte. Assim, este trabalho buscou dar visibilidade à importância do suporte emocional para jornalistas, tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional, além de fomentar a criação de estratégias institucionais que auxiliem na preservação da saúde mental desses profissionais.

Como produto midiático, foi produzido um documentário que buscou ilustrar, por meio de depoimentos reais, os desafios enfrentados por jornalistas na cobertura de eventos traumáticos. O documentário, enquanto formato audiovisual, possui o potencial de gerar

empatia e engajamento, permitindo que o espectador compreenda de maneira mais profunda a realidade dos profissionais que vivem essas experiências.

Nichols (2001) enfatiza que os documentários são construções que apresentam uma perspectiva sobre o mundo, ao invés de serem representações neutras da realidade. Através desse viés, o filme é um instrumento para evidenciar como o trauma pode se manifestar no cotidiano jornalístico e de que forma os profissionais lidam, ou deixam de lidar com essas experiências.

A produção deste documentário envolveu um processo completo de planejamento, pesquisa, captação e montagem. Diferentemente das obras ficcionais, o documentário se destacou pelo compromisso de compreender e transmitir a realidade. Enquanto a ficção parte de roteiros previamente definidos, o documentário é construído a partir da observação, da escuta e da reorganização da realidade captada.

Dessa maneira, a primeira etapa do processo documental foi a pesquisa, que teve como função fundamentar a ideia central, delimitar o recorte temático e identificar personagens ou situações relevantes, pois, como afirma Hampe (1997), “o roteirista faz o mesmo tipo de pesquisa para um documentário que um escritor teria que fazer para um artigo em uma revista”. Essa pesquisa minuciosa é essencial para orientar os próximos passos da produção e avaliar sua viabilidade.

Em seguida, ocorre a pré-produção, onde são definidos os locais de gravação, cronograma, equipe técnica, equipamentos e, principalmente, o roteiro que, embora flexível, serve como guia para a captação. Segundo a Academia Internacional de Cinema (AIC) (2020), “Por se tratarem de pessoas reais, a criação do roteiro também será diferenciada, visto que você não terá como colocar as palavras exatamente da forma como deseja na boca de cada uma delas. Fala-se em pauta, ou pré-roteiro, mais até do que um roteiro propriamente dito”.

O registro audiovisual deve ser feito com atenção à mensagem que será transmitida, pois uma mesma história pode ter interpretações diferentes, assim, Penafria (2001) destaca que o documentário não é uma mera representação da verdade, uma vez que o roteirista seleciona e exerce seu ponto de vista sobre determinado assunto. Logo, essa escolha de como o documentário será montado e feito na pós-produção, o material bruto é editado e estruturado. A montagem organiza os sentidos e produz a argumentação visual e sonora.

Como afirma Puccini (2009), “Por mais que situações nascidas do acaso sejam incorporadas ao filme, é sempre bom ter em mente que um documentário é resultado de escolhas feitas pelo diretor na articulação de seu discurso”.

Produzir um documentário é, portanto, uma interpretação do mundo com uma lente crítica, artística e ética. Cada escolha, de enquadramento, de fala, de corte, contribui para a construção de uma narrativa que propõe um olhar sobre a sociedade.

Ao longo deste estudo, foi proposto um olhar para os desafios da cobertura de acontecimentos marcados pela dor, o papel dos veículos de comunicação na promoção do bem-estar de suas equipes e as possíveis medidas que podem ser adotadas para minimizar os danos emocionais inerentes ao exercício da profissão.

Em todas as profissões, as pessoas enxergam apenas o trabalho visível, sem considerar o que acontece nos bastidores. No entanto, poucas carreiras exigem o enfrentamento diário da morte e da tragédia. Além disso, a maioria dos profissionais não recebe uma preparação adequada para lidar com esses eventos, que geram luto e podem trazer diversas consequências emocionais e psicológicas.

Ser jornalista não anula o fato da humanidade intrínseca, com sentimentos e reações diante do que é vivenciado, pois quando a mente não está preparada para lidar com determinadas situações, o corpo também responde, e isso pode afetar tanto a vida pessoal quanto a profissional.

A falta de preparo emocional pode levar a reações inadequadas durante coberturas trágicas, como se observa frequentemente na mídia, quando repórteres fazem perguntas insensíveis a familiares de vítimas, como "Você está bem?". Muitas vezes, essa pergunta reflete a dificuldade do próprio profissional em assimilar o impacto da situação.

Além disso, a pressão por produzir matérias rapidamente e a exposição contínua a tragédias podem criar uma normalização da violência e da dor, tornando o jornalista menos sensível ao sofrimento alheio. Isso compromete a empatia na abordagem das reportagens, podendo gerar distanciamento emocional e desgaste profissional.

Diante desse cenário, esse estudo justifica-se pela necessidade de discutir e implementar estratégias para a preparação emocional dos jornalistas, incluindo treinamentos específicos, suporte psicológico e espaços para o desabafo e acolhimento.

A construção de um jornalismo mais humanizado e responsável depende não apenas da técnica e da ética profissional, mas também da saúde mental dos seus profissionais, assim, garantir que esses trabalhadores tenham ferramentas para lidar com o impacto psicológico de sua rotina é essencial para que possam exercer seu papel com equilíbrio, empatia e qualidade.

Assim, o objetivo geral deste estudo é conhecer as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas que cobrem situações de trauma e morte, expondo-se a essas cenas e fatos enquanto precisam manter o profissionalismo na cobertura das notícias.

Além disso, possui como objetivos específicos: Escutar relatos de jornalistas de diferentes áreas que vivenciaram a morte ao noticiar fatos trágicos para a sociedade, conhecer quais estratégias e suportes são oferecidos por empresas de comunicação para minimizar os impactos psicológicos da cobertura de tragédias e refletir sobre a importância de um preparo adequado para essa área durante a formação em jornalismo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com foco na produção de um produto midiático: um documentário jornalístico. A metodologia adotada combina levantamento bibliográfico e entrevista semiestruturada, ambos de caráter qualitativo e exploratório.

Na fase inicial do projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de fundamentar teoricamente o tema proposto e orientar tanto a construção do roteiro quanto a definição da abordagem narrativa do documentário.

Foram selecionadas obras conforme orienta De Macedo (1995), buscando “elementos julgados relevantes que coincidam com os temas e subtemas de seu esquema provisório”. Para isso, foram consultados livros acadêmicos, artigos científicos, dissertações, teses, reportagens e ensaios jornalísticos que abordem a morte no contexto da cobertura midiática. Também foram analisadas referências teóricas sobre linguagem documental, ética jornalística e processos de produção audiovisual.

Essa etapa permitiu compreender os principais conceitos, debates e perspectivas teóricas relacionadas ao objeto de estudo, além de fornecer subsídios para o desenvolvimento da fundamentação teórica e a elaboração do roteiro do documentário.

A segunda fase do trabalho consistiu em uma pesquisa de natureza qualitativa, com caráter exploratório. O objetivo foi compreender como os jornalistas percebem, vivenciam e relatam a morte em seu exercício profissional, especialmente em coberturas que envolvem perdas humanas, tragédias ou mortes simbólicas.

Segundo Duarte (2005), “a entrevista em profundidade é extremamente útil para estudos do tipo exploratório, que tratam de conceitos, percepções ou visões, com o intuito de ampliar o entendimento sobre a situação analisada”.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com profissionais da área jornalística, com o propósito de levantar experiências, percepções, dilemas éticos, escolhas editoriais e impactos emocionais relacionados à cobertura da morte.

A escolha por esse formato se justifica pela flexibilidade que proporciona, pois permite que o entrevistado se expresse livremente, enquanto o pesquisador conduz a conversa com base em um roteiro previamente elaborado.

Conforme Alonso e Trivinos (1990), esse tipo de entrevista “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização dos participantes, e parte do conteúdo foi utilizado como material bruto para a construção do documentário. Os critérios para seleção dos entrevistados incluíram: atuação na área jornalística com experiência em coberturas que envolvem a temática da morte, diversidade de veículos (impresso, rádio, televisão, digital) e gêneros jornalísticos, a fim de enriquecer o panorama da análise. O objetivo foi proporcionar ao espectador um conteúdo abrangente, que permita a formulação de sua própria opinião a partir do ponto de vista proposto tanto no filme quanto na pesquisa.

Concluída a coleta de dados, foi iniciada a etapa de produção do documentário, que integrou os relatos das entrevistas com imagens de apoio, trechos de reportagens, locução e recursos narrativos audiovisuais. A produção seguiu os princípios do documentário jornalístico, prezando pela veracidade das informações, pela ética no tratamento do tema e pelo respeito aos entrevistados.

O processo de produção incluiu as seguintes etapas: elaboração do roteiro final, captação de imagens, depoimentos, edição, montagem e finalização. O produto final buscou provocar reflexões sobre o papel do jornalismo diante da morte, promovendo uma abordagem humanizada e crítica sobre essa temática.

O objeto de estudo deste trabalho tem como público-alvo profissionais e estudantes das áreas de comunicação e psicologia, uma vez que propõe refletir sobre como o jornalista pode exercer sua função de informar a sociedade sobre os fatos que ocorrem na comunidade, especialmente em casos de tragédias e mortes, sem desconsiderar os impactos psicológicos que essas coberturas podem causar, podendo inclusive gerar traumas.

Com base nesse objeto de estudo, foi produzido um produto midiático: um documentário. Além de contemplar o público interessado no tema central, a obra também é

voltada para pessoas interessadas na área de produção audiovisual, como roteiristas, cinegrafistas, editores e demais profissionais do setor. O público-alvo inclui, ainda, moradores de Ribeirão Preto e região, já que as fontes entrevistadas serão locais e abordarão acontecimentos marcantes para a comunidade.

2. DETALHAMENTO TÉCNICO

O produto final deste trabalho consistiu na produção de um documentário de curta-metragem, com duração de 17 minutos. A construção narrativa foi desenvolvida a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com os personagens centrais, além da utilização de imagens de arquivo cedidas pelos próprios entrevistados.

Esses elementos visuais e discursivos foram entrelaçados para relatar e contextualizar suas histórias, oferecendo uma abordagem sensível e aprofundada dos temas abordados. O objetivo foi compor um documentário informativo e sensível, que provocasse reflexão no espectador.

A produção contou com o apoio voluntário de uma profissional da área de audiovisual, que demonstrou interesse pelo projeto e colaborou sem custos. As entrevistas foram gravadas no estúdio cedido pela Universidade, com iluminação mais fechada, criando uma atmosfera séria e intimista, remetendo visualmente ao estilo de documentários investigativos.

O curta foi disponibilizado gratuitamente na plataforma YouTube, por se tratar de um meio acessível e de fácil alcance ao público. A proposta foi realizar o lançamento oficial após a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso, em um evento noturno e intimista, com convidados selecionados, onde será feita a primeira exibição do documentário.

O título do documentário é *“Histórias que Marcam”*, expressão mencionada no início por um dos entrevistados, que faz uma analogia ao modo como os acontecimentos impactam e permanecem na vida do jornalista. A escolha do título buscou provocar o público e despertar curiosidade, sem deixar de lado o respeito que o tema exige.

A linguagem adotada é acessível e leve o suficiente para alcançar diferentes públicos, mas mantendo a formalidade necessária para tratar de maneira ética e responsável sobre a temática da morte.

2.1. ENTREVISTADOS

Guilherme da Silva Carvalho

Estudante de Jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), com certificação em Inclusão Social e Diversidade nas Organizações pela PUC-RS. Criador da

página *Guilherme Carvalho Notícias*, dedicada à cobertura de notícias factuais da microrregião de São Joaquim da Barra (SP), onde vem construindo sua trajetória profissional de forma independente.

Além deste trabalho, também atua como produtor de conteúdo para uma plataforma digital de conteúdo educativo para advogados, vestibulandos e graduandos de Direito na cidade de Ribeirão Preto.

Joel Silva

Fotógrafo há 30 anos e com apenas 59 anos de idade, Joel Silva dedicou grande parte de sua carreira ao jornal Folha de São Paulo. Foi lá que começou a cobrir grandes conflitos em diversos países, produzindo imagens que ultrapassaram fronteiras e estamparam capas dos principais jornais do mundo.

Além das coberturas de guerra, Joel também acompanhou Copas do Mundo, publicou suas fotos em veículos de destaque internacional, passou por treinamentos de defesa pessoal, sobreviveu a dias na selva colombiana com guerrilheiros das Farc e presenciou de perto a queda de uma bomba, a poucos metros de distância.

Juliana Melani

Formada em Jornalismo pelo Centro Universitário Barão de Mauá, com pós-graduação em Jornalismo Investigativo e Pautas Especiais pela Estácio, Juliana consolidou sua carreira passando pela Record TV, onde atuou como jornalista de TV e rádio. Mais tarde, tornou-se revisora no jornal Tribuna de Ribeirão e, em seguida, passou a integrar a equipe da Eleve Comunicação, atuando com marketing criativo.

Em um novo rumo profissional, ingressou na Polícia Civil como investigadora. Juliana acumula diversos cases de sucesso ao longo da carreira. Um dos mais emblemáticos é o caso Joaquim, ocorrido em Ribeirão Preto, no qual foi a responsável pela obtenção da confissão do padrasto, Leonardo Boldrini.

2.2. SINOPSE

O documentário “História que marcam” apresentou relatos sobre a vivência jornalística de três profissionais no contexto da cobertura de fatos trágicos que resultaram em morte. A produção mergulhou nas experiências pessoais e profissionais desses jornalistas, que compartilharam os dilemas éticos, os impactos emocionais e as pressões das redações diante de acontecimentos violentos e marcados por forte comoção pública.

Por meio de entrevistas e imagens de arquivo, o documentário propôs uma reflexão sobre o desgaste psicológico enfrentado por jornalistas que precisam lidar com a dor alheia sem perder a objetividade exigida pela profissão, dessa forma, os profissionais entrevistados revelaram momentos de suas rotinas marcadas por episódios difíceis, muitos dos quais deixaram cicatrizes invisíveis.

Mais do que retratar os bastidores da cobertura de uma tragédia, “Histórias que marcam” lançou um olhar crítico sobre o duplo papel do jornalista diante da morte: ao mesmo tempo em que cobre a perda de uma vida, ele se vê emocionalmente afetado, imaginando-se no lugar de quem sofre.

Com esse enfoque, o documentário propôs uma reflexão sobre a importância do apoio psicológico nas redações e da preparação específica durante a formação acadêmica dos jornalistas.

2.3. ROTEIRO DE CAPTAÇÃO

Doc:	Histórias que marcam
Entrevistado	Guilherme Carvalho; Joel Silva e Juliana Melani.
Tempo	17 min

VÍDEO	ÁUDIO
Close de teclas de computador escrevendo, em ajuste de câmera, pegando microfone (cenas de preparação para o trabalho).	Trilha sonora: som de redação ao fundo, com vozes e ruídos.

Cena do Joel sentado em uma cadeira com uma iluminação mais focada nele e um tom mais sério.	Início com relato sobre como as pessoas recebem uma notícia traumática e como isso transforma a vida delas.
Imagens fornecidas pelo entrevistado Joel dele exercendo sua profissão em meio a eventos traumáticos.	Som do vídeo intercalado com off da entrevista de Guilherme.
Notícias da internet sobre dados de traumas causados em jornalistas devido à cobertura de mortes.	Trilha sonora séria e tensa.
Cena do Guilherme dando seus relatos sentado em uma cadeira com uma iluminação mais focada nele e um tom mais sério.	Relato sobre como as pessoas recebem uma notícia traumática e como isso volta para os jornalistas.
Print de um relato de um espectador dizendo que o jornalista foi insensível na cobertura do acidente em São Joaquim da Barra.	Guilherme lê um print de depoimento.
Imagens fornecidas pelo entrevistado Guilherme dele exercendo sua profissão em meio a eventos traumáticos.	Música triste e som do vídeo com off da entrevista dele.
Cena da Juliana sentada em uma cadeira com uma iluminação mais focada nele e um tom mais sério.	Relato sobre o interesse dela pelo jornalismo investigativo, compartilhando vivências nesse universo.
Cena dela assistindo à própria entrevista com Guilherme Lombo.	Ela menciona o caso Joaquim, entrecortado com áudio da entrevista e seus comentários ao rever as imagens.
Dados sobre jornalistas mortos durante o exercício da profissão sendo exibidos na tela.	Som de teclado digitando ao fundo.
Cena do Joel reflexivo contando suas histórias.	Joel fala sobre sua percepção dos riscos ao cobrir guerras e eventos perigosos.
Vídeo de Joel com ferimento na cabeça, recebendo atendimento médico.	Áudio do vídeo.
Cena de Guilherme em um ônibus.	Barulhos ambientes de rodovia.
Cena do Guilherme na rodovia dando seus relatos.	Relato sobre a identificação com as vítimas e o medo de ter sido ele naquele lugar.
Fotos fornecidas pelo Guilherme sobre o	Música triste intercalada com trechos em off

acidente.	da entrevista de Guilherme.
Cenas da Juliana com a filha dela.	Som delas conversando e brincando.
Cena da Juliana sentada dando sua entrevista.	Relatando como foi cobrir um caso tão emblemático para a cidade, a morte de uma criança, enquanto também é mãe.
Joel dando seu relato sentado com uma iluminação focada nele.	Finalização com Joel destacando a importância do preparo emocional e profissional, como tudo isso o afetou, e o que o motiva a continuar.
Guilherme dando seu relato sentado com uma iluminação focada nele.	Por fim, Guilherme compartilha sua experiência na entrada oficial no mercado de trabalho e como vem se preparando para cobrir casos futuros.
Juliana dando seu relato sentada com uma iluminação focada nele.	Ela conclui explicando por que não atua mais no jornalismo investigativo e como a cobertura constante de casos de morte a afetou.
Joel olhando fotos na sua câmera reflexivo.	Música triste e reflexiva.
Juliana desligando o microfone e fechando o notebook.	Música triste e reflexiva.
Guilherme andando pela rodovia do acidente.	Música triste e reflexiva.

2.4. ROTEIRO DE EDIÇÃO

VÍDEO	ÁUDIO
Imagens de jornalistas com câmeras e microfones, preferencialmente de bancos de vídeos sem direitos autorais que possam ser utilizados. (Caso não haja disponibilidade, me avise, pois posso providenciar uma gravação.)	C0483 (01:01 - 1:16) Joel - Porque chega um momento na vida que percebemos que nada mais importa. Nada mais importa. Mas morreu. É olhar para a vida e entender que o que ficam são as histórias. Os personagens, esses vão, mas as histórias ficam, porque elas são do mundo Ao fundo toca um trilha reflexiva

	<p>Sugestão: https://elements.envato.com/cinematic-WF68K95</p> <p>Cinematic</p>
<p>Escurece a tela e surge o título: Além da notícia</p>	<p>A Música aumenta para dar emoção para o momento:</p> <p>Sugestão: https://elements.envato.com/cinematic-WF68K95</p> <p>Cinematic</p>
<p>Imagem dele dando a entrevista</p> <p>Aparece o nome dele - Joel Silva - Fotojornalista</p>	<p>MVI_6986 (00:50 - 1:44) Joel - Quem é Joel Silva? É uma pergunta difícil de responder porque... A gente conhece o mundo, e conhece a gente, às vezes, muito pouco. Mas eu sou um fotógrafo que descobriu a fotografia tarde, com 28 anos. E por incrível que pareça, meu sonho como fotógrafo era ser fotógrafo de esportes.[e não fotógrafos de situações de conflito, de tragédias humanas, nem nada disso. Então, eu sempre gostei da fotografia, sempre gostei da fotografia de esportes.</p>
<p>Fotos do Joel Silva trabalhando</p> <p>MG_6997 MG_9724 N6F1543 BOA3</p> <p>https://drive.google.com/drive/folders/1DybtJKMEy105Alqf7o1aDAPlg4_CpOH1</p>	<p>MVI_6986 (00:50 - 1:44) Joel - Mas por um acaso do destino, essas coisas do destino, eu fui sendo levado para essas coberturas mais tensas, enfim, de questões sociais e tudo mais.</p>
<p>Imagem dela dando entrevista</p>	<p>Aúdio (1:25 - 1:35) Juliana - Eu acho que eu sou uma pessoa muito curiosa. Desde sempre eu acho que isso é uma das minhas maiores características. (1:49 - 1:50) Então eu me formei em jornalismo, (2:03 - 2:38) Acabei não ficando na área. Fui para a polícia civil como investigadora, sempre nessa linha da curiosidade. Fiquei na polícia quase dez anos, até que precisei sair por um problema. Cerca</p>

	<p>de seis meses depois, conheci uma amiga que trabalhava na Record e ela me perguntou por que eu não ia lá falar com o Chico, que era o chefe de jornalismo na ocasião. Ela achava que eu ainda tinha jeito pra coisa, que eu arrancava as coisas dos outros com facilidade, enfim. Acabei indo falar com ele.</p>
<p>Inserir imagens de Juliana (Estou providenciando)</p>	<p>(2:51 - 3:30) Quando eu estava saindo, o Balanço Geral já estava ao vivo, era perto do meio-dia, e a matéria que abria o programa naquele dia era sobre o Joaquim — foi o dia em que ele sumiu. Comecei então a acompanhar o caso com a polícia e a passar as informações para a Record. Quando o inquérito terminou, o Chico, que estava de férias, voltou, me chamou e eu entrei. Foi assim que fui para o jornalismo investigativo, a partir dessa história.</p>
<p>Imagem dele dando a entrevista</p>	<p>MVI 8967 (00:50 1:29) Guilherme - Desde muito criança eu sempre gostei muito do jornalismo, fui a criança que preferia assistir jornal do que assistir filme. Quando me vi como vestibulando, ali no período do segundo e terceiro ano do ensino médio, eu sempre quis ser professor, porque acreditava que trabalhar com educação era uma forma de transformar o mundo — esse ideal utópico de transformação sempre me acompanhou.</p>
<p>Fotos do Guilherme trabalhando: Foto 1 Foto 2 Foto 3</p> <p>Colocar as fotos a partir da fala: “Ele veio dessa...”</p>	<p>(1:38 2:23) - Cursei um ano de Geografia, mas tive muitas dificuldades e não consegui me encontrar no curso. O jornalismo, que já era minha segunda opção, acabou se tornando o caminho natural. Ele veio dessa vontade de transformar o mundo, dessa consciência política que eu sempre tive, já que desde muito pequeno fui muito envolvido com política. Acredito que o jornalismo passa por isso: pela política, pela transformação, pela informação. Acho que essa é a minha vontade — transformar o mundo, dar voz às pessoas, contar histórias. Sempre gostei muito de escrever, sempre gostei muito de</p>

	português, e acho que foi isso que me trouxe até o jornalismo.
Imagem de Joel dando a entrevista	C0480 (12:59 - 13:18) Joel - Foi durante o massacre no Cairo, quando entrei em uma mesquita com cerca de 800 pessoas mortas. Não eram apenas as imagens das pessoas esticadas no chão, sangrando, mas também os gritos daqueles que ainda estavam vivos, parentes desesperados, e o cheiro forte de sangue. Foi uma mistura de sensações intensas, em que era preciso manter a concentração para que o mundo entendesse o que estava acontecendo ali.
Joel dando entrevista	C0480 (13:32 - 14:08) Joel - Atravessamos corpos, alguns queimados, com sangue escorrendo pelo tapete da mesquita, enquanto o grito dos inconformados ecoava nas paredes e voltava aos nossos ouvidos como um punhal. No momento em que se está fotografando, há uma concentração profunda, mas mesmo naquele dia, foi algo assustador. Isso abala profundamente. O profissional, quando está em uma zona de conflito, precisa ter muita concentração, porque um deslize pode custar a vida — como no meu caso, em que no dia seguinte acabei levando um tiro na cabeça.
Enquanto ele fala, colocar vídeos do tiroteio e uma foto dele machucado, deixando a voz dele mais alta, mas com um som de tiroteio ao fundo, em volume mais baixo. _MG_0728.JPG MVI_2269 (2).MOV RED__OEL886115MB-104.jpg RED__MG_077215MB-38.jpg f4c8f775-f597-4a8b-a8fe-4ea9678089c6.mp4	C0481 (00:00 - 00:20) Joel - De fato, a história do tiro na cabeça é que menos me causa trauma. Eu não tenho trauma nenhum com aquilo. Foi de raspão, foi de passar o sangue, limpamos, fizemos um curativo e fomos para a cobertura. Só isso. Eu tento manter isso na mais simplicidade possível.

<p>https://drive.google.com/drive/folders/1DybtJKMEy105Alqf7o1aDAPlg4_CpOH1</p>	
	<p>C0481 (00:20 - 00:33) Joel - O que me carrega mais são as coisas que eu vejo emocionalmente, sentimentalmente. Os gritos, as dores, a tristeza, a fome. Tudo isso é o que me carrega mais.</p>
<p>Notícia do caso joaquim (4:11 - 4:42)</p> <p>www.youtube.com/watch?v=2C0b3RUSqyg&t=348s</p>	<p>Aúdio da própria notícia</p>
<p>Juliana dando entrevista</p>	<p>Aúdio (13:30 - 13:45) Juliana - As pessoas sabiam que eu conversava com ele, que eu ia até a casa dele, que eu fui essas três vezes. Eu avisava, mandava localização em tempo real. Tomava os cuidados que eu podia. Então, nada foi feito escondido, nem da redação. Mas começou a ter uma pressão para conseguir essa entrevista logo.</p>
<p>MVI_7953 - Não colocar a parte que ela mostra a foto do celular</p>	<p>(15:14 - 15:36) Juliana - Quatro horas da manhã, mensagem do Guilherme avisando que queria gravar comigo no dia seguinte, mas que tinha que ser só eu, não era para levar a equipe. Falou que ele estava decidido a contar a verdade, que as pessoas tinham o direito de saber toda a verdade e que ele tinha me escolhido para poder fazer a entrevista.</p>
<p>Juliana dando entrevista</p>	<p>(20:31 - 20:51) E foi aquilo. E foi a entrevista, e aí ele confessa que matou um menino, mas com mata-leão, não com alta dosagem de insulina. Explica o que aconteceu nos dias anteriores e</p>

	posteriores do crime. E foi o que aconteceu. Gravei.
Guilherme dando entrevista	MVI_8969 (6:23 - 6:44 Guilherme - Foi o acidente com os estudantes do ônibus universitário na rodovia Valdir Canevari, entre Nuporanga e São José da Bela Vista, em que 12 universitários morreram no dia 20 de fevereiro de 2025.
Vídeo da notícia - (00:30 - 00:44) https://www.youtube.com/watch?v=W-1A925C4Oc	Som da notícia
Guilherme dando depoimento	MVI_8969 (7:43 - 7:53) (8:05 - 08:06) (8:40 - 8:50) Lembro que era por volta de 10h40 da noite, eu já morava e trabalhava em Ribeirão, quando o telefone tocou. Era um colega de São Joaquim da Barra, que me ligou do nada e disse: “Você viu que teve um acidente com os meninos? Já tem oito mortos.” Eu respondi que não, e imediatamente comecei a buscar detalhes.
Fotos do acidente: 8e537d41-73a5-47c8-b58e-fb7053d04022 31f76b59-04e5-4a65-812b-8a7567796083 556b97f2-3a37-41ee-93ec-1aa0e8e31a3a	MVI_8969 (11:12 - 11:30) Guilherme - Passei a noite inteira cobrindo o caso daqui de Ribeirão, em contato com inúmeras pessoas. Conversei com gente de São Joaquim que me enviava imagens, informações e atualizações. Fui apurando tudo por ligação, por mensagem, tentando organizar as informações que chegavam a todo momento.
	MVI_8970 (3:53 - 4:39) Guilherme - Por volta de duas da manhã, consegui falar novamente com minhas fontes do Corpo de Bombeiros de Orlandia e também do SAMU. Eles me confirmaram que as vítimas que ainda apresentavam algum sinal de vida

	<p>já haviam sido resgatadas e levadas para os hospitais de Nuporanga ou São Joaquim da Barra.</p> <p>Em seguida, recebi um áudio que dizia: “Guilherme, todas as vítimas que tinham mínimo sinal de pulsação, ou seja, de vida, já foram resgatadas e estão nos hospitais. Todos os demais estão em óbito e presos nas ferragens do ônibus.”</p>
<p>Vídeos do acidente:</p> <p>a242965b-6fce-4b63-92e1-55ce5c1f397b.mp4</p> <p>09731dbd-0100-4264-b2aa-1df014da9fa0.mp4</p>	<p>Aúdio do vídeo</p>
<p>Guilherme dando entrevista</p>	<p>MVI_8970 (4:41 - 4:59) Quando recebi essa informação, eu já não sabia mais como responder às pessoas que me procuravam o tempo todo — pais, amigos, irmãos, tias, familiares e conhecidos, todos desesperados por notícias, buscando qualquer informação que pudesse aliviar a angústia daquela noite.</p>
<p>Inserir o áudio com uma imagem que mostre que ele está sendo reproduzido — não precisa ser no formato do WhatsApp</p>	<p>AUDIO-2025-10-03-09-07-36.m4a</p>
<p>Joel dando entrevista</p>	<p>C0482 (5:07 - 6:29) Joel - Assim, inconscientemente, Gabriela, inconscientemente, a gente vai preenchendo... no seu subconsciente, esses pequenos traumas. Às vezes a gente não percebe, mas ele vai preenchendo ali, ele vai enchendo o seu cérebro desses pequenos traumas. Então, muitas vezes eu olho para isso, eu tento um pouco esquecer, enfim, a vida, o mundo é isso, a gente tenta se enganar ali, assim, ok. Mas elas voltam, voltam em</p>

	<p>forma de sonho, uma coisa que você precisa saber, por exemplo, que é rotineiro, acontece ainda até hoje, depois de anos ainda. Eu acordo de madrugada no meu quarto, às vezes, quando eu estou muito cansado, ou eu estou muito estressado, vou dormir cansado, de noite é comum eu acordar assustado, abrindo a porta, achando que estão invadindo a minha casa. Eu já acordei no corredor descendo a escada da minha casa, tem três pisos, eu estou no meio do corredor descendo as escadas, fugindo, e muitas vezes eu acho que a minha mulher está deitada do lado, morta, eu fico mexendo nela, está toda queimada, eu pego na mão e acho que a mão está queimada.</p>
Juliana dando entrevista	<p>(24:51 - 25:24) Juliana - Eu sou capaz de ouvir até o som da voz assim ainda, sabe? Tem um pedaço (25:00 também da confissão que ele fala, porque isso é uma coisa que me pegou muito estudando a história. A gente viu o inquérito, tem a cópia do inquérito até hoje. E no inquérito tem as fotos do corpo do Joaquim. Pra minha sorte como pessoa, as fotos estão em preto e em branco. Então elas chocam menos. Mas elas chocam muito.</p>

Guilherme dando entrevista	<p>MVI_8972 (8:14 - 9:19) Guilherme - Eu sou uma pessoa que lida bem com o luto, pelo menos até agora. Eu sempre soube lidar bem com o luto, no sentido de me desprender um pouco, de não ficar reverberando isso o tempo todo. Mas ainda hoje eu não tratei bem, tanto que eu estava falando sobre e me emocionei. E sempre que eu. Toco num assunto assim, ainda assim eu me sensibilizo. E toda vez que eu volto para São Joaquim, eu sempre toco no assunto, porque sempre que eu volto para São Joaquim, eu lembro do acidente. Toda vez que eu tô na universidade com o ônibus de São Joaquim, eu passo na frente; o ônibus é idêntico ao que aconteceu. Ou eu lembro da minha rotina de vir todos os dias com o ônibus, ou eu lembro do... Então, sempre que algo remete ao acidente, ainda assim eu me sensibilizo. Então, eu acho que a forma que eu lidei foi dia após dia. E aí, outras tragédias vão acontecendo e eu vou cobrindo outras tragédias. E eu acho que as coisas vão acontecendo e não tem muito. Para onde eu fugir?</p>
Juliana dando entrevista	<p>(27:07 - 27:54) Juliana - Apesar de eu não ter medo em muitas situações que eu acho que muitas pessoas teriam, eu tenho um sentimento de medo do mundo. Quanto mais eu vejo essas coisas, menos me impressionam, porque eu acho que as pessoas são sim capazes das maiores atrocidades, sabe? E isso, eu acho que a polícia e o jornalismo trouxeram pra minha vida. Eu não era uma pessoa que tinha tão pouco crédito na bondade das pessoas. Hoje eu tenho menos, sabe? Hoje eu acho que sim, qualquer um é capaz de matar alguém, a gente já sabe porque é cientificamente comprovado que qualquer um é capaz de matar alguém.</p>

Joel dando entrevista	C0480 (28:33 -28:42) Joel - Ah, eu tenho medo de viver a violência que eu documentei. Esse é um dos maiores medos que eu tenho. Viver a violência.
Joel dando entrevista	00001 (02:26 - 03:18) Joel - Várias vezes. Os meus limites emocionais são ultrapassados constantemente porque, diante da dor das pessoas, a minha é a menor. diante da tragédia das pessoas, a minha é a menor. Então, eu sou um espectador daquilo, eu sou um observador. Então, por mais que as coisas me machucam, eu sou obrigado a... isolar essa dor, ou ignorar essa dor, ou esse sentimento, para colocar no meu trabalho a dor das pessoas.

3. RELATO DE PRODUÇÃO

Produzir este documentário foi uma experiência profundamente desafiadora e transformadora. Anteriormente, tive a oportunidade de realizar uma produção com o suporte técnico e estrutural da equipe da UNAERP, o que me proporcionou uma base sólida e segura durante todas as etapas do processo, desde a captação de imagens até a edição das entrevistas. No entanto, ao encarar a produção atual de forma mais independente e com recursos mais limitados, percebi com mais intensidade a dimensão prática e emocional que envolve a realização de um projeto audiovisual.

A primeira grande dificuldade surgiu no manuseio dos equipamentos. Antes, eu contava com suporte técnico especializado, o que facilitava muito a gravação. Desta vez, precisei assumir algumas funções que, anteriormente, eram divididas entre diferentes membros da equipe: operar câmera, ajustar iluminação, posicionar microfones e, ao mesmo tempo, conduzir a narrativa. Essa sobrecarga exigiu muito mais planejamento, concentração e improviso para contornar falhas técnicas e garantir que o resultado mantivesse um padrão mínimo de qualidade.

Outro desafio significativo foi a relação com os entrevistados. Por se tratar de um documentário que aborda jornalismo de trauma, eu sabia que não se tratava apenas de fazer perguntas. Era necessário criar um ambiente seguro e acolhedor para que as pessoas se sentissem à vontade para compartilhar experiências sensíveis e, muitas vezes, profundas. Eles não tiveram medo de falar, mas apresentaram dificuldade em tocar em pontos delicados, pois muitos nunca tinham parado para refletir sobre os impactos emocionais que a cobertura de uma tragédia provoca. Em vários momentos, a própria entrevista foi o instante em que precisaram se encarar e compreender a dimensão do que viveram.

Construir essa confiança demandou tempo e empatia. Precisei adaptar a forma de conduzir as entrevistas, evitando pressionar, ouvindo atentamente e respeitando os silêncios. Não foi simples equilibrar a função de documentarista, que busca histórias autênticas, com a responsabilidade ética de proteger a dignidade e os limites emocionais de quem estava à frente da câmera.

Após coletar todos os depoimentos, me deparei com a dificuldade de construir um roteiro de um curta-metragem. A seleção das falas foi um processo lento e cheio de dúvidas, já que cada depoimento tinha entre uma hora e uma hora e meia de duração. Reduzir tudo isso a apenas 17 minutos foi um grande desafio, porque eu sentia que cada detalhe tinha relevância e merecia ser ouvido.

Com o tempo, percebi que precisava assumir uma postura mais estratégica: transmitir a essência do meu trabalho naquele espaço limitado e guiar o espectador por uma narrativa forte e envolvente. O receio de frustrar expectativas fez com que eu adiasse a escrita do roteiro e tornasse o processo mais complexo do que realmente precisava ser.

Mas, quando finalmente comecei a escrever, encontrei meu caminho. Consegui organizar as ideias, estruturar a mensagem e construir uma narrativa que traduzisse exatamente aquilo que eu queria comunicar.

Para editar o documentário, contei com a ajuda de um especialista que seguiu à risca os meus direcionamentos no roteiro. Durante as edições, pude acompanhar tudo de perto e, assim, sair um pouco da parte teórica da mensagem para entender como materializá-la na prática. Foi nesse processo que pude ver como cada transição, cada corte e cada escolha musical contribuíram para transmitir o sentimento que eu desejava despertar no espectador.

No fim, essa experiência me mostrou que a produção audiovisual vai muito além da técnica. É também sobre conexão humana, escuta ativa e sensibilidade. Apesar dos percalços e das limitações, acredito que o resultado carrega uma potência única, justamente por ser mais íntimo e pessoal. Produzir este documentário de uma forma mais independente me fez compreender, na prática, a complexidade de contar histórias reais, especialmente quando envolvem trauma e vulnerabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho retomam os principais resultados alcançados ao longo da pesquisa e do produto documental, refletindo sobre a importância do cuidado emocional no exercício do jornalismo, especialmente em coberturas de caráter traumático. Ao revisitar os achados teóricos e empíricos, torna-se possível compreender a dimensão do problema, a urgência de transformações estruturais na formação e no mercado de trabalho jornalístico.

O objetivo central desta pesquisa, que era evidenciar a necessidade do jornalista exercer um olhar introspectivo sobre seu próprio bem-estar e exigir um preparo e amparo sistêmicos mais robustos, foi integralmente comprovado. Os dados teóricos indicaram a prevalência de quadros clínicos sérios, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), o esgotamento profissional (burnout) e manifestações severas de ansiedade e depressão, demonstrando que o trauma é um custo real e quantificáveis da profissão.

A contribuição mais sensível e provocativa deste estudo surge na constatação de uma expressiva baixa autopercepção por parte dos profissionais quanto aos efeitos dessas vivências. Identificou-se uma cultura de minimização, negação e normalização do sofrimento emocional, fortalecida tanto pela urgência inerente à prática jornalística quanto por expectativas históricas de resiliência para com o jornalista. Essa dissociação entre o risco elevado, amplamente comprovado pelo levantamento bibliográfico, e a reduzida busca por apoio, observada empiricamente, evidencia uma falha estrutural da indústria da comunicação, que ainda negligencia a saúde mental de seus trabalhadores.

Diante desse cenário, torna-se perceptível que a preservação da saúde psicológica do repórter não pode ser tratada como responsabilidade exclusiva do indivíduo. A ausência de protocolos institucionais de acolhimento contínuo, somada à fragilidade da formação acadêmica, que ainda oferece pouco preparo para lidar com situações de trauma, revela um quadro de omissão que compromete o profissional e o próprio jornalismo enquanto serviço público.

A pesquisa que deu o suporte para produção do documentário e o resultado obtido das entrevistas reforçam que investir em políticas de cuidado, programas de suporte emocional e currículos formativos que incluam o jornalismo de trauma é imperativo ético. Cuidar do jornalista significa cuidar da qualidade da informação entregue à sociedade, fortalecendo a

credibilidade da imprensa e garantindo que narrativas sensíveis sejam tratadas com responsabilidade, humanidade e consciência profissional.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA INTERNACIONAL DO CINEMA (AIC). **Como fazer um documentário: conheça as principais etapas**. 2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/como-fazer-um-documentario/>. Acesso em: 01 set. 2025.

ALONSO, María Nieves; TRIVIÑOS, Gilverto. Poesía parra desorientar a la poesía. **Atenea**, n. 461, p. 89-101, 1990.

BRAYNE, Mark. Emoções, trauma e bom jornalismo. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 15, p. 31-46, 2008.

DE MACEDO, Neusa Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. Edições Loyola, 1995.
DO CARMO ALMEIDA, Carlos Eduardo et al. Vencendo o Trauma: Uma Visão Completa sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 2071-2081, 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, v. 2, p. 62-83, 2005.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Pesquisa FIJ: 61,25% dos jornalistas brasileiros têm aumento de ansiedade e estresse com o trabalho na pandemia**. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/pesquisa-fij-6125-dos-jornalistas-brasileiros-tem-aumento-de-ansiedade-e-estresse-com-o-trabalho-na-pandemia/>. Acesso em: 17 set. 2025.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **122 jornalistas e profissionais da mídia foram mortos em 2024**. 2025. Disponível em: <https://fenaj.org.br/122-jornalistas-e-profissionais-da-midia-mortos-em-2024-diz-fij/>. Acesso em: 14 set. 2025.

FEINSTEIN, Anthony. **Jornalistas sob ataque: os riscos psicológicos da cobertura de guerra**. JHU Press, 2006.

HAMPE, Barry. Making Documentary Films and Reality Videos: A Practical Guide to Planning. **Filming and Editing Documentaries New York: Henry Holt & Company**, 1997.

MOTA, Demetrio. **O pior luto não é daquele que já morreu**. S.d. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjAzMzgWMg/>. Acesso em: 09 set. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Indiana University Press, 2001.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. **Universidade da Beira Interior**, 2001.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, p. 173-190, 2009.

SCHMICKLE, Sharon. **Reporting war**. Dart Center for Journalism & Trauma, 2007.

APÊNDICES

DECUPAGENS DOS ENTREVISTADOS

Joel Silva

C0483.MP4 - Joel 1

[00:00:00] que eu não gosto, é óbvio que eu não vou, eu não sou um santo, tem pessoas que eu não tenho muita relação, eu não tenho muita, então ok, mantenho ela ali e tal, mas as pessoas que me recebem bem, que me tratam bem e eu trato bem, quando eu sento para tomar uma cerveja, eu sento para tomar um café, eu... Eu saboreio aquele momento com ela. Porque pode ser que em algum momento ela não esteja mais aqui. Ou eu não esteja. E aquilo fica, né?

[00:00:31] Tem uma frase no meu documentário, no final do documentário que eu falo isso, que é, contando as histórias, chega um momento da vida em que percebemos que nada mais importa.

[00:00:42] É olhar para a vida e perceber que as histórias, que o que ficam são as histórias. Os personagens, esses vão embora, mas as histórias ficam, porque elas são do mundo. Então, eu acho que essa frase reflete um pouco sobre isso que eu estou falando para você. Vou até repetir, porque chega um momento na vida que percebemos que nada mais importa. Nada mais importa. Mas morreu. É olhar para a vida e entender que o que ficam são as histórias. Os personagens, esses vão, mas as histórias ficam, porque elas são do mundo. Então, é uma frase que eu uso, porque eu vi muita morte, eu vi muitas pessoas conhecidas morrerem. E aí eu trago isso como reflexão.

[00:01:27] Você faz terapia?

[00:01:29] Não.

[00:01:33] Amanhã, por exemplo, eu vou fotografar um escritório de psicólogos, e eles ficam no meu pé, e eu falo, vamos fazer terapia. Meus filhos fazem terapia, minha mulher faz terapia, porque para lidar comigo tem que fazer terapia.

[00:01:48] Mas não é que eu sou contra, pelo contrário, eu acho fundamental a terapia, é um balizamento comportamental de vida, ainda mais em momentos... Mas eu tenho uma muleta, né? que é a fotografia, que me ajuda muito quando eu estou muito triste, e eu estou trist sempre, sempre não, mas sempre aquela angústia bate, enfim. Mas eu acho que sozinho eu consegui descobrir ferramentas que, quando eu percebo que estou angustiado, que estou muito triste, eu saio para fotografar, ou eu vou fazer alguma coisa no computador lá e logo eu sei que vai passar, e passa, enfim. Então eu ainda não encontrei meu tempo ainda para parar e fazer terapia. Eu acho que não vou encontrar porque eu já estou velho. A minha terapia talvez é viver.

[00:02:42] Hoje você não trabalha precisamente para nenhuma empresa?

[00:02:47] Veículo.

[00:02:50] Hoje eu não trabalho mais para nenhum veículo de comunicação fixo. Eu faço para todos e, ao mesmo tempo, para ninguém. Faço para a agência Reuters, faço para a Folha, faço para o Grupo, faço para o Estadão, faço para o Valor Econômico. Enfim, dependendo da notícia, eles me acionam, eu vou lá e faço.

[00:03:10] Hoje é que eu me tornei fotógrafo independente. Você acaba servindo para todos. Óbvio que, se você está fazendo uma pauta com exclusividade, vai para a Folha, para o Estadão, enfim. Mas eu sou independente hoje.

[00:03:23] E o que faz você escolher cobrir aquele fato?

[00:03:30] Aqui no Brasil, na verdade, é o dinheiro. Eu preciso de dinheiro, preciso trabalhar. Porque aqui não tem muito, no caso dos incêndios, porque é uma necessidade do jornalismo, é uma necessidade do jornalista.

[00:03:45] Eu não escolho ainda tragédias ou não tragédias, crises climáticas. Eu vou e faço. Porque você não pergunta para o soldado se ele escolhe qual batalha ele quer enfrentar. Ele enfrenta. Eu é a mesma situação que eu, eu não escolho. Preciso ir lá cobrir a seca no Rio Grande. Vou lá e faço o meu trabalho e tal. Enfim, eu preciso pagar minhas contas, a gente tem boletos. Então, eu não me dou ao luxo de escolher ainda o que eu quero fazer. Se eu pudesse fazer isso, óbvio que eu faria. Eu vou fazer apenas imagens legais, produção de... Porque tem a cobertura, essas coberturas, recentemente eu estava produzindo... material para uma revista francesa sobre o cultivo de laranja aqui no interior. É lindo, maravilhoso, você sobe o drone, o pessoal apanhando laranja, aquela cor bonita, o verde, o amanhecer e tal. É legal. Se eu pudesse fazer só aquilo, eu faria.

[00:04:45] Mas a gente vive do mundo, e o mundo produz tanto coisas boas como também coisas ruins. Então, eu ainda não consigo escolher fazer só as coisas boas. Eu tenho que fazer também crise climática, sofrimento, essas coisas.

[00:05:01] Mas você falou que você escolheria só as partes bonitas. Lá no início você falou que queria ir para o esporte.

[00:05:11] No começo da minha profissão.

[00:05:12] E acabou se encontrando em tragédia. Por que hoje você sairia das tragédias?

[00:05:19] Porque chega um momento, Gabriela, que o jogador de futebol cansa. Ele não faz mais gol. A condição física e emocional tem um peso. Então é preciso saber o momento de parar.

[00:05:37] Por exemplo, eu já recebi proposta para ir para a Ucrânia. Emocionalmente, talvez, eu não esteja preparado, porque tem tanto de coisas que eu já vi. E aí também, ao mesmo tempo, eu percebi que eu troquei a minha cobertura de tragédias humanas e fui para a tragédia climática. Então, eu senti que aqui é uma situação em que eu preciso trabalhar. Essa questão climática, chuva, sol, fogo. Então, assim, existe também uma coisa que eu sempre falo em palestras quando eu vou para a faculdade, essa turma do jornalismo que está vindo aqui, essa vai abraçar essas coberturas. Então, é preciso entender que o meu momento nas tragédias humanas, ele está passando, ele já está chegando no final, se já não chegou.

[00:06:25] E que aí a minha função talvez seja olhar para a sociedade com outros olhos, para outras questões que não envolvam tanto o risco. Mas mesmo assim no incêndio, nesse livro que eu estou escrevendo, eu vou narrar um momento que eu fico cercado pelo fogo dentro do Fusca.

[00:06:42] E assim, o fogo poderia entrar no fosco e eu ia morrer queimado lá dentro, porque estava muito próximo. A fumaça não cobriu a gente, tem a imagem disso. Eu fiz um vídeo disso.tiro

[00:06:53] E mesmo assim é um risco. Mas ele é um risco que eu poderia ter calculado, enfim, errei, mas é um risco menor do que eu estar em um tiroteio no meio da gasa. Então, hoje eu escolheria não fazer mais isso, porque eu já fiz muito isso, eu já contribuí com isso, e talvez a condição minha como idade, como física e emocional, é um fator que pode agravar o que aconteceu com muitos colegas.

[00:07:24] colegas antigos de profissão. Você já deve ter ouvido falar assim, nossa, a pessoa caiu, a menina que foi escalar o vulcão. Era experiente.

[00:07:36] Ela era nova, mas ela era experiente. Mas aconteceu recentemente um alpinista experiente no Chile, brasileiro, e caiu.

[00:07:45] Experiência. Então, a experiência, muitas vezes, ela é um fator, o medo que pauta. E aí, eu sou o melhor fotógrafo de guerra, eu vou lá para a Ucrânia. Eu sou ótimo, eu entro em uma trincheira.

[00:07:59] Fadrado a morrer. Então, eu acho que é o momento, o Pelé falou isso, muitas pessoas, você precisa saber o momento certo de parar. Eu acho que eu encontrei o momento certo de parar para essas questões de conflito, tragédias humanas e tudo mais. E aí eu estou focado mais nas tragédias climáticas, que também afetam a humanidade, que também matam pessoas, que também trazem tragédias humanas. Tudo isso também está envolvido, mas essa é mais próxima de mim. E talvez aqui ainda eu tenha fôlego para continuar na minha vida. Aí você fala, Jó, vocês trocariam? Não, essa eu não trocaria. O que eu falei para você talvez é assim, eu faço várias coberturas, eu faço a cobertura...

[00:08:40] Então, o setor de laranja, produção de laranja, eu faço. Porque é também minha função na parte da economia, do agronegócio, em feiras. A gente não escolhe ainda. Se eu

pudesse escolher, hoje talvez, faria uma coisa menos densa. Porque eu já estou chegando no final da minha aposentadoria, da minha vida como profissional. Eu nunca vou parar de fotografar. Mas eu estou, profissionalmente, construindo uma situação em que eu precise não depender mais disso, como financeiramente, e aí sim, aí posso escolher ali, vai depender do meu sentimento, do meu emocional, saber se eu aguento fazer aquilo ou não.

[00:09:32] Nunca. Desistir, não. É porque, quando você escolhe aquilo que você gosta, eu costumo brincar nas palestras que eu estou há 30 anos de férias. É controverso isso, mas no sentido de que a fotografia, o fotojornalismo... Eu falo fotografia, mas sempre levo para o fotojornalismo. Foi o que eu escolhi para mim. Tem um termo japonês chamado ikigai.

[00:09:58] Ikigai é um termo que diz que é aquilo que você escolheu como forma de viver. Agora eu vou falhar, mas depois pesquisem o ikigai.

[00:10:11] e que você escolhe aquilo que te faz bem, que você vê aquilo como necessário para a sociedade.

[00:10:21] Então, fotografar nunca, talvez deixaria de fotografar só se eu não tivesse mais condições físicas, seja ela fotojornalismo, seja uma fotografia conceitual, qualquer tipo de fotografia. Eu gosto de fotografia. Eu posso passar uma semana sem apertar o botão da câmera, 15 dias, um mês.

[00:10:41] mas eu estou sempre vendo fotografia, estou sempre alimentando de fotografia, vendo trabalhos de fotógrafos, estou sempre envolvido com a fotografia.

[00:10:50] Você falou 30 anos, você tem 30 anos de carreira.

[00:10:55] 31 agora, porque eu entrei em 94, nós estamos em 2025, então eu tenho 31 anos.

[00:11:01] O que mudou de forma positiva do Joel? O Joel?

[00:11:08] Eu penso que eu escolhi... Eu fui muito agraciado. no livro eu uso muito esse termo, os deuses do fotojornalismo. Eu fui agraciado por entender que essa era a minha profissão, que por mais que ela me cobrasse, por mais que tivesse reflexos dela...

[00:11:31] Eu vivi uma vida boa no sentido de trabalhar naquilo que eu gosto. Acho que poucas pessoas podem dizer isso depois de 30 anos. Eu escolhi a profissão certa com a tarde da vida, com 29 anos. Hoje eu estou em 60, vou fazer 60 anos no final do ano. Eu entrei com 29, então estou com 31.

[00:11:56] Eu posso dizer que eu sou uma pessoa muito feliz, e isso também é um dos fatores que sempre me traz para a realidade. Eu sou feliz porque eu escolhi a profissão certa. Por mais que essa profissão me dê muitas feridas.

[00:12:13] mas eu já vi muita gente fazer a mesma coisa sem gostar da profissão e ter uma ferida um pouco maior. Então, eu olho para o Joel de 94 e para o Joel de 2025, é um Joel realizado.

[00:12:32] Eu não consigo ver, porque eu sempre tento olhar a coisa com olhares mais... Sempre... Eu esqueci o termo que eu vou usar agora, mas assim...

[00:12:50] Eu olho para o Joel hoje como um... Eu esqueci o termo, mas, enfim, sempre animado, sempre...

[00:13:04] acreditando no mundo. Então, não sei se a partir do momento que você escolhe uma profissão que você gosta e você viveu 30 anos nela, por mais que ela te dê alguns traumas, algumas feridas... não consigo enxergar ali uma coisa negativa para mim. Porque eu acho que eu me tornei um Joel melhor conhecendo a profundidade da sociedade.

[00:13:31] Então, talvez, o Joel, que começou na profissão, ele era uma pessoa desconectada do mundo, como está lá no meu documentário, não olhava muito para essas questões. Hoje eu olho, hoje eu vejo, então... Não consigo achar um ponto negativo em mim que dizia, olha, Joel, você ficou mais... Talvez amargurado. Eu sou uma pessoa mais amargurada.

[00:13:54] Mas eu ainda acredito na humanidade, eu ainda quero acreditar um pouco na nossa sociedade. Então, não consigo achar. Acho que não tem... Acho que o amargurado seria talvez a expressão mais certa.

[00:14:09] Você gostaria de falar alguma coisa que eu não perguntei, que você acha importante?

[00:14:15] Não, eu acho que você foi muito feliz, porque você extraiu aqui uma coisa, acho que, de um modo geral, tudo o que a gente precisava dizer. O que eu gosto sempre de deixar como experiência, como conselho...

[00:14:34] é que as pessoas reflitam no coração delas sobre o que elas querem fazer da vida. E aí, se você olhar essa frase, você vai perceber as questões das relações humanas. Eu acho que quando você é feliz...

[00:14:54] Quando você tem a felicidade mesmo vivenciando tragédias.

[00:15:00] você vive mais as relações. Então, assim, quando você escolhe uma profissão em que você sabe que você vai acordar às seis da manhã e vai dormir uma hora da manhã, e esse tempo todo trabalhando, e a hora que você deita na cama uma hora da manhã, você ainda está feliz?

[00:15:19] Então, isso mostra o quão foi importante você saber escolher o que você quer fazer para a sua vida. Você vai se tornar uma pessoa menos amarga e mais feliz.

[00:15:31] Muito obrigada.

C0482.MP4 - Joel 2

[00:00:00] E a pessoa está morrendo porque ela não tem o que comer, não tem o que beber. E você vê aquilo, é uma morte muito lenta, é uma morte demorada, sofrida. Toda dor e sofrimento é o que mais afeta o profissional. E isso é o que me deixa muito... muito abalado. É uma das piores coberturas, você ir para a África, por exemplo, para o Sudão, para o norte de Angola, e lá você vê crianças para o Haiti, que tem uma forma de fazerem bolacha de barro.

[00:00:36] por causa da fome, das gangues, enfim. A população sofre na mão das pessoas que estão fazendo a guerra. Então, é o que mais me toca como fotógrafo.

[00:00:56] em questão de Gaza, enfim, das coberturas que você fez de guerra. Qual foi a que mais te marcou de guerra?

[00:01:10] É muito difícil responder qual cobertura de conflito mais me marcou, porque todos os conflitos em que eu cobri, as tragédias aconteceram. Seja no Sudão, seja no norte da África, na Líbia, seja no Cairo e seja no Oriente Médio, em Israel e em Gaza.

[00:01:31] Todos envolvem a falência do Estado, a falência da humanidade.

[00:01:38] Então, assim, é difícil. Eu posso mensurar alguns acontecimentos, o outro ali, porque uma bomba caiu e matou uma família de líbios fugindo da guerra. Decapitou duas crianças.

[00:01:53] Essa foi uma situação que eu não fotografei, porque eu não consegui ver as crianças decapitadas dentro do carro e sentei na calçada imaginando meus filhos ali. Se fosse aqui no Brasil, enfim, você carrega isso. Você transporta isso para a sua família simultaneamente. Ao mesmo tempo, também, você vê uma criança negra, toda suja de terra, e o pai... negro, ali com a cabeça ensanguentada, morta, crianças de dois anos, um ano. Então, enfim, são cenas que realmente mexem muito com a gente.

[00:02:30] Tem uma parte do livro que eu falo, sangue misturado à pele negra das vítimas daquele massacre do cotidiano africano. Então, como é que eu mensuro qual foi o pior? Porque cada um tem um efeito diferente.

[00:02:49] no nosso íntimo. Então, assim, você vê a tragédia ali na Líbia, você vê a tragédia de pessoas morrendo no Cairo e vê a tragédia de pessoas morrendo na África. Não tem como eu mensurar isso. Todas elas têm um peso muito grande no nosso interior.

[00:03:11] Você falou que geralmente, por exemplo, quando você vai fazer viagem, seria hotel, mas quando você está por aqui, você vai para a sua casa, correto? Sim. O que é a primeira coisa que você faz quando você chega em um local depois da trajetória?

[00:03:28] Depende, por exemplo...

[00:03:32] A primeira coisa que eu faço quando eu retorno de uma cobertura tensa é uma coisa meio básica também, porque a reflexão a gente faz, por exemplo, numa viagem, estou no Oriente Médio, ou fui para a África. No momento que você está ali, no dia a dia da cobertura, você não pensa muito. Não é uma coisa que você fica refletindo a minuto a minuto, porque você sabe, quem cobre conflito sabe, que aquilo vai mexer muito com você e é melhor eu mexer naquela hora.

[00:04:06] Não é hora de você fazer reflexões profundas sobre a humanidade. É hora de você se concentrar tecnicamente. E aí o que acontece muito no voo de volta, ou no carro de volta para casa, aí vem a reflexão. Mas depois que você sai daquela situação de perigo até, você está numa zona de conforto que aí você começa a refletir sobre as questões todas e tudo isso. Então, assim...

[00:04:38] A rotina não se pensa muito. Você só vai pensar isso quando você está numa situação de conforto e aí você começa a refletir um pouco sobre como foi tudo aquilo.

[00:04:57] Praticamente. Eu não... Assim, inconscientemente, Gabriela, inconscientemente, a gente vai preenchendo... no seu subconsciente, esses pequenos traumas. Às vezes a gente não percebe.

[00:05:21] mas ele vai preenchendo ali, ele vai enchendo o seu cérebro desses pequenos traumas. Então, muitas vezes eu olho para isso, eu tento um pouco esquecer, enfim, a vida, o mundo é isso, a gente tenta se enganar ali, assim, ok.

[00:05:41] Mas elas voltam, voltam em forma de sonho, uma coisa que você precisa saber, por exemplo, que é rotineiro, acontece ainda até hoje, depois de anos ainda. Eu acordo de madrugada no meu quarto, às vezes, quando eu estou muito cansado, ou eu estou muito estressado, vou dormir cansado, de noite é comum eu acordar assustado, abrindo a porta, achando que estão invadindo a minha casa. Eu já acordei no corredor descendo a escada da minha casa, tem três pisos, eu estou no meio do corredor descendo as escadas, fugindo, e muitas vezes eu acho que a minha mulher está deitada do lado, morta, eu fico mexendo nela, está toda queimada, eu pego na mão e acho que a mão está queimada.

[00:06:24] Essa é uma situação muito comum para o estresse pós-traumático. Isso acontece com soldados americanos, com soldados que vivenciam muito. É por isso que tem, no meu caso, como fotógrafo... eu carrego para esses pesadelos, essas situações que você acha que está sendo bombardeado, acha que está sendo perseguido, acha que está sendo morto, ou a pessoa que está do seu lado está morta. Então, eu acho que é isso que acontece quando você volta para casa.

[00:06:54] depois de um tempo, é isso que acontece, é a rotina de quem volta para casa.

[00:07:00] Você já teve alguma perda dolorosa em algum momento de trabalho?

[00:07:04] De amigos, sim, sim, sim. Perdi...

C0481.MP4 - Joel 3

[00:00:00] De fato, a história do tiro na cabeça é que menos me causa trauma. Eu não tenho trauma nenhum com aquilo. Foi de raspão, foi de passar o sangue, limpamos, fizemos um curativo e fomos para a cobertura. Só isso. Eu tento manter isso na mais simplicidade possível. Por quê? Porque é para não afetar. O que me carrega mais são as coisas que eu vejo emocionalmente, sentimentalmente. Os gritos, as dores, a tristeza, a fome. Tudo isso é o que me carrega mais.

[00:00:32] E o medo da sua família? A sua família tem medo de te perder? Não, esse é um assunto que a gente muito pouco debate em casa, porque...

[00:00:44] Filho, né? Filho, filha, minha esposa, é um assunto que é tabu, eles não gostam que eu fale, e eu sempre procuro falar como o...

[00:00:57] Gilberto Gil falou da morte da filha. Ele falou para ela um dia, olha, não se aperte, se você vê que está sofrendo, relaxe, deixa ir embora, vai embora. É difícil para um pai falar isso para uma filha. E esses assuntos, ainda hoje, no almoço, eu estava lavando a louça, eu falei sobre essa questão da morte. Eles não curtem muito essa discussão em casa, com relação a mim, porque eu estou muito na estrada, com fusca, né? E eu estou escrevendo um capítulo agora do meu livro, terceiro livro, que eu falo da morte na estrada, que eu quase sofro um acidente e tal. E essas reflexões vêm para mim também, mas eu sempre tento prepará-los para a morte, porque isso vai acontecer, a gente não precisa fugir disso. Mas é um tabu, eles não gostam muito, não.

[00:01:50] É trágico, é talvez uma das piores cenas que um ser humano pode ver do outro. Por mais que você seja...

[00:02:07] que você não tenha nenhuma relação com a pessoa, você vê um espasmo da morte na sua frente, esse é um dos grandes traumas que os soldados americanos carregam para dentro dos Estados Unidos.

[00:02:24] Porque você vê isso num filme, você vê isso numa... é uma coisa. Mas você ouvir isso e ver isso presencialmente... Eu acho que é a pior cena, a pior imagem, a pior situação que um ser humano pode viver na vida. Acho que é isso. Você se ocupa? Não, não. Eu entendo que é um trabalho.

[00:02:52] Eu entendo que é uma necessidade, talvez, mais que um trabalho, é uma necessidade a gente presenciar esse tipo de situação. Eu não me culpo por ver a morte.

[00:03:07] porque não foi causada por mim, não foi... Eu estou ali como um espectador, um profissional.

[00:03:17] e eu vou carregar aquilo comigo, então não me culpo. Mas eu olho para a sociedade com muito descrédito, muita coisa, porque é isso que acontece.

C0480.MP4 - Joel 4

[00:00:05] Mas tem mais um bate-papo, então pode ficar à vontade, se você quiser falar, contar histórias.

[00:00:11] E depois vocês cortam lá.

[00:00:12] É, vou te guiando em algumas perguntas, mas daí você pode escorrer em histórias, histórias suas, enfim, que você vivenciou.

[00:00:26] Quem é Joel?

[00:00:32] Difícil, porque... Não pode mexer muito. Eu repetia.

[00:00:45] Não, mas eu poderia seguir da forma como ela falou, mas isso é prático, para eu repetir a pergunta falando. Você não precisa fazer o bate, não, porque vai syncar com a voz.

[00:01:05] Quem é Joel Silva? É uma pergunta difícil de responder porque...

[00:01:11] A gente conhece o mundo, e conhece a gente, às vezes, muito pouco. Mas eu sou um fotógrafo que descobriu a fotografia tarde, com 28 anos.

[00:01:26] Mas eu sempre fui apaixonado, enfim. E por incrível que pareça, meu sonho como fotógrafo era ser fotógrafo de esportes.

[00:01:35] e não fotógrafos de situações de conflito, de tragédias humanas, nem nada disso. Então, eu sempre gostei da fotografia, sempre gostei da fotografia de esportes.

[00:01:46] Mas por um acaso do destino, essas coisas do destino, eu fui sendo levado para essas coberturas mais tensas, enfim, de questões sociais e tudo mais.

[00:01:59] Como que você entrou nessa área?

[00:02:02] Eu...

[00:02:04] Eu entrei na Folha de São Paulo aqui em Ribeirão, no caderno da sucursal da Folha aqui, por um ato de coragem meu.

[00:02:16] não sei se posso contar, enfim, eu estava desempregado, não tinha dinheiro, devendo três meses de aluguel. E aí eu fui, num domingo, ir almoçar na casa da minha esposa, porque eu não tinha realmente dinheiro nem para o almoço, quando teve um vendaval em Ribeirão Preto.

[00:02:34] E eu, passando pela França Junqueira, perguntei para um bombeiro o que tinha acontecido. Ele falou, cara, teve um vendaval, estava tudo destruído, Antártico e tal. Nesse momento, eu sem dinheiro, fui para o aeroporto e consegui convencer o Leandro, que era do aeroporto, do aeroclube. a fretar um avião por 700 reais na época, 700 URVs, mas 700 reais. E aí dei um cheque para ele para 30 dias, sobreviveu à cidade, fotografei e fui vender essa imagem para a Folha.

[00:03:04] Enfim, a Folha se interessou, comprou e pagou um frila para mim de 700 reais. Eu tive 300 de aluguel e me sobraram 400. São aquelas coisas que eu sempre conto isso para ilustrar um pouco de que todas as conquistas têm um preço, um ato de coragem.

[00:03:24] Enfim, aí entrei na Folha, mas sempre com esse sonho de ser fotógrafo de esportes, cobrir Copa do Mundo, Olimpíada, enfim. E cheguei a cobrir quatro Copas do Mundo e tudo mais, mas logo no começo eu fui para São Paulo para trabalhar no jornal Notícias Populares.

[00:03:41] E o jornal Justiça Popular é um jornal que traduzia a periferia para o mundo e traduzia o mundo para a periferia. É uma frase que eu falo no meu documentário. E ali eu comecei a ter contato mais próximos com uma realidade que não era minha, uma realidade de tragédia, de violência.

[00:03:59] Então, eu comecei a observar isso mais de perto. E aí, no primeiro crime que eu fui cobrir em São Paulo... Um jovem morto numa rua escura, iluminado pelas viaturas da polícia e tudo mais, aquela cena de CSI mesmo, enfim, aquela coisa. Tinha uma senhora sentada de frente para o corpo. E antes que eu fizesse o primeiro clique, eu resolvi investigar aquela senhora, para saber quem era ela.

[00:04:26] E aí eu sentei do lado dela e perguntei, quem é? Ela falou, é meu neto, morto. E aí eu perguntei, posso tirar uma foto do seu neto? Ela olhou para mim, ela não tinha olhado para mim nem até então. E eu falei, olha, ela falou, olha, para que você quer tirar uma foto do meu neto?

[00:04:41] Nesse momento, é aquela divisão que a gente percebe qual é a nossa função na sociedade, ou pelo menos ela se mostra para a gente. E aí eu, como tentativa de aliviar a minha consciência, era meu trabalho.

[00:04:55] E ela não disse nada, enfim, o policial entregou o papel para ela, pediu para que ela fosse até a delegacia e o IML para retirar o corpo no dia seguinte. Ela levantou e deu dois passos, e ela olhou para mim e disse, olha, se for para você fotografar meu neto apenas para fazer o seu trabalho, melhor não.

[00:05:12] Mas se lá no seu jornal se disser que meu neto morreu por conta das drogas e os jovens vão todos morrer, e os jovens também vão morrer por conta das drogas, aí você pode tirar foto do meu neto. Ele precisa ter uma função nessa história.

[00:05:28] E eu não entendi também naquela hora, porque a gente é ignorante. E aí fotografei aquela cena, que para mim era uma cena maravilhosa, tecnicamente, como fotógrafo. No dia seguinte, eu contei essa história para um editor de jornal, diretor de jornal. E ele me apontou, falou, Joel, é esse o seu caminho, segue para isso. E aí eu comecei a refletir sobre qual é a minha posição dentro da minha profissão.

[00:05:59] E aí eu acho que fui descobrindo um pouco do Joel, fotógrafo, mas o Joel, fotógrafo, preocupado com essas questões sociais. E aí comecei a cada vez mais mergulhar nessa cobertura das tragédias na década de 90.

[00:06:16] de 1990 até 2000, havia muita chacina, muito homicídio, muita violência. E a gente estava mergulhado nessa violência. Eu mergulhei nessa violência. E aí comecei a construir um pouco essa cobertura, essa reflexão como jornalista, como fotógrafo, sobre as questões sociais.

[00:06:38] E como você sente que as pessoas recebem suas imagens? A sociedade recebe suas imagens?

[00:06:44] A ideia sempre é...

[00:06:48] provocar reflexão, sempre. Eu acho que a maioria dos fotógrafos que trabalham nessas questões sociais, é sempre provocar uma reflexão, não é o exagero, não é...

[00:07:03] a imagem gratuita, mas é sempre tentar provocar. Às vezes, nós somos felizes. Mas, na maior parte do tempo, não. As pessoas não entendem ou não querem entender. Tanto que eu tenho uma frase que eu sempre digo, eu escrevi ela no livro, que a função do jornalismo é descer no porão da sociedade e trazer à luz dela aquilo que ela não consegue ver. Ou, muitas vezes, não quer ver. Isso simboliza um pouco essa sua pergunta, porque, assim, muitas vezes as pessoas não querem ver. A sociedade, de modo geral, não quer ver a violência, não quer ver a tragédia, elas não querem ver essas coisas. Então, ficam... E esse é o desafio. Devemos desistir? Não. Mas esse é um desafio, tentar mostrar para a sociedade, através de uma imagem, o porão dela, para que ela tente mudar. É uma briga, é um conflito profissional. Assim como o advogado é, nos tribunais, enfim, os médicos, os hospitais, eles veem muita tragédia e tal, mas a nossa função é contar essa tragédia, ilustrar essa tragédia, para que ou ela seja evitada...

[00:08:14] ou muitas vezes a gente não tem sucesso com isso. Mas, por conta disso, a gente não deve parar. A minha função agora na sociedade como fotógrafo é documentar as tragédias climáticas.

[00:08:29] secas, tempestades de areia, como tem muito aqui em Ribeirão Preto. Como eu fui para os rios aqui da região, fui para um deserto aqui no Brasil, o primeiro deserto realmente oficial. Enfim, as tragédias climáticas estão no nosso quintal. E a nossa função é ali fotografar e mostrar para as pessoas, olha, se você não plantar uma árvore, você vai sofrer com a crise.

[00:08:54] E como as imagens falam com você?

[00:09:00] Eu sempre olho para as questões tecnicamente no primeiro momento. Se os elementos daquela imagem estão bem compostos para contar uma história. Esse é o meu primeiro momento.

[00:09:15] Na verdade, aí a reflexão sobre o que aquela imagem conversa comigo, ela vem depois. Talvez depois da cobertura, porque aí você analisa. Por exemplo, vou dar um exemplo muito próximo. A grande cobertura dos incêndios no interior que eu fiz para a agência de notícias Reuters, que é uma agência inglesa. No primeiro momento, você está muito no calor da cobertura. Então, você só fotografa, encontra o enquadramento certo, com os elementos ali, o fogo, o incêndio, os carros queimados, o incêndio que invadiu um condomínio. Você está muito concentrado nessas questões. Mas depois que passa, eu revivo aquelas imagens, aí eu começo a olhar de uma outra forma. Muitas vezes, como feliz eu fui de estar no momento certo, numa hora certa. E aí sempre a reflexão vai ser de que... Eu fiz o trabalho certo com aquelas imagens? Então, elas conversam comigo como uma cobrança, como uma forma de dizer, olha, Joel, e aí? Como é que foi todo esse trabalho? Eu fui feliz, não fui? Eu preciso melhorar nisso?

[00:10:23] É uma... Como é que fala? DR. Entre o fotógrafo e a imagem. É uma DR, uma discussão de relação mesmo. E aí, muitas vezes, a gente se frustra. Nossa, poderia ter feito dessa forma, não fiz. Porque esse retorno ao encontro das imagens é importante para que você, na próxima cobertura, esteja mais experiente para não cometer alguns erros, enfim, a compulsão. Muitas vezes dá sorte, mas tem uma cena que é a única cena que eu fiquei realmente achando que poderia ter melhorado. Por exemplo, nos grandes incêndios, eu fui para uma cidade depois de Dumont fotografar pessoas que tinham perdido tudo, as casas e tudo mais, de um assentamento.

[00:11:18] Na ida, eu vi uns carros queimados ali na beira da pista. Falei, na volta eu faço. E na volta, eu passando, eu parei o carro e fui lá investigar. Era um pátio de carros da polícia, que todos tinham sido destruídos. Carros que estavam envolvidos em crimes, em drogas e tudo mais, pressão.

[00:11:37] E o cara que estava vindo lá, ele falou, meu, sai daqui que o delegado está vindo e ele não quer ver ninguém aqui porque ele está muito nervoso. Aquilo me assustou. Eu falei, bom, eu estava com o drone, eu ia decolar o drone. Aí eu me afastei um pouco, subi o drone e coloquei numa altura...

[00:11:56] uma altura que não fosse perceptível, que produzia as imagens para rodas. E aí o chefe da roda disse, você não tem uma coisa mais fechada? Tinha algumas coisas fechadas que dava para fazer o recorte, mas a imagem bruta fechada, não.

[00:12:11] E aí eu falei, não, cara, não fiz, porque estava uma situação tensa e tal. Depois eu reavaliando isso, eu falei assim, não, eu poderia ter descido o drone, feito um pouquinho mais fechado, com recorte dos carros. A foto saiu no G1, saiu em vários lugares do mundo.

[00:12:26] Eu falei, eu poderia ter feito diferente. Então, eu acho que quando eu revejo as imagens, sempre a intenção é de que... É uma DR. Eu preciso ver o que eu fiz e como eu fiz aquilo, para que eu possa, na comunicação, a fotografia é uma comunicação, melhorar essa comunicação.

[00:12:53] A cena que mais te marcou que você teve que fotografar?

[00:12:59] Foi o massacre no Cairo, onde eu entrei numa mesquita com 800 pessoas mortas.

[00:13:06] E ali não só as imagens das pessoas esticadas no chão sangrando, mas também com o grito das pessoas que estavam vivas ali, parentes.

[00:13:18] E o cheiro do sangue. Então, assim, foi uma mistura de várias coisas em que você precisa se concentrar, eu falo isso no documentário, você precisa se concentrar para que o mundo entendesse o que aconteceu ali.

[00:13:31] E aí você atravessa corpos todos, às vezes queimados, sangue escorrendo no tapete da mesquita, o grito das pessoas, o grito dos inconformados que eu falava, que rebata nas paredes e volta para os nossos ouvidos como um punhal.

[00:13:47] No momento em que você está fotografando, você está muito concentrado, mas, mesmo naquele dia, foi uma coisa assustadora.

[00:13:57] Tanto que isso abala... O profissional, quando está numa zona de conflito, ele precisa ter muita concentração, porque um deslize e ele pode morrer, como no dia seguinte eu tomei o tiro na cabeça.

[00:14:09] Porque foi um deslize, talvez, eu penso. Eu sempre pergunto, será que foi um deslize? Porque você fica muito abalado. Então, eu acho que a cobertura do massacre no Cairo, onde o volume de mortes era muito grande no mesmo dia, 800 pessoas. e as pessoas chorando, mãe gritando, mãe tentando ressuscitar um menino morto, crianças mortas, adolescentes, enfim, é uma cena que...

[00:14:33] Normalmente essas coisas me afetam quando eu todo o voo de volta para o Brasil. Mas naquela situação, eu senti ali na hora, ainda comentei com um correspondente que estava do meu lado, disse assim, está muito pesado isso aqui. Está muito pesado. Como os correspondentes estão em Gaza, eu morei em Gaza, eu conheço boa parte daqueles correspondentes, estão morrendo de fome, porque não tem comida para eles. E boa parte deles eu conheci, eu morei em Gaza, minha casa está destruída lá em Gaza.

[00:14:59] Mas a cena das pessoas numa mesquita morta foi uma cena muito forte e o clima estava muito pesado, tanto que eu produzi o máximo que eu podia produzir o mais rápido possível e saí da mesquita e fui para o hotel para mandar o material para o jornal e tudo mais.

[00:15:20] Um pouco de amargura, um pouco de incredulidade na humanidade.

[00:15:29] Eu penso que cada vez mais que a gente se depara com situações como essa, uma das coisas que afeta muito o jornalista é exatamente isso. Ele está constantemente envolvido ou em contato com as tragédias humanas. E isso traz para dentro dele uma amargura da alma, uma coisa de reflexão sobre se estamos no caminho certo como humanidade. Acho que é isso.

[00:16:05] Você já se sentiu invadindo a dor de uma pessoa para cumprir uma pauta?

[00:16:09] Não, porque essa é uma das maiores... A pergunta qual é? Traduzê-la melhor.

[00:16:15] Você já invadiu a dor de alguém? Você já sente que você foi invasivo? para poder fazer uma fotografia, cumprir pauta, por alguma ordem de educação?

[00:16:28] Não, porque eu acho que eu sempre tomei muito cuidado no massacre. No Cairo, por exemplo, eu estava na rua e um cortejo fúnebre estava vindo.

[00:16:40] Essa cena eu acho importante mostrar, porque eu tento ilustrar um pouco essa dificuldade, ou esse desafio do jornalista, porque ele muitas vezes não sabe o limite, o limite daqui para ali. E eu estava vindo, quando eu deparei com o cortejo, que eu sempre fiz isso, eu vim com a minha câmera no chão, apontada para baixo, e andando de vasto de frente para eles. Quando um deles me olhou, eu levantei a câmera. Ele só fez assim, olha. Aí eu olhei para o outro, o outro olhou para mim e eu fiz assim. Ele fez assim. Ali eu tinha um consentimento mesmo que visual que eu poderia fazer meu trabalho. Isso aconteceu também em várias situações, como na ocupação do Morro do Alemão, na Colômbia, na América Central, na África.

[00:17:28] deparei com várias mortes, enfim. Eu tomo muito cuidado para não ser invasivo e tentar, às vezes, mostrar para as pessoas qual é o meu papel ali. Se elas não entenderam e não autorizam, eu vou embora, como já aconteceu várias vezes. Eu não faço. Já justifiquei para os meus editores, olha, não fiz, porque não tinha autorização, simplesmente. Eu poderia fazer com uma lente de longe, fazer de um jeito que as pessoas não percebessem, mas eu sempre, na minha vida profissional, sempre, desde que me tornei fotógrafo, eu tinha essa preocupação de não ser uma pessoa invasiva. para ocupar, para invadir a dor de uma pessoa, porque eu tinha necessidade de documentar aquilo. É preciso entender... que por mais que ali esteja necessitando de olhar o mundo, olhar aquilo, há uma outra possibilidade, há uma outra ferramenta, há um outro momento em que você pode fazer isso sem ser invasivo na dor das pessoas.

[00:18:32] Várias vezes. Os meus limites emocionais são ultrapassados constantemente porque, diante da dor das pessoas, a minha é a menor.

[00:18:46] diante da tragédia das pessoas, a minha é a menor. Então, eu sou um espectador daquilo, eu sou um observador. Então, por mais que as coisas me machucam, eu sou obrigado a...

[00:19:02] isolar essa dor, ou ignorar essa dor, ou esse sentimento, para colocar no meu trabalho a dor das pessoas. Então, assim, meus critérios éticos, não, mas as minhas dores como ser humano, sim. Eu carrego dores até hoje, profundas, de coisas que eu fiz como fotógrafo.

[00:19:31] machucam a gente. Aí você começa a perceber, depois da sua vida, depois de muitos anos, que certas coisas, por exemplo, eu tenho fusca, eu viajo, e eu não ouço música.

[00:19:45] Como assim você viaja e não ouve música? Na minha casa não tem música. Eu estou escrevendo um livro e não ouço música. Eu estou fazendo qualquer coisa, eu estou lavando a louça da minha casa e não ouço música. Então, eu passo muito tempo sem ouvir música.

[00:20:01] que é uma coisa que as pessoas estranham. Mas por quê? Porque eu ultrapassei muito os meus limites sentimentais, emocionais, e isso agora não me permite ouvir música, porque eu sei como é o mundo. E isso mexe muito com a gente como profissional. Esse é só um dos exemplos.

[00:20:21] Como você carrega essas dores até hoje? Quais dores você carrega até hoje?

[00:20:24] Esse sentimento de... Essas dores que eu carrego são sentimentos de...

[00:20:38] A descrença da humanidade, eu não tenho prazeres, eu não tenho de frequentar festas, enfim, são coisas que até vou, até fico um tempo, mas... Antes eu ficava mais tempo numa festa, num churrasco na família e tal. Hoje não. Vou lá, faço minha... Vou numa, assim, festas em bares, aniversário das minhas cunhadas e tudo mais. É uma luta pra mim.

[00:21:08] Música muito alto me incomoda, enfim. A gente se torna uma pessoa amarga. Então, isso a gente leva para o seu cotidiano. A amargura é constante. Eu sou uma pessoa muito mais solitária.

[00:21:24] Por mais que eu converse, brinque e tal, porque é uma ferramenta que eu tenho para também não ser tão amargo assim. Eu sou muito brincalhão e tudo, mas tem um limite ali do meu espaço. Ele é restrito. Então, eu brinco, falo. Eu brinco muito com o frentista do posto, eu brinco muito com a menina do caixa do supermercado, porque acho que talvez o que me coloca muito na minha estrutura é que eu sou espírita.

[00:21:54] Então, eu entendo um pouco esse universo através de uma doutrina cristã. Então, mas sempre olho para as pessoas com um pouco mais de afeto, mesmo pessoas que estão... Às vezes, no trânsito, eu tento... Porque, para quem viu muita dor, para quem viu muita violência, na verdade, para quem viu muita violência... A ideia, eu às vezes fico muito nervoso no trânsito, mas a ideia é sempre minimizar o impacto de uma discussão, trazer uma brincadeira ali numa hora tensa, enfim. Esse é um pouco o meu estilo. Se você perguntou quem é o Joel Silva hoje, talvez eu diria assim, eu sou dividido entre momentos em que eu estou muito recluso, sempre.

[00:22:45] sempre focado em algum projeto, em algum trabalho, enfim. E também é muito contraditório, mas, assim, em situações em que eu for abastecer o carro, eu chego e falo, tem gasolina de aviação aí, porque esse carro aqui é um avião.

[00:23:04] Eu acho que é uma ferramenta de trazer um pouco de humor para dentro de mim mesmo, brincando com as pessoas. Enfim.

[00:23:13] Você leva... Como você lida para não levar essas coberturas, essas fotografias para dentro?

[00:23:22] É difícil, sempre foi difícil para mim, porque o estresse pós-traumático é uma constante para quem vive isso, para qualquer profissão, policial, médico, advogado. Mas aquele que lida com as tragédias humanas, fatalmente ele vai adquirir um estresse pós-traumático. E isso, como é que isso entra para a sua casa?

[00:23:51] Pelo meu modo de ser estressado, a minha filha vai sair para uma balada, eu fico tenso, não porque ela vai arrumar um namoradinho, pelo contrário, eu sou um pai muito liberal nesse quesito, mas eu sempre fico preocupado, ela já chegou em casa, ela está morando em São Paulo agora, porque está fazendo curso de artes cênicas. E aí ela sai para uma festa, aí eu fico preocupado. Aí eu quero saber quem são as pessoas que estão do lado dela. E ela me passa tudo com maior tranquilidade. Mesmo assim, eu fico estressado. Meu filho sai, eu fico estressado. Questões de segurança da casa são questões que eu fico muito estressado.

[00:24:29] Eu acho que eu acabei com esse estresse todo doutrinando meus filhos a serem mais precavidos. Por exemplo, bobagens. Filha, não aceite qualquer coisa de alguém de comer, porque pode estar envenenado. Olha até onde vai a carga de estresse. Filha, se uma amiga sua chegar e te oferecer um bolo, não aceite. Papai, mas não aceite. Porque você não sabe se ela está com uma inveja de você, ela coloca um veneno ali, porque é o que está acontecendo aí. E como a gente tem muito contato com... Gabriela, isso é uma pergunta importantíssima, porque o jornalista está muito em contato com a realidade.

[00:25:04] E aí, o que acontece? Ah, como foi lá no Sul, aquela mulher que matou a família inteira com arsênio. Aí, a pesquisa por arsênio na internet explodiu. Então, assim, eu acho que isso é uma falha do jornalismo, porque não deveriam colocar o gatilho, que é o gatilho o quê?

[00:25:23] Como é que ela envenenou? Não, essa não é a questão. Envenenou, ponto. Aí teve agora, recentemente, aqui em Ribeirão Preto, aquela senhora que matou a filha, a nora, enfim, o cachorro, com um chumbinho. Ou seja, a mídia também tem a sua culpa, porque ela...

[00:25:40] dispara o gatilho. Mas isso, e aí imagina para quem está acostumado a ler jornal, ler notícia, ah, isso é muito interessante, porque as pessoas, isso é uma coisa muito legal essa pergunta, pelo seguinte. O jornalista, quem é o jornalista? Quem é o Joel? É um cara que lê notícia, acompanha o noticiário, acompanha a sociedade através do noticiário. Ele é um cara mais estressado, mais preocupado, mais consciente. Filha, não aceita. Não pega roupa

emprestada. Não faz isso. Toma cuidado com o Uber. Abre a janela. Sabe assim? Ainda mais para quem cobriu conflitos como eu. Eu sempre ando com o carro atento. Você nunca está desarmado. E você passa isso para os filhos, passa isso para a família. Ao mesmo tempo que eu já vi dentro da própria família, ah, isso não vai acontecer comigo, ah, porque isso aí é uma bobagem, porque isso não existe, aí acontece o quê? A tragédia dentro da própria família. Não é da minha família, mas muito próxima a mim. Uma pessoa que perdeu a filha e a filha sinalizando que ia fazer uma bobagem e ela achando que aquilo não ia acontecer na família dela.

[00:26:47] E aconteceu.

[00:26:48] Então, assim, eu acho que o mundo tem muito isso, quem lida com as tragédias, quem lida muito com a realidade, não vou falar tragédia, mas quem lida muito com a realidade, quem lê muito a realidade, tem essa tendência de puxar para dentro de casa um pouco essa questão de estresse, de... E, ao mesmo tempo, tem pessoas que estão desligadas, não ligam para as coisas e acham que nunca vão acontecer. E eu sempre ouço isso em algumas coberturas. Ah, eu achei que nunca fosse acontecer comigo. Aí eu dou uma risada, porque, assim, às vezes é uma questão de você tomar um pouco mais de cuidado com certas situações para evitar uma tragédia ou um acidente.

[00:27:34] Muito. Dos irmãos, eu sempre fui o irmão mais medroso. Mas isso, ao mesmo tempo, sempre foi um fator de segurança. Para quem está em uma zona de guerra, por exemplo, o medo é um fator de segurança, porque você calcula melhor o próximo passo. O medroso, o arrogante, o corajoso, que é o meu irmão mais velho, ele sempre foi muito corajoso, esse tende a ter um... Em algum momento ali, um choque, porque o corajoso não calcula, ele vai pela coragem. Eu não, eu sempre fui pelo medo. E o medo sempre me pautou. Então eu consegui calibrar a minha cobertura, a minha ação, o meu engajamento ali dentro de uma situação.

[00:28:22] de risco, com mais cuidado. Isso sempre foi um fator, mas eu sempre fui muito medroso.

[00:28:29] Do que você tem medo?

[00:28:33] Ah, eu medo de viver a violência que eu documentei. Esse é um dos maiores medos que eu tenho. Viver a violência. A gente tem que proteger a nossa família, as pessoas com quem você convive junto, amigos. Eu dou conselho para amigos. Eu acho que sempre que eu faço isso, é uma forma de proteger. as pessoas que estão ao meu lado ou que convivem comigo. Não é só parentes, tá? Amigos, eu já dei duro em amigos, assim. Ah, você é muito estressado. Não, por favor, né? Pessoas que convivem ali comigo. Então, o medo de que a tragédia que eu vivenciei ao longo da 3minha história... possa acontecer próximo a mim, como já aconteceu.

Juliana Melani

Vídeo 1 - Dia 1

0:00) Na Familiari, ali na 9 de julho, sabe? (0:06) Aí pedi umas duas horas pra ela, e ela mó apressada, porque tinha que entrar ao vivo, (0:10) eram oito horas, o último horário da TV da Espanha. (0:13) Oito horas aqui. (0:16) Ou seis aqui, acabava às oito, acho que era um negócio assim.

(0:19) E não ia dar tempo dela gravar com ninguém até então. (0:22) Cheguei com metade do processo pra ela e falei, ó, o cara não morreu. (0:27) Meu, como assim? (0:28) O cara não morreu, a gente veio pro Brasil à toa.

(0:30) Falei, não, nega, vamos falar com o morto. (0:33) Tá tudo certo. (0:34) Tipo, é tentativa de homicídio.

(0:39) É, mas é que eles não vieram com essa expectativa, né? (0:41) Então, tipo, sabe quando a pessoa desmonta? (0:43) Falei, não, relaxa, vamos achar o morto. (0:45) Me dá mais vinte minutos que eu descubro o endereço dele. (0:48) Aí conseguimos entrar, gravamos, ele mostrou as fachadas, contou tudo o que aconteceu.

(1:04) Beleza. (1:05) Falo mais que o homem do gás, desculpa. (1:12) Beleza.

(1:12) A gente já deu uma conquista de como você entra no jornalismo, mas antes de tudo eu queria saber quem... (1:25) Juliana, eu acho que eu sou uma pessoa muito curiosa. (1:30) Desde sempre eu acho que isso é uma das minhas maiores características. (1:35) Eu sou taurina.

(1:37) Eu sou muito teimosa também. (1:38) Se eu me casquetar com uma coisa, eu vou até o final pra, (1:42) nesse caso especificamente da personalidade, (1:44) da imagem desse pedaço da personalidade, (1:46) até descobrir o que eu estou precisando. (1:49) Então eu me formei em jornalismo.

(1:50) Eu fui da primeira turma de jornalismo da Barão. (1:54) O mercado já estava péssimo nessa época para as jornalistas. (1:58) As redações estavam diminuindo com muita força nessa época.

(2:03) Acabei não ficando no jornalismo. (2:05) Fui para a polícia civil como investigadora. (2:08) Então, tudo nessa linha da curiosidade.

(2:11) Fiquei na polícia quase dez anos. (2:14) Saí, tive um problema. (2:19) E uns seis meses depois que eu saí da polícia, (2:23) eu conheci uma amiga que trabalhava na Record (2:25) e perguntou por que eu não ia lá falar com o Chico, (2:28) que era o chefe de jornalismo na ocasião, (2:31) porque ela achava que eu ainda tinha jeito pra coisa, (2:33) arrancava as coisas dos outros com facilidade, enfim.

(2:37) E acabei indo falar com ele. (2:38) Um dia a gente marcou pela manhã. (2:41) Você já viu que eu falo muito.

(2:43) Cheguei para falar com ele meia horinha. (2:44) Deve ter ficado umas duas horas. (2:47) E quando eu estava saindo, com aquela promessa de (2:49) quando eu precisar, eu te ligo.

(2:51) Quando eu estava saindo, o balanço geral já estava ao vivo. (2:54) Já era ali perto do meio-dia. (2:56) E a matéria que estava abrindo o balanço nesse dia era o Joaquim.

(3:00) Foi o dia que o Joaquim sumiu. (3:02) Então eu comecei a acompanhar com a polícia (3:05) e passar as informações para a Record. (3:08) Quando acabou o inquérito, o Chico estava de férias, (3:10) voltou de férias, me chamou e entrei.

(3:13) E fui para o jornalismo investigativo a partir dessa história. (3:30) As matérias específicas ali eram a maioria, (3:33) as normais de concurso público mesmo. (3:36) Mas meu pai era investigador.

(3:37) Então eu cresci com essas coisas de polícia. (3:41) Eu cresci dentro de delegacia. (3:42) Vivia em plantão.

(3:45) Sempre foi muito natural isso para mim. (3:48) E eu me orgulhava muito disso. (3:50) Também achava que era, ainda acho, (3:52) que é uma profissão muito bonita.

(3:54) Você defender, você ir atrás para descobrir. (3:57) Enfim, sempre fui muito ligada nessas coisas também. (4:11) No jornalismo, o problema deles era eu ser pobre.

(4:17) Tanto que eu cheguei a cursar um ano de direito (4:20) antes de ir para o jornalismo, (4:21) por pressão de família. (4:23) Porque, enfim, com direito você presta concurso. (4:26) Você pode ser N coisas.

(4:27) Com jornalismo, você vai ser o quê? (4:31) Provavelmente desempregado. (4:32) Porque a coisa já estava feia. (4:34) Quando eu comecei a estudar, já estava realmente complicado.

(4:38) Então a preocupação deles sempre foi com isso. (4:42) Com estar empregado, com estar ganhando bem. (4:43) Com essas coisas de meter a cara e ser perigoso, nunca houve.

(4:49) Sempre foi realmente muito natural. (5:02) A primeira? (5:06) Eu não lembro da primeira, mas eu tenho uma história curiosa. (5:09) Talvez você goste dela.

(5:11) Você tem um período de experiência de três meses, né? (5:13) CLT, todo mundo. (5:15) Eu também. (5:17) E quando eu fazia dois meses que eu estava na Record, (5:21) uma amiga, amiga particular mesmo, (5:25) me ligou e falou (5:26) Ju, tem um cara aqui querendo alugar um espaço na nossa loja (5:31) e eu estou achando o cara meio esquisito.

(5:34) Ele está falando que ele vai abrir uma agência de turismo para a Copa (5:39) porque vai ter seleção sediada em Ribeirão Preto e tal, tal, tal. (5:43) Mas eu estou achando ele muito estranho. (5:45) Você não consegue puxar ele para mim? (5:49) E, cara, eu atolada de coisa para fazer na redação.

(5:51) Tinha muita coisa esse dia. (5:54) Não sei porquê. (5:55) Tinha tudo para eu falar, depois eu puxo, sabe? (5:57) Tipo, ter passado, mas eu parei.

(6:00) Liguei para um amigo da polícia, puxei o cara (6:02) e o cara era uma bíblia de artigo. (6:06) Ele era o código penal inteirinho. (6:08) Ele tinha não sei quantos 171.

(6:10) Já tinha sido preso porque fingiu que era padre. (6:13) Já tinha sido preso porque fingiu que era delegado da Polícia Federal. (6:18) O cara era um personagem.

(6:21) E isso era uma, sei lá, quarta-feira. (6:24) Passou, anotei e falei, deixa eu gravar esse cara aqui no caderninho (6:27) porque esse cara vai dar novidade. (6:29) Está em Ribeirão, ele vai dar novidade aqui.

(6:32) Passou uns dois dias, tinham mudado o chefe da DIG. (6:37) Tinha saído o doutor Paulo, tinha entrado o doutor Turra (6:39) e o pessoal da Record não conhecia eles ainda e tal. (6:44) E o Chico me chamou um dia e falou, (6:45) Ju, estou precisando levar o seu João, que era o diretor da Record Ribeirão, (6:50) na DIG, hoje, uma hora da tarde.

(6:53) Você não pode acompanhar a gente? (6:55) Você conhece todo mundo lá? Vambora. (6:57) E fui achando que era só para apresentar ele ao delegado. (7:01) Não entendi porquê, mas achei que era para isso.

(7:03) E fomos, saímos da redação e fomos. (7:07) Na hora que chegou, perguntei se eles queriam entrar sozinhos. (7:09) Ele, não, imagina, entra aqui com a gente.

(7:11) Chegou lá o seu João falando para o Turra (7:14) que estava tendo um cara que tinha comprado uma inserção comercial na Record (7:19) e já tinha vencido duas e ele não tinha pagado ainda. (7:22) E que ele estava achando a história meio estranha, não sei o quê, não sei o que lá. (7:26) Que o cara estava falando que ia ter uma agência de turismo por conta da Copa.

(7:30) Falei, ah, é o fulano, tipo o Zé das couves. (7:33) Não lembro o nome dele agora, mas eu tenho anotado no caderninho ainda. (7:38) Falei, ah, esse daí é o Zé das couves.

(7:40) Virou o Turra e falou assim, ah, imagina que você conhece o cara. (7:44) Falei, conheço o doutor, puxei ele quarta-feira. (7:46) Ele tem isso, isso e fui falando todos os artigos.

(7:49) Já saí da redação, estava com o caderno ali. (7:51) Falei todos os artigos. (7:53) Ele fingiu que era padre, fingiu que era delegado, (7:55) foi preso não sei quantas vezes mais, dananã.

(7:58) Aí a gente armou um flagrante e prendeu ele dentro da Record. (8:03) Então com menos de três meses de Record, eu prendi o cara dentro da Record. (8:09) Porque era sim ele, eu tinha todos os dados dele.

(8:12) Se não tivesse rolado de prender ele na Record, eu sabia onde ele estava. (8:16) Sabe, tipo, meu, eu dei muita sorte esse dia. (8:19) Uma outra também, foi meu primeiro plantão aí.

(8:22) Eu não tinha um mês de Record. (8:24) Mano, Record, pensa, do Bispo. (8:27) Mataram uma travesti na Vila Carvalho, se eu não me engano.

(8:33) Cheguei de plantão, um amigo da polícia me passou o que tinha acontecido. (8:38) Falei, ó, você quer gravar com a testemunha? (8:40) Porque a testemunha vai embora, vai fugir. (8:44) Falei, cara, eu quero, como é que eu faço? (8:46) Me deu o contato, falei, era outra travesti.

(8:50) E eu não tinha carro para sair nesse dia, (8:52) eu estava sozinha na redação, mais Ana Rogéria, (8:55) que trabalhava lá na época também. (8:57) Falei, Ana, o que eu faço, cara, vou ter que mandar vir aqui. (9:01) Manda, Ju, porque aqui tem câmera, a gente dá um jeito, a gente se vira e grava.

(9:07) Cara, passou meia hora em troquinhos e travestis na Record. (9:12) Tipo assim, eu achei que eu fosse sair da Record naquele momento, (9:15) porque era muito dissociado do que era emissora na época. (9:21) E acabou que a entrevista acabou ficando tão leve, (9:24) que chegou a ficar engraçada, sabe? (9:26) Eu lembro que a testemunha falava, narrando os fatos que tinham acontecido, (9:29) ela falava, corre, Paulete, corre, Paulete, (9:32) tipo, para narrar o que estava acontecendo.

(9:35) Mas, mano, ficou, inclusive, divertido. (9:38) Então, tipo, esse talvez tenha sido um dos primeiros homicídios que eu cobri. (9:41) Eu não fui no lo, cal, mas as testemunhas foram até mim.

(9:44) E aí, um negócio que também é muito peculiar, (9:47) como a gente estava gravando para o Balanço, (9:50) o Balanço é um tipo de jornalismo que, apesar de ser hard news, (9:54) ele tem uma pegada que se puder fazer uma piada, vai fazer. (9:58) É um jeito de deixar um pouco mais leve, (10:01) para o ponto de vista de alguns, (10:03) tem outras pessoas que vão achar que você está meio que zombando, (10:07) mas tudo depende também de como a pessoa está te deixando conduzir. (10:11) Porque pensa, nesse caso, ela tinha perdido uma amiga, (10:13) podia ter morrido, ela estava correndo ali para não tomar facada também, (10:18) mas acabou que foi uma entrevista que ficou divertida, mano, e era um homicídio.

(10:22) E foi assim que aconteceu o tempo todo. (10:24) Foi muito leve, apesar de tudo. (10:39) Eu não me lembro de ter sido difícil, também.

(10:44) Mas eu lembro de um caso em específico, (10:48) eu acho que foi o único que eu chorei. (10:52) Mataram a mãe de uma criança pequena, (10:55) e a gente foi fazer imagem de velório. (10:58) A gente nem chegou a entrevistar ninguém, (11:00) porque era muito íntimo, realmente, aquele momento da família.

(11:06) Mas a criança chorando o tempo todo ali na hora do enterro, (11:10) esse dia me pegou, sabe? (11:12) Esse dia foi doído de ver aquela cena. (11:16) Eu acho que talvez até hoje tenha sido, fora tudo isso do Joaquim, (11:21) porque aí eu realmente estava muito perto e acompanhei por muito tempo, (11:24) mas essa criança, eu lembro que me pegou no coração. (11:28) Foi difícil.

(11:35) Uma sensação de impotência, de injustiça, (11:40) porque a gente como jornalista, como polícia também, (11:43) sempre chegava depois das coisas acontecerem. (11:46) E são coisas tão banais, sabe? (11:49) Briga de casal, você tem um filho com a pessoa. (11:53) Uma criança realmente pequena, o menino devia ter uns 2, 3 anos ali, (11:58) naquela época, na época do fato.

(12:01) E o cara estava solto, a gente sabia que até ser preso ia demorar uma vida, (12:06) porque você passa a mão em você e cai no mundo, quem que te acha? (12:10) É muito difícil. (12:11) É uma sensação de impotência muito grande. (12:20) Até hoje eu me lembro dela, até hoje.

(12:25) Óbvio, não é o tempo todo, não são todos os dias, (12:29) mas, por exemplo, eu não sei entrar no Bom Pastor e não lembrar dessa criança. (12:34) Infelizmente eu tive que voltá-la algumas vezes, todas as vezes eu lembro desse menino. (12:39) Sabe? (12:40) Tem outras vítimas, é porque essa eu me lembro de ter chorado mesmo, (12:44) cheguei na redação chorando copiosamente, foi dolorido falar.

(12:50) Não só da história, mas da do que ficou, que ficou o filho, órfão. (12:55) O pai fugido, a mãe morta, pensa. (13:00) Sei lá, essa realmente foi a que mais me doeu, (13:02) mas tem outras tantas histórias que não saem da sua cabeça, sabe? (13:06) É que às vezes você consegue se desvencilhar um pouco, (13:08) você não pode ficar vivendo muito daquilo.

(13:10) Tem que deixar a história aí também. (13:13) E quando você deixa a história aí? (13:15) Arrumando outras. (13:18) Arrumando outras.

(13:20) Você tem que ter um hiperfoco às vezes. (13:23) Sabe? Eu acho. (13:27) E o investigativo te proporciona isso, né? (13:30) Porque quando você entrou numa história, se a história for boa, (13:32) você não vai fazer ela em um dia.

(13:34) Você leva pelo menos uma semana, vamos colocar aí, (13:38) numa história boa mesmo. (13:40) Então a sua semana é viver aquilo, saca? (13:43) Esquece o resto. (13:45) Não tem hora, não tem lugar.

(13:54) Eu acho que não tem jeito. (13:57) É que o que acontece no teu trabalho, você vai resolver no trabalho. (14:00) O que acontece na tua família, você vai resolver em família. (14:03) Não dá pra você... (14:04) Eu acho que se você começar a levar sentimentos de trabalho pra casa, (14:09) você não vai ser uma boa mãe, uma boa filha, uma boa irmã. (14:13) Sabe?

Você tem que deixar cada coisa na sua caixinha. (14:16) Mas não tem como dissociar, não tem como você (14:20) entrar em casa, fechar a porta e esquecer as histórias.

(14:22) Até porque é o que eu te falei. (14:23) Se você tá no investigativo, você não tem hora. (14:27) Você não tá dentro da redação só pra viver aquilo.

(14:30) Muito pelo contrário. (14:31) História boa acontece quando você tá fora. (14:36) Quando explodiram, tacaram granada, (14:38) o metralhador e o escambal na protege.

(14:41) Eu tava na rua nesse dia pra ir cobrir essa história. (14:45) Estourei o pneu do meu carro no Miguelito. (14:47) Uma Blazer, eu acho que era uma Blazer, (14:50) uma picape grande, com três caras, com um fuzil.

(14:53) Pediram pra eu sair com o carro. (14:55) Falei que só se eu levasse na mão, porque o pneu tava no chão. (14:58) Saca? Então, tipo assim, é adrenalina.

(15:00) Você chega em casa e não vai dormir. (15:02) Mas nem por isso você vai acordar cansada e trabalhar, (15:05) desferrar na tua família. Não tem como.

(15:11) Qual parte, especificamente? (15:13) Quando você entra, quando você volta de uma situação dessas, (15:16) ou quando ela chega pra você, (15:17) qual é o protocolo da redação? (15:21) Tem algum protocolo? (15:22) Eu tive um... (15:25) Eu tive um... (15:28) Como é que eu te explico? (15:30) Porque não é um horário de trabalho, (15:31) mas eu tinha umas regalias (15:33) que os outros produtores da Record pelo menos não tinham. (15:37) Eu conseguia sair como cinegrafista, mesmo sem repórter. (15:41) Eu conseguia pegar a câmera e ir fazer a minha história (15:45) e depois voltar com o material.

(15:47) Porque eu realmente tava ali pra fazer investigativo. (15:49) Geralmente, na redação, não é assim que funciona. (15:53) Tudo pautadinho, (15:54) e a não ser que caia ali no colo na hora, alguém vai cobrir.

(15:57) Então, eu tinha... (15:59) Eu avisava o Brambila que eu ia ficar doente amanhã (16:02) pra ir filmar alguma coisa escondida e voltava com umas coisas na mão. (16:06) Sabe? Então, eu tinha essa possibilidade. (16:09) Então, eu acho que comigo funcionava um pouco diferente.

(16:12) Mas a partir do momento que você tá na redação com o material, (16:15) o material é de todo mundo (16:17) e a gente vai trabalhar naquilo (16:18) e vamos pôr pra rodar, pra editar, pra... (16:20) Inclusive, se for furo, vai entrar antes que todo mundo tenha informação também. (16:29) É muito bom. (16:30) É muito bom.

(16:32) Você ser a primeira a ter informação, a primeira a ir atrás, (16:34) a primeira a ver no ar, é muito gostoso. (16:38) Especialmente quando você conseguiu realmente apurar e trabalhar aquilo. (16:42) Sabe? Quando não tem que ser muito rápido pra dar o furo.

(16:46) Quanto mais a gente consegue trabalhar antes de ir pro ar, (16:48) eu acho que é mais gratificante ainda. (16:52) Como assim? (17:06) É que nem sempre o investigativo tá relacionado a mortes. (17:15) Nem sempre.

(17:17) Até porque quando é morte, (17:20) meio que vai direto pra polícia e você não tem tanto o que fazer. (17:23) A não ser, por exemplo, esse caso da Natália. (17:27) Da moça que a sogra matou, o marido, enfim.

(17:31) Esse caso, eu não sei se você sabe, (17:32) mas teve uma puta ajuda da equipe da Record. (17:35) Senão não ia virar inquérito. (17:37) Era um boletim de morte suspeita (17:39) e a Record foi atrás e começou a fazer pressão na DIG (17:42) pra apurar aquela conduta que tava descrita no boletim de ocorrência.

(17:46) E aí sim, começou a aparecer as histórias (17:49) e aí foi feito o exame de corpo de delito (17:53) e acharam veneno e aí tá virando tudo o que virou. (17:57) Mas era um boletim Nat morto, ele não ia virar nada. (18:00) Então esse é um caso que o jornalismo fez a polícia se mexer.

(18:06) Sinceramente, foi assim que aconteceu. (18:09) Mas nem todo caso é assim. (18:11) Tem muita coisa que é outro tipo de crime.

(18:15) Crime financeiro, estelionato. (18:18) E aí você tá lidando com vivos, mas que estão sendo indiciados (18:21) ou que vão ser presos, enfim. (18:24) Então você tá falando ali diretamente com o autor, (18:27) mas não necessariamente envolve morte.

(18:29) E são assuntos às vezes tão relevantes quanto, sabe? (18:33) Deixa eu ver se eu consigo te dar um outro exemplo. (18:34) Por exemplo, aquele da Polícia Federal que eu te falei. (18:37) A gente entrevistou, eu entrevistei uma quadrilha praticamente (18:41) porque eles estavam sendo investigados, chegaram inclusive a ser presos.

(18:47) Mas um dos focos da nossa matéria nesse dia (18:50) que era a Operação Seleno da Polícia Federal (18:55) era um investigador, um agente da Polícia Federal (18:59) que acabou sendo preso por corrupção. (19:02) Então em todo lugar você é capaz de fazer fontes (19:06) e a matéria pode se desenrolar de n maneiras. (19:10) Naquele caso, por exemplo, tinham os estelionatários, (19:14) tinham os contrabandistas e teve o policial envolvido também.

(19:19) Então são braços que ninguém espera que vai repercutir, né? (19:23) Essas imagens é a mesma coisa, a gente tinha tudo em primeira mão. (19:27) Apesar de já ter feito um certo tempo da deflagração da operação em si, (19:33) mas a gente tinha muito material inédito pra soltar ainda. (19:45) Como eu defendo? (19:48) Define.

(19:49) Onde você acha que está o princípio disso? (19:54) Talvez nessa luta que a gente tenha que ter com a gente mesmo (19:57) pra conseguir levar uma vida normal, apesar de tudo. (20:04) Eu acho que é a maior dificuldade na vida de quem trabalha com isso, (20:10) é

realmente conseguir ter uma vida apesar do que você vê todo dia. (20:17) Muitas vezes? (20:18) Muitas vezes.

(20:20) Muitas vezes. (20:21) Inclusive na entrevista do Guilherme eu tinha certeza que eu ia morrer duas vezes. (20:27) Sabe quando você vê o anjinho cantando assim pra você subir? (20:29) Tipo, mano, é agora, esse cara vai me matar agora. (20:33) Duas vezes. (20:34) Nesse dia. (20:36) Esse dia que eu fui até a casa desse contrabandista, fui com medo também, mas fui.

(20:42) O que mais? (20:43) Houve algumas outras situações. (20:45) Gravando escondido quando você sabe que é caso de droga, (20:49) ou que tem muito dinheiro envolvido, e a pessoa tá vendo a tua cara, né? (20:53) Quem tá assistindo em casa não vê. (20:55) A sua camerazinha ali gravando escondido, mas quem tá sendo filmado não vai te esquecer mais.

(21:00) E aí? Você vai trombar esse cara na rua uma hora? (21:04) Não tem tudo isso também, você se coloca em perigo. (21:11) Como eu defino? (21:16) Não sei, cara, essa é uma pergunta muito difícil. (21:19) Talvez medo e fé sejam coisas muito próximas nessa hora, sabe? (21:23) Você ter certeza que você tá ali por algum motivo.

(21:27) Que era pra você estar ali por algum motivo. (21:30) E que vai com medo mesmo que no final vai dar tudo certo. (21:35) Tem que ter um pouco de fé nessas horas. (21:38) Mas não dá pra definir assim tão facilmente, porque geralmente são situações rápidas, sabe? (21:43) Difícil você ter tempo pra pensar. (21:46) Então, deu medo, mas vai assim mesmo. (21:49) É o que tem pra hoje.

(21:51) Ou seja, você deu a meado? (21:56) Não. Abertamente, não. (22:00) Tem olhares, às vezes, e jeitos das pessoas falarem com você (22:04) que podem ser ameaçadores. (22:08) Mas explicitamente, vou te matar, vou te bater, não. (22:17) É a mesma coisa. (22:20) Dá medo também.

(22:23) Porque é isso, é o que eu te falei. (22:24) As pessoas não vão esquecer, né? (22:27) Quando a história delas, que repercutiu, enfim, independente do alcance, (22:32) se fosse só Ribeirão, já é a mesma coisa pra quem tá se sentindo (22:36) prejudicado de alguma maneira com aquilo. (22:38) Dá medo.

(22:40) Mas, ossos do ofício, não tem como. (22:43) Você querer trabalhar com jornalismo investigativo (22:47) e tentar se proteger o tempo todo, não é possível. (22:50) Aqui em Ribeirão, ainda não é possível.

(23:12) Na época da matéria do Guilherme Longo, as minhas filhas estavam proibidas (23:17) de sair de casa sozinhas. (23:19) Tinha que levar e buscar, ou ter alguém da minha confiança. (23:24) Porque, do dia que a gente gravou até o dia que foi ao ar, (23:28) demorou 11 dias.

(23:30) Isso foi muito sofrido. (23:32) Esses 11 dias, pra mim, foram muito sofridos. (23:35) Também, porque eu já não sabia mais onde o Guilherme estava.

(23:38) E eu sabia que ele tinha mudado de ideia em relação à matéria. (23:42) E eu sabia que, de tudo que a gente conversou, (23:45) ele já sabia mais ou menos onde eu morava. (23:47) Se ele quisesse tentar me encantar, ele conseguia, (23:51) se ele fosse um pouco esperto.

(23:53) E ele era um pouco esperto. (23:55) Então, nesses 11 dias, foi tenso. (23:59) Talvez, não por medo, mas... (24:03) Sabe quando você fica agoniada? (24:04) Você quer que o negócio vai logo pro alvo sair das suas costas? (24:09) Mas, em relação às minhas filhas, sim.

(24:11) Em relação às minhas filhas, nesse dia, eu tive bastante medo, sim. (24:15) Eu lembro que elas estudavam na Marista. (24:18) Então, tinha recado na portaria e no estacionamento (24:21) pra ninguém estranho entrar, pra prestar atenção.

(24:24) Teve tudo isso, esse período teve. (24:31) Não. (24:33) Não tem.

(24:33) A gente cresceu com essas coisas. (24:36) Meu pai era investigador, eu lembro. (24:39) Uma vez, a gente foi comprar um violão na rodoviária.

(24:42) Na época, era um monte de coisa de música ali. (24:46) E ele ficou conversando com o cara um tempão, (24:48) meio sol, sol. (24:51) A hora que a gente saiu, ele veio me contar (24:53) que o cara tinha sido preso em Franca, onde ele trabalhou muitos anos.

(24:56) Foi preso 10, 15 vezes. (24:58) Sabe aquele preso que sempre volta? (25:00) E eles estavam ali, batendo papo, e se fosse uma coisa perigosa, (25:03) eu não teria percebido. (25:05) Porque ele estava tentando contornar ali de boa.

(25:08) Mas, essas situações sempre foram muito comuns pra mim, assim, (25:12) desde pequena. (25:13) E pra eles também, então, não assusta tanto. (25:16) É. (25:18) Com as minhas filhas também, eu sempre procurei falar com elas (25:22) de uma maneira transparente e clara.

(25:27) Então... (25:28) Acho que o medo sempre foi mais meu do que delas, sabe? (25:32) Elas ficam orgulhosas com as coisas, elas não ficam com medo. (25:48) Da pessoa que a gente está entrevistando, no caso, (25:51) jamais a gente não interrompe. (25:54) Então, deixa a pessoa... (25:57) Se ela está disposta a gravar, se ela te deu a oportunidade de gravar, (26:01) deixa a câmera ligada, o microfone aberto, (26:04) e, de repente, você consegue aproveitar esse material.

(26:07) Ainda que ele seja mais sensível, às vezes, (26:11) sai uma pérola dali também, sabe? (26:14) São coisas muito preciosas. (26:15) Ligou, não desliga. (26:17) Continua gravando.

(26:20) Existe alguma matéria... (26:29) Talvez a do Guilherme. (26:32) Talvez a do Guilherme. (26:34) Por quê? (26:35) Porque ele confessou um crime, né, cara? (26:39) E confessou de um jeito que não era o que o MP (26:43) estava falando que fosse.

(26:46) Daquele jeito... Nossa, falei tudo cagado agora. (26:49) Porque ele confessou de um jeito que não era a teoria do Ministério Público. (26:54) Então, além de ter sido uma confissão, (26:57) trouxe uma novidade para o caso.

(26:59) E foi uma versão que eu realmente acredito. (27:02) Porque depois que ele confessou, (27:04) a gente repassou todos os materiais que a gente tinha dele. (27:08) E o Guilherme, houve alguns registros de ocorrência com ele, né? (27:13) Por exemplo, uma vez, ele pegou uma menina no 9 de julho, (27:17) não quis pagar, (27:19) e desmaiou a menina no Mata Leão.

(27:22) Uma outra vez, ele brigou com um olhador de carro, (27:26) perto de uma academia que ele fazia jiu-jitsu, (27:28) inclusive a academia de um menino que estudou comigo no colégio. (27:32) Então, todo mundo sabe dessa história. (27:33) Ele desmaiou o olhador de veículo, porque não queria pagar, no Mata Leão.

(27:39) Teve um outro rapaz que fazia aula no aeroclube com ele. (27:42) E eles tiveram um desentendimento durante uma festa. (27:45) O rapaz foi dormir, porque ele estava alojado ali.

(27:48) E o Guilherme foi atrás dele, (27:49) pegou ele no Mata Leão. (27:52) Só não matou esse cara, porque alguém chegou, acendeu a luz e apartou. (27:56) Mas esse cara chegou a ter um aneurismo no olho, pra você ter uma ideia.

(28:00) Foi uma agressão realmente feia. Ele foi pra matar. (28:04) Então, o modus operandi dele é o Mata Leão.

(28:07) Que foi como ele confessou, não foi a dosagem de insulina. (28:18) De formada... (28:21) 23 anos. (28:27) Pro jornalismo ou pra mim? (28:33) Tem uma coisa que eu acho que é muito importante.

(28:36) Eu aprendi isso com muita dificuldade, mas eu aprendi. (28:42) Você como jornalista, você não tá pra julgar a tua fonte, teu entrevistado. (28:48) Você tá ali pra fazer ele falar.

(28:51) Então, eu acho que quanto menos a gente participa (28:54) nesse momento de entrevista, de gravar uma matéria, (28:58) eu acho que é melhor, sabe? (29:02) Tentar colocar muito a tua opinião (29:05) ou narrar os fatos de acordo com o que você acredita. (29:08) Não. Quem tá contando a história é o teu entrevistado, é a tua fonte.

(29:13) Confia nesse material. (29:15) Não em você. (29:16) A gente não é juiz, sabe? (29:19) A gente não tá pra apresentar os fatos de acordo com a minha crença, (29:24) a minha fé, com a minha bagagem.

Não. (29:27) Quem tá em casa tem que poder discutir isso. (29:29) O que você acha? (29:31) Tentar ser realmente imparcial.

(29:34) Eu acho que hoje é o que a gente menos tem (29:37) e eu acho que é o mais importante. (29:46) Muitas vezes. (29:48) Mas o que acontece? O que é o jornalismo? (29:51) É o que é de interesse público.

(29:53) Então, a partir do momento que a tua história não é mais só sua, (29:57) ela passa a ter um interesse público, ela passa a ter relevância, (0:44) sinto muito, é a minha função, é isso que eu vou fazer.

(0:47) Você tenta fazer com dignidade e com respeito, mas se a história é interessante, você vai cobrir aquela história. (0:55) Vou repetir, com dignidade e com respeito, mas você vai cobrir. (1:05) Dessas coberturas, você falou sobre... (1:22) Outra pergunta difícil, porque depende de quem está conduzindo as histórias.

(1:28) É óbvio que para a imprensa, a imprensa também vive de anúncio, que é dinheiro, (1:34) até quem está fazendo isso em TikTok, Instagram, hoje é a mesma coisa. (1:39) A pessoa vai querer repercutir, então parece que fica torcendo para tirar leite de pedra. (1:44) Eu acho que isso desgasta a matéria, mas, infelizmente, dá views, dá público.

(1:50) Então, tem sido assim, eu acho difícil mudar. (1:54) Aí é que eu acho que a gente tem que ser mais responsável com o que a gente está levando para a sua audiência. (2:01) Você tem que ser muito responsável mesmo, checar suas fontes, apurar, não é em ouvir dizer, (2:07) é ver quem vai assinar embaixo daquilo que você está bancando.

(2:12) Talvez seja a parte que eu acho que mais sofre com isso, mas eu acho difícil que isso mude. (2:18) Até porque hoje, não sei se a gente tem mais informação, (2:22) mas a gente está tendo coisas bárbaras acontecendo todos os dias. (2:26) A frequência é muito maior, talvez, do que antes.

(2:31) Para ter casos que repercutiram em Ribeirão, (2:34) eu lembro da minha época de faculdade, minha época de adolescente, os maiores até hoje. (2:40) Essa geração de hoje, eu acho que não vai ter isso, (2:43) porque cada mês é uma coisa nova, é uma tragédia nova, (2:46) eu não sei quanto isso fica marcado para as pessoas mais. (2:51) Inclusive, a dor está sendo descartável, (3:00) sempre com indignação.

(3:03) Quando tem criança, a comoção sempre é muito maior. (3:07) Esse sentimento de injustiça que eu te falei que eu acho que é o que, (3:11) quando a gente cobra alguma coisa, talvez seja o que mais dói, né? (3:14) A falta de justiça, pelo menos naquele ponto da matéria, no começo dela. (3:20) Eu acho que é tão dolorido para quem está fazendo, (3:23) para quem está editando, para quem está entrevistando, (3:27) quanto é para quem está em casa e se comove com aquilo.

(3:30) Eu acho que é tão duro quanto. (3:33) Mas também vou repetir, infelizmente, hoje os casos de crimes, (3:37) de mortes ou de golpes, enfim, (3:43) está tudo cada vez tão mais comum, tão mais corriqueiro, (3:48) que sei lá, talvez uma certa parte da população (3:51) vê esse tipo de coisa e só fala, ai, de novo, sabe? (3:57) Essa dor tem ficado descartável também. (4:07) Também depende do tipo de matéria que você está cobrindo, (4:10) de como você está cobrindo.

(4:16) Vou falar abertamente, depois você usa o que você achar que é conveniente disso. (4:21) Ai, meu Deus, eu estou me sentindo uma velhinha falando isso, (4:26) mas como adverte das redes sociais (4:29) que todo mundo tem o celular na mão e acha que é jornalista, (4:34) ou todo mundo tem o celular na mão e acha que pode comentar (4:38) a respeito de tudo, sem ter o menor embasamento, (4:41) porque eu creio, uma visão só minha, (4:45) que a maioria das pessoas lê a manchete, não lê a matéria, (4:49) mas se acha especialista, inclusive para te julgar (4:53) de acordo com o que você coloca na tua manchete, entendeu? (4:57) Eu acho que isso é muito complicado hoje em dia. (5:01) As informações vêm e vão tão rápido, (5:04) que as pessoas não se aprofundam, (5:06) mas elas querem ter uma opinião a respeito.

(5:12) Então, se está difícil para a pessoa falar com o assassino (5:15) daquele cara que matou a mãe do filho da matéria que eu chorei, (5:19) é mais fácil para ele me atacar, (5:21) porque ele sabe que eu vou ler, entendeu? (5:24) O assassino, o filho, a mãe morta, não. (5:27) Então, eu acho que algumas pessoas escolhem alguém (5:29) para descarregar aquela culpa, aquele ódio, talvez, (5:33) que eles sintam desse combo de informações, (5:36) e o jornalista, de repente, acaba sendo uma das primeiras pessoas. (5:41) Vamos entrar agora, especificamente, em sua preferência.

(5:57) No dia que eu fui fazer a entrevista com o Chico, (6:00) foi o dia que ele sumiu. (6:02) Então, para eu garantir que eu ia entrar ali, (6:05) eu já estava atrás dessa história mesmo, (6:07) antes de estar contratada pela Record. (6:09) Como eu era investigadora de polícia, (6:11) os caminhos para mim ali eram mais abertos.

(6:14) Conseguia as informações bem antes da imprensa. (6:19) E sem filtro, né? Conseguia tudo sem filtro. (6:22) Então, acho que eu realmente já estava dentro da história (6:25) antes mesmo de entrar.

(6:30) O que você perguntou? Como foi que eu entrei na história? (6:35) É, então, teve esse primeiro dia. (6:38) Depois, quando encerrou o inquérito, (6:42) o Guilherme e a Natália estavam presos nesse momento. (6:46) A Natália foi liberada e o Guilherme continuou preso.

(6:50) E assim ele ficou por dois anos e meio, (6:53) dois anos e três meses, alguma coisa por aí. (6:55) Então, eu já estava na Record, (6:57) mas a história estava ali naquela caixinha. (6:59) Eles estavam presos, aguardando o julgamento, (7:02) aguardando o andamento do processo.

(7:04) Natália em liberdade e Guilherme preso. (7:07) Passou dois anos e pouquinho, (7:09) o Guilherme foi liberado por excesso de prazo processual. (7:14) Então, ele ia ser julgado da mesma maneira que a Natália, (7:17) o processo ainda estava, o inquérito ainda estava rolando, (7:21) mas não tinha data pra júri.

(7:23) Por esse motivo legal que, (7:27) no Ministério Público, enfim, (7:29) o juiz de alguma vara aí resolveu dar liberdade pra ele. (7:33) Ele tinha que cumprir as medidas pra isso, né?

(7:37) Estava em regime aberto, mas tinha condições. (7:40) Não podia se ausentar de casa aos finais de semana, (7:43) e tinha horário pra entrar e pra sair de casa.

(7:47) Quando a gente teve a notícia de que ele tinha conseguido, (7:50) que ele estava deixando tremender, (7:52) eu comecei a vigiar as redes sociais dele de novo. (7:55) E eu vi que ele apagou algumas coisas, (7:58) que ele estava movimentando ali, (8:01) e mandei uma solicitação de amizade. (8:04) Ele aceitou.

(8:05) Tanto no Instagram quanto no Facebook, (8:08) mas ele falava comigo a princípio pelo Facebook. (8:11) Eu vi que ele me aceitou. (8:13) Passou um dia ou dois, eu mandei, (8:15) Oi, e aí, como é que você está? (8:17) Ele, tudo bem.

(8:19) Te conheço de algum lugar? (8:22) Então, hoje eu trabalho na Record, (8:23) mas na época que você foi preso, eu estava na DIG. (8:27) Você deve se lembrar de mim de lá, (8:28) porque, de fato, ele me viu lá várias vezes. (8:32) E era uma resposta por dia, Gabi, (8:34) que ele me dava.

(8:35) Eram duas linhas, sabe? (8:37) E sempre tinha que ficar puxando assunto. (8:40) Eu me lembro que ele saiu mais ou menos em fevereiro. (8:45) Até abril, que foi perto do meu aniversário, (8:47) que aí ele que me deu parabéns, (8:49) porque viu, né, o Face avisa.

(8:52) Até aí, eu estava forçando mesmo algum contato, assim. (8:57) E eu dava abertura, (8:58) tipo, ele falava alguma coisa de tremender, (9:01) e eu ia puxar para ver quem é que estava na cela com ele, (9:03) quem estava preso ali, (9:04) por que o cara foi preso, (9:05) para a gente ter assunto. (9:07) Porque ele não tinha mais o que falar, (9:09) fora o caso de Joaquim, (9:10) que não era o que ele queria falar naquele momento.

(9:13) Então, ele sempre soube que eu era jornalista, (9:17) que eu tinha sido da polícia, (9:19) e que eu queria ir em uma entrevista. (9:20) Isso nunca foi segredo. (9:21) Mas a condução para chegar no que chegou (9:26) foi muito demorada, (9:28) e bem cansativa.

(9:30) Depois desses primeiros contatos que a gente teve, (9:33) até os parabéns, né, (9:34) que eu achei que ele estava um pouco mais à vontade, (9:37) dali para frente, eu entendi (9:38) que ele não tinha mais amigos. (9:40) Não sei se ele tinha um grande número de amigos antes, (9:43) mas ali eu entendi que não. (9:45) Ele tinha um casal de amigos da família (9:48) que ainda visitavam ele com alguma frequência, (9:51) mas fora isso, ele não tinha com quem falar.

(9:54) Então, eu fui dando abertura. (9:55) Eu fui falando coisas da redação, (9:57) coisas da minha vida, (9:58) para a gente ter assunto, (10:00) para ter o que conversar, (10:02) fora cadeia, né, (10:03) porque era o único assunto que tinha antes. (10:06) E algumas poucas coisas a respeito do Joaquim, (10:09) que ele contava uma versão dele, (10:11) muitas vezes muito fantasiosa, (10:13) mas, enfim, deixava ele falar.

(10:17) Até que uma vez ele me chamou (10:17) para tomar café na casa dele. (10:20) Eu fui. (10:21) Vou fazer um corte só para esclarecer isso.

(10:23) Nesse período, antes, (10:26) uma equipe da Record São Paulo (10:27) foi até a casa da Natália (10:29) em São Joaquim da Barra (10:30) e gravou ela escondido. (10:33) Então, volta para o dia (10:35) que eu fui tomar café na casa dele. (10:38) Eu entrei.

(10:40) Eu sou fumante, ainda, infelizmente, (10:42) em breve não, mas ainda sou. (10:44) Eu entrei com o cigarro, (10:46) a chave do carro e o celular, (10:48) sem bolsa. (10:50) E estava, (10:51) não, estava só a mãe e o pai dele (10:53) e ele esse dia.

(10:55) Eu tomei duas jarras de café. (10:57) Só eu falava. (10:59) Ele quase não falava.

(11:01) Eu senti que esse foi o primeiro teste (11:02) que ele fez comigo (11:03) para ver se na segunda-feira ia entrar (11:05) alguma coisa dele escondida no ar. (11:09) Continuamos conversando, (11:11) meio que foi feita uma amizade (11:13) de alguma maneira. (11:14) Não tem como você ficar falando com a pessoa (11:15) sete meses e não conhecê-la (11:18) um pouco mais que a maioria das pessoas.

(11:20) Me chamou para ir uma segunda vez (11:22) à casa dele. (11:23) Esse casal de amigos estava lá. (11:26) Foi um dia que ele fez churros.

(11:28) Atenção para esse detalhe, (11:29) porque os psicopatas são pessoas muito simpáticas. (11:33) Eles querem te agradar (11:34) de todas as maneiras. (11:36) Esse dia ele fez churros.

(11:37) Esse dia eu vi que ele começou a falar mais. (11:40) Esse dia ele quis contar como foi (11:42) quando o cachorro desceu até o rio (11:43) e voltou para casa. (11:46) Falou que tinha chovido, enfim.

(11:47) Ele começou a se abrir um pouco mais. (11:50) Mas nunca numa versão (11:52) vou me expor e vou confessar. (11:53) Ele só contava mais a versão dele.

(11:56) Falava mais. (11:58) Aí a gente já tinha um certo nível (12:00) de amizade e liberdade (12:02) um pouco maior. (12:04) Entre a segunda e a terceira vez que eu fui à casa dele.

(12:07) Eu sabia que ele saía (12:08) com as meninas do Tinder. (12:11) Várias, inclusive. (12:13) Que ele tinha engravidado (12:14) uma menina.

(12:15) Ele já me contava as coisas íntimas dele. (12:18) Nesse período, depois de solto. (12:22) É... (12:23) Mandava mensagem também à hora que queria.

(12:26) De noite, (12:27) de madrugada. (12:28) E eu sempre dei prioridade para responder com rapidez. (12:32) Eu queria que ele tivesse (12:33) essa dependência mesmo comigo.

(12:35) Tentei trabalhar isso de alguma maneira. (12:39) Tomava muito cuidado com as coisas que eu ia (12:41) me posicionar. (12:44) Tanto que eu te falei, (12:45) para a gente não ser (12:48) protagonista (12:50) nem para tentar influenciar (12:52) e para deixar a pessoa mais à vontade.

(12:55) Então, quando ele contava alguma coisa (12:56) que eu achava muito absurda, (12:57) só fazia cara de besta e concordava. (13:01) Não dava a minha opinião quando era polêmica,

(13:04) mas também não tentava ficar descredibilizando (13:06) o que ele me falava quando eu não acreditava. (13:09) Enfim, aí fui à casa dele a terceira vez.

(13:12) Passou. (13:14) Nessa época, a gente estava (13:15) apanhando muito da sevandija. (13:19) A gente estava apanhando da IPTV.

(13:21) A IPTV estava tendo mais novidades do que a gente. (13:24) E começou a rolar uma pressão (13:25) da minha chefia para eu conseguir uma entrevista com ele. (13:28) Não tinha tido até então.

(13:29) Não tinha tido. (13:30) As pessoas sabiam que eu conversava com ele, (13:33) que eu ia até a casa dele, que eu fui essas três vezes. (13:35) Eu avisava, mandava localização em tempo real.

(13:38) Tomava os cuidados que eu podia. (13:41) Então, nada foi feito escondido, nem da redação. (13:44) Mas começou a ter uma pressão (13:45) para conseguir essa entrevista logo.

(13:47) E eu passei isso para ele. (13:49) Falei, Guilherme, dá para a gente agilizar? (13:52) Porque meu chefe quer uma entrevista. (13:54) Estamos apanhando da sevandija.

(13:55) Eu estou precisando. (13:57) E eu nunca fiz pressão antes. (14:00) Ah, Ju, vou ver com meu advogado (14:01) e depois te falo.

(14:02) Óbvio que não, né? (14:05) Voltava falando que não. (14:06) Nenhum advogado em sã consciência ia autorizar aquilo. (14:10) Falei, Guilherme, pelo amor de Deus, (14:11) uma receita de pão de queijo, velho.

(14:14) Eu preciso de qualquer coisa de você falando. (14:16) Mas eu estou precisando. (14:17) Acho que eu embuti aquilo nele também.

(14:21) Até que um belo dia, (14:22) eu tinha saído com uma amiga. (14:25) Também foi um rolê que a gente perdeu (14:27) o modo do rolê, sabe assim? (14:29) Era para voltar 11 horas, (14:30) voltei 3 da manhã, enfim. (14:33) Tinha saído com uma amiga (14:34) e meu celular, eu lembro que na época (14:36) a bateria acabava muito rápido.

(14:38) A bateria já estava viciada dele. (14:40) E eu estava entrando no Vila Dionísio (14:43) e recebi uma mensagem dele. (14:45) Jô, está podendo falar? (14:47) Nossa, Guilherme, estou entrando no Dionísio agora, (14:49) mas a hora que eu chegar em casa eu te respondo.

(14:52) Tudo bem? Não, sem problema. (14:54) Qualquer coisa eu vou te mandando mensagem aqui, (14:55) depois você lê. Beleza.

(14:58) Fui para o rolê, minha bateria acabou. (15:01) Rápido. (15:02) Cheguei em casa, coloquei o celular (15:04) para carregar, fui me trocar, (15:06) voltei apitando mensagem.

(15:09) Porque acho que ele viu que deu (15:10) dois tics, deu como entregue (15:12) e começou a mandar mais ali na hora. (15:14) Quatro horas da manhã, mensagem do Guilherme (15:17) avisando que queria gravar comigo (15:19) no dia seguinte, (15:21) mas que tinha que ser só

eu, (15:22) não era para levar a equipe. (15:25) Falou que ele estava decidido (15:27) a contar a verdade, que as pessoas tinham o direito (15:29) de saber toda a verdade (15:31) e que ele tinha me escolhido (15:32) para poder fazer a entrevista.

(15:36) Comecei a marcar com ele. (15:37) Eu entendi (15:39) que nesse dia ele devia ter usado droga (15:41) ou ter bebido (15:43) pelo horário. (15:44) Se ele estava me esperando das onze até às quatro (15:46) para falar disso, (15:48) normal, não dava.

(15:51) Eu lembro disso certinho, (15:53) que ele queria gravar às sete horas da noite (15:54) e eu tentei puxar para o mais cedo possível (15:58) porque se fosse droga (15:59) sete horas da noite o cara ia começar (16:01) a dormir e eu dormi três dias. (16:04) Então eu consegui (16:05) marcar com ele nove horas da manhã (16:08) ou oito, oito ou nove (16:09) da manhã, mas era logo cedo. (16:11) E a gente marcou em um posto de gasolina (16:13) na Alberto Pajoaba.

(16:16) Então está, Hermine, (16:17) que está assistindo o TCC. (16:19) Eu estava combinando tudo isso (16:21) meio bêbada, esqueci que tinha (16:23) dois postos de gasolina na Alberto Pajoaba (16:26) e só ficou marcado (16:27) desse jeito. Posto de gasolina, nove horas (16:29) da manhã.

Desliguei o telefone (16:31) e liguei para o Chico (16:33) quatro horas da manhã, porque eu era (16:35) esse tipo de pessoa. (16:37) Expliquei para ele o que estava acontecendo (16:39) e que eu precisava de uma câmera (16:40) porque ia ser mesmo uma entrevista, (16:43) não ia ser coisa rápida. (16:45) Ele levantou também, acordou a Flávia (16:47) e a gente já começou a mexer em todo mundo na redação (16:49) para eu conseguir chegar (16:51) logo cedo, pegar uma câmera e aprender (16:53) a usar a câmera que (16:55) tivesse disponível.

No caso, (16:57) essa que me deram no dia, ela não tinha retorno. (16:59) Por isso que a imagem aparece (17:01) cortada, eu não via o que eu estava gravando. (17:03) Eu só conseguia colocar ela para o rumo.

(17:05) Não sabia o que estava filmando. (17:07) Mas era o que (17:09) tinha disponível naquele dia, enfim. (17:13) Estou falando muito? (17:14) Então tá, aí (17:18) cheguei na redação, peguei o material (17:20) e fui encontrar ele no posto da Adalberto Pajoaba.

(17:23) Aí que eu me liguei, que tinham (17:24) dois postos e eu não sabia qual era o que a gente (17:26) tinha combinado. Passei nos dois (17:28) umas três vezes, nada. (17:30) Nem sinal dele.

(17:32) Mandeí uma mensagem, dava um tique (17:34) só. Nossa, cara... (17:36) Acredito que eu acordei meu chefe, (17:39) acordei o Cinegra, (17:41) sabe, esse trampo todo (17:42) para o cara furar comigo agora. (17:44) Liguei.

(17:45) Falei, Guilherme, onde você está? Eligi uma mudança de planos. (17:48) Você vem onde eu estou? (17:50) Irmão, lógico que eu vou (17:52) onde você está. Ele vem para a Avenida (17:54) Brasil.

Quando você chegar na Avenida Brasil, (17:56) você me liga de novo. Beleza. (17:59) Já vi que (18:00) estava tudo fora do meu controle, né? (18:02) Nada mais seria como eu tinha (18:05) programado naquele (18:06) pouquinho de tempo que eu tinha tido.

(18:08) Mas eu ia, entendeu? Eu já não ia (18:10) mais voltar atrás. (18:13) Avisei o Chico, (18:14) ele pediu para eu avisar se eu me sentisse (18:16) em perigo de alguma maneira, falou que (18:18) me ligava a um determinado horário (18:19) para confirmar que eu estava bem (18:22) e foi feito desse jeito. (18:24) Fui para a Avenida Brasil, liguei, (18:27) ele falou, ó, eu estou no nuance motel.

(18:29) Quarto 23. (18:31) Você vai falar que é minha prima e vai entrar aqui. (18:34) Botei (18:34) no Waze e fui.

(18:37) A hora que eu entrei, falei que (18:38) era a prima do cara, pá, entrei. (18:40) Era uma grade, era um quarto de motel (18:42) que tinha um portão (18:44) que deveria ser elétrico, (18:46) mas não, ele estava segurando o portão (18:48) na mão, sabe, o basculante. (18:51) Quando eu embiquei para (18:52) entrar na garagem, passou (18:54) uma casqueira atrás de mim, gente que estava (18:56) dentro do motel para usar droga mesmo.

(18:58) Mas casqueira mesmo. Praça (19:00) Chinite, assim, aquele público. (19:03) Aquela foi a (19:04) primeira hora que eu olhei no retrovisor e falei, (19:06) cara, onde eu estou (19:08) entrando, mano? (19:10) Tipo, eu vou ter que feder muito para alguém me achar aqui.

(19:14) Mas já estava ali, não ia voltar atrás. (19:16) Beleza. Aí entrei, (19:18) aí, (19:20) mais um spoilerzinho, (19:22) entrei, ele estava de moto.

(19:25) Bati o olho na moto, (19:26) guardei a placa. Nas três (19:28) vezes que eu fui à casa dele, eu nunca (19:30) tinha visto essa moto. (19:32) Ficava o carro do pai, o carro da mãe, eu nunca (19:34) tinha visto essa moto.

Não sabia (19:36) da existência dessa moto. (19:38) Mas guardei a placa. (19:42) E beleza, entrei.

De novo. (19:44) Acho que foi a primeira vez que eu achei (19:45) que fosse dar alguma coisa errada. A hora que eu entrei (19:47) no quarto, tinha uma mesa (19:49) como se fosse uma paradora, assim, (19:52) bem na porta, e tinham dois capacetes.

(19:55) Ai, (19:55) mais alguém aqui. (19:59) Véio, eu vou morrer. (20:00) Eu não vou sair daqui viva.

(20:02) Foi a primeira vez que eu tive uma sensação assim (20:04) de muito medo. (20:06) Tá, mas entrei. (20:08) Entrei e ele conversou comigo rapidamente.

(20:10) Ele falou que ele ia confessar e falou como. (20:12) Mas realmente foi rápido (20:14) essa primeira conversa. (20:17) Aí perguntei se eu já podia (20:18) ligar a câmera para começar a gravar (20:20) e assim foi feito.

Você tem o Bruto, (20:22) você viu que ele até me ajuda a posicionar (20:24) a bolsa, onde ele acha que pode ficar melhor. (20:26) Depois eu resolvo (20:27) segurar a câmera aqui, porque para mim era mais (20:30) certo, né? (20:31) E foi aquilo. E foi a entrevista (20:34) e aí ele confessa que matou um menino, (20:37) mas com mata-leão, (20:38) não com alta dosagem de insulina.

(20:41) Explica o que aconteceu (20:42) nos dias anteriores (20:44) e posteriores do crime. (20:46) E foi o que aconteceu. Gravei.

(20:51) Teve um outro momento, (20:52) no meio da entrevista, que eu perguntei... (20:55) Mentira, (20:56) não foi no meio da entrevista, foi antes de começar a gravar, (20:59) que eu perguntei da Natália, (21:01) se a Natália sabia (21:02) se eu podia perguntar da participação dela. (21:05) E ele falou, não, claro que ela não (21:06) sabia, Ju. Se ela soubesse, ia ter (21:08) que matá-la também.

(21:10) Aí eu entendi que eu tinha (21:12) que segurar muito a minha língua, (21:14) porque se ele se arrependesse da entrevista (21:16) enquanto eu estivesse ali, (21:19) ele ia me matar. (21:20) Estava claro nas palavras dele. (21:23) Então, foi a segunda (21:24) vez que eu tive muito medo (21:27) dessa entrevista.

(21:31) Deve ter sido mais uma vez. (21:32) Estou tentando lembrar exatamente o que aconteceu. (21:37) Ah, eu perguntei, (21:38) também antes de gravar, (21:40) eu perguntei se ele sentia remorso (21:42) de tudo que ele estava me contando.

(21:45) Aí ele falou alguma coisa (21:46) mais ou menos parecida com a... (21:48) Eu sinto. Olha o que aconteceu. Fiquei dois anos (21:50) preso, não tenho amigo, não tenho vida, (21:52) não posso sair à noite.

Falei, não, Guilherme. (21:55) Estou perguntando se você sente remorso, (21:56) culpa, se você se sente (21:58) mal por isso. Ele falou, meu, (22:00) eu não sei o que é culpa.

(22:03) E ali, se eu tinha alguma (22:04) dúvida de que ele era um psicopata, (22:06) ele tinha assinado pra mim que era. (22:08) Então, de novo, eu sabia que (22:10) eu tinha que controlar o jeito que eu perguntava (22:13) ou o jeito que eu reagia (22:14) às coisas que ele ia me contar, (22:16) porque eu precisava sair dali viva. (22:20) Mas deu tudo certo, saí.

(22:27) Eu sempre soube que ele tinha (22:30) matado. Eu não imaginei (22:32) que fosse com o mata-leão. (22:34) Então, foi um alívio.

(22:37) Sabe? Finalmente (22:38) eu ouvi a verdade, assim. (22:41) Não trazia (22:42) mais o menino de volta. (22:43) Não tinha mais conserto.

(22:46) Mas era um alívio. (22:47) A gente saber que, a partir daquele momento, (22:49) aquela história ia ser tratada com os fatos mesmo, (22:53) e não com mentira, (22:54) com (22:56) qualquer bobagem que a pessoa fosse (22:57) tentar contar pra se defender. (22:59) Foi uma (23:01) sensação de alívio mesmo.

(23:10) Antes de mais nada, (23:12) a gente passou pro jurídico (23:15) pra ver se os nomes que ele (23:16) citava ali, se tinha algum problema (23:18) em a gente expor, porque, afinal de contas, (23:20) eram versões de crimes, né? (23:22) Por isso até que essa matéria acabou (23:24) demorando 10, 11 dias (23:26) pra ir ao ar. Mas quando (23:28) deram um ok, a gente começou a editar (23:30) a matéria. O primeiro cuidado que a gente (23:32) teve foi chamar todas as pessoas envolvidas (23:34) na investigação.

(23:37) A gente chamou delegado, (23:38) investigador, ministério público, (23:42) o pai do Joaquim, (23:47) quem mais? (23:49) Delegado seccional. (23:51) Todas as pessoas que estavam diretamente (23:52) envolvidas com a (23:55) investigação do (23:56) caso, a gente passou a entrevista (23:58) na íntegra, eles foram convidados a ir até (24:00) a Record. Quem não pôde ir, eu levei (24:02) o material, expliquei como tudo (24:04) tinha acontecido.

(24:06) Mas a gente não queria que isso fosse uma surpresa (24:08) pra pessoa quando estivesse assistindo TV. (24:12) Acho que a gente até segurou um dia a mais pra conseguir (24:14) que o pai do Joaquim assistisse também. (24:17) Tenho certeza, se foi um dia, (24:18) um meio período, mas enfim.

A gente fez questão (24:20) que eles tivessem acesso (24:23) na íntegra mesmo. (24:24) Não teve corte, não teve nada. (24:27) Pra que não fosse uma (24:28) surpresa.

Eu acho que isso foi (24:31) a principal mesmo (24:32) que a gente fez. (24:42) Aí eu matei ele, (24:46) contando como fez. (24:51) Eu sou capaz de ouvir (24:52) até o som da voz assim ainda, sabe? (24:59) Tem um pedaço (25:00) também da confissão que ele fala, (25:03) porque isso é uma coisa que me pegou (25:04) muito estudando (25:06) a história.

A gente viu (25:08) o inquérito, tem o cópia (25:10) do inquérito até hoje. (25:12) E no inquérito tem as fotos do corpo do Joaquim. (25:16) Pra minha (25:17) sorte como pessoa, (25:19) as fotos estão em preto e em branco.

(25:22) Então elas chocam menos. (25:23) Mas elas chocam (25:24) muito. Como a gente está falando (25:28) de jornalismo investigativo, eu vou te falar o que (25:30) tinha, por exemplo.

(25:32) O olho dele, um já tinha saído (25:34) a bolinha, o corpinho (25:36) dele estava todo comido já de peixe. (25:39) Sabe? Eram (25:40) imagens muito pesadas. (25:42) Até pra quem está acostumado com isso, (25:44) até pra quem foi polícia, enfim.

(25:47) Então quando (25:48) é preto e branco e aquela coisa de xerox (25:50) pra inquérito perde a qualidade, (25:53) você consegue ficar um pouco (25:54) mais distante daquilo. Mas ainda assim (25:56) aquilo me mexeu muito. (25:58) E eu lembro que enquanto a gente gravou

(26:00) a entrevista da confissão, (26:02) eu perguntei alguma coisa relacionada (26:04) ao corpo quando foi encontrado (26:06) e ele falou assim, que ele viu as fotos.

(26:08) Ele não viu o corpo. (26:10) Quem estava lá em Barretos no dia era a Natália. (26:12) Pra reconhecer.

(26:14) Mas que durante o inquérito mostraram as fotos (26:17) pra tentar (26:18) pegar ele pelo sentimento de alguma maneira. (26:22) E ele (26:23) como se estivesse falando (26:24) o que jantou ontem. (26:26) Ele falava, não, eu vi as fotos.

(26:29) Ficou uma marca (26:30) do Matalhão aqui nele, mas a perícia não viu. (26:33) Estava muito machucado, (26:35) muito comido, a perícia não viu. (26:37) Como se aquilo fosse (26:38) nada, sabe? (26:39) O impacto daquela foto (26:41) preta e branca mexe comigo até hoje (26:43) e ele fala (26:45) como se fosse nada.

(26:48) Então, ele contando (26:49) é uma coisa que eu tenho gravada na minha (26:51) cabeça. (26:52) A frieza, o distanciamento dele (26:55) como pessoa. (27:00) Oi? (27:07) Apesar de eu não ter medo (27:09) em muitas situações (27:11) que eu acho que muitas pessoas teriam, (27:14) eu tenho um sentimento (27:15) de medo do mundo.

(27:18) Quanto mais eu vejo (27:19) essas coisas, menos me (27:21) impressionam, porque eu acho que (27:23) as pessoas são sim capazes (27:26) das maiores atrocidades, (27:28) sabe? (27:29) E isso, eu acho que a polícia (27:32) e o jornalismo (27:34) trouxeram pra minha vida. (27:36) Eu não era uma pessoa (27:37) que tinha tão pouco crédito (27:40) na bondade das pessoas. (27:41) Hoje eu tenho menos, (27:43) sabe? (27:45) Hoje eu acho que sim, (27:46) qualquer um é capaz (27:48) de matar alguém, a gente já sabe porque (27:50) é cientificamente comprovado (27:52) que qualquer um é capaz de matar alguém.

(27:54) Tudo depende dos porquês. (27:56) Mas dessa crueldade, (27:59) sabe? (28:00) Diferente de um homicídio simples, (28:02) uma coisa que você teve que fazer em legítima defesa (28:04) ou que foi por acidente, enfim. (28:06) Essa crueldade, (28:08) eu acho que ele é muito mais (28:11) do ser humano (28:13) do que a gente gostaria que fosse.

(28:15) Essa maldade dos outros (28:17) hoje me assusta muito mais. (28:18) Tenho medo. (28:20) Tenho mais medo de confiar nos outros.

(28:23) Eu escolho a dedo (28:24) quem eu ponho dentro da minha casa. (28:26) Sabe? Já há bastante tempo (28:28) que eu carrego isso. (28:30) Mas eu acho que isso me mudou (28:32) como pessoa mesmo.

(28:33) Pra pior, né? (28:35) O ideal seria a gente ir (28:38) conhecendo o mundo e gostando mais (28:39) das pessoas, né? (28:40) Eu gosto menos. (28:49) Não. (28:57) Isso é uma coisa que eu achava mesmo (29:00) desde o começo, mas eu só tive (29:02) certeza no júri (29:02) que a gente tinha inocentado a Natália.

(29:07) Eu tinha essa tranquilidade com ela também. (29:12) Só tem mó trampo pra cortar.

Guilherme Carvalho

MVI_8967.MOV

[00:00:03]3 2 1

[00:00:10]Tá, é. Deixa eu ver se a porcinha não vai mudar. O tipo é contextualizado. Acho que, com você entrevistando, vai ser mais fácil porque você já sabe o cenário do documentário, você já sabe sobre o assunto do e que viés, qual a angulação que eu quero fazer do doc. É mais de bate-papo, então, se você vê que, ah, Gabi, tem alguma coisa que você não comentou, que você não perguntou, que eu gostaria de te falar, a gente vai trazendo isso para esses registros, tá? Mas, primeiramente, eu queria que você me contasse de onde veio o desejo pelo jornalismo. O que te trouxe até o curso de jornalismo? Desde muito criança, eu sempre gostei muito do jornalismo. Eu fui a criança que preferia assistir jornal do que assistir filme. É telejornal.

[00:01:04]Esses telejornais tradicionais da TV aberta. E isso sempre estive assim dentro de mas nunca foi até então uma possibilidade. Quando eu me vejo sendo um vestibulando no período ali do terceiro ano do ensino médio, segundo ano do ensino médio, eu sempre quis ser professor, porque eu achava que eu trabalhar com educação, porque eu sempre tive essa vontade de, ah, transformar o esse ideal, o tópico aí de transformar. E eu acreditava que a educação, pelo menos até então, seria esse melhor caminho ou um caminho viável pra mim, um caminho possível. E aí. Eu vou cursar geografia. Curso um ano de geografia e aí eu tenho muitas dificuldades. Não consigo me encontrar no e aí o jornalismo já era a minha segunda opção. E aí eu venho para o vestibular, passo e começo a cursar.

[00:01:52]A joia, assim. Então, o jornalismo veio nessa minha vontade de transformar o mundo, dessa minha consciência política, porque eu sempre fui muito envolvido com política desde muito pequeno. Então, eu acho que o jornalismo passa por isso, passa por essa política, passa por essa transformação pela informação, enfim. E aí eu acho que essa é a minha vontade de transformar o mundo, de dar voz às pessoas, de contar histórias porque Eu sempre gostei muito de escrever, sempre gostei muito de português. Então, acho que é isso, assim, que me trouxe até o jornalismo. E hoje você está acompanhando o início do curso, onde você vem com todos esses desejos, essas ideias. O que mudou para hoje? Então, como eu falei, essa vontade minha de transformar o mundo, eu acho que agora, chegando já no final, nesse último semestre de curso, eu entendo que essa vontade, ainda o tópico de transformar, ainda existe em mim, só que eu compreendo ela de uma outra forma.

[00:02:53]Então, eu vejo que, até por exemplo, no meu TCC eu tratei sobre isso, sobre quando eu estou concluindo o curso, eu consigo. Compreender que essa transformação do mundo talvez seja por uma transformação individual. Que, se eu conseguir dar voz a uma pessoa, mudar a realidade de alguém, denunciar uma realidade, dar voz a alguém que ninguém nunca escutou, denunciar alguma negligência do poder público, eu acho que já estou transformando o mundo. Então, acho que o que mais mudou na minha visão sobre o jornalismo foi isso até aqui. E hoje você tem a sua página, que ela é um jornalismo independente. Você já entrou com esse desejo?

Não, o jornalismo independente, ele surge na minha vida. Eu moro em São Joaquim da Barra, é uma cidade com 49 mil habitantes, mais ou.

[00:03:40]Menos de 3 anos do agora, eu moro em Ribeirão, mas 3 anos do curso, eu fiquei nessa vida de ir e voltar de São Joaquim da Barra para Ribeirão Preto, viajando 70 quilômetros todos os dias. E na minha cidade não tem veículos de comunicação tradicionais, então eu não tive a oportunidade, por exemplo, de fazer um estágio igual aos demais colegas da sala. Teve. Então, quando eu estou no segundo ano, eu vejo essa necessidade de: ah, eu preciso ter experiência no mercado fora do ambiente acadêmico, eu preciso ter essa experiência jornalística. E aí eu decido criar a minha página, que surge assim: vou fazer um repertório meu para eu ter textos. Do que eu escrevi? E aí foi crescendo, e as coisas foram acontecendo assim, e tá indo assim.

[00:04:26]Mas ela surge bem natural, assim, no sentido de eu não tenho um estágio, eu preciso ter prática jornalística. Daí, o que eu tenho em mãos, que é um celular, e é isso. E aí fui criando contatos e fui escrevendo sobre o que estava acontecendo, especialmente em São Joaquim da Barra. Mas aí foi expandindo para a região, enfim. E nessa sua trajetória do jornalismo independente, qual foi a sua maior dificuldade? Qual foi a recente da sua maior dificuldade? Acho que a minha maior dificuldade é no sentido de fontes oficiais. Eu tenho muita dificuldade por... ter abertura com a Polícia Militar, com o Corpo de Bombeiro com a Prefeitura Municipal, principalmente para conseguir informações oficiais. Eu não sei se por conta de eu ser muito novo e já ter, por exemplo, três rádios na cidade que já mantém esse vínculo há anos com os mesmos comunicadores, então todas as informações são repassadas exclusivamente para essas pessoas.

[00:05:20]Então, a minha apuração é sempre em relação a essas pessoas, nunca oficialmente. Então, por exemplo, na delegacia da cidade, eu não consigo informação. Eu não consigo informação com o delegado, porque, enquanto eu estou mandando mensagem, ele já está em live com o outro comunicador. da cidade. Então, eu não tenho essa abertura. Para eu conseguir uma informação com a Polícia Militar da cidade, por exemplo, eu preciso enviar um e-mail institucional para a Secretaria de Segurança Pública do Estado, para que eles me encaminhem um boletim de ocorrência, por exemplo, sobre determinado acontecimento da cidade. Porque na cidade eu não tenho a Prefeitura. Assim, nem adianta, eu não consigo, eu não tenho respostas, nunca tive respostas, eu não tenho abertura. E é isso, assim, eu não sei se por conta de um tradicionalismo deles, enfim. E aí não tem como eu afirmar nada. Mas eu acho que a minha maior dificuldade é essa de construir. Fontes oficiais na cidade. Então, eu preciso da minha apuração. O meu trabalho é eleger em torno de

[00:06:43]hoje, e não só hoje, mas quando você morava lá. Como que você faz as suas coberturas? Você vai até o local, você procura o entrevistado ou isso vem até você? Eu sempre conseilhei a página. Até hoje ela não é o meu trabalho, eu não consigo me sustentar por ela. Então, eu pago faculdade, eu tenho outras responsabilidades. Então, eu sempre conseilhei o trabalho da página com o meu trabalho CLT, que eu sempre tive. Então, eu trabalhava, por

exemplo, dos três anos da faculdade, eu trabalhei em uma empresa onde eu trabalhava como operador de máquinas agrícolas. E eles sabiam disso. Sabiam que eu estava cursando jornalismo. Meus patrões sabiam que eu estava cursando jornalismo, sabiam que eu tinha uma página. Então, eles sempre foram muito atenciosos e sempre me apoiaram nisso.

[00:07:29]Então, eu sempre conciliava. Eu estava lá trabalhando. Se precisava de alguma coisa muito urgente, às vezes tinha necessidade de eu parar de trabalhar para escrever alguma coisa. Então, eu sempre tive isso, né? E acho que eu fugi da sua resposta. Não, como que você faz as coberturas? Como que tudo bem. Ah, tá. Como que isso isso chega até você ou você vai até o local? Tá. Então, de início, as coisas chegavam assim. Eu fui. Infiltrando em vários grupos da cidade, grupos de 300 pessoas em grupos de WhatsApp, enfim. E aí, como hoje em dia, o furo ele nunca é do jornalista, ele sempre é... ah, acontece um acidente e chega uma foto. Tem um acidente na, sei lá, na Avenida Orestes Square, no centro de São Joaquim da Barra, só chega isso no grupo.

[00:08:16]E aí vai eu apurar. Então, ou eu vou ao local ou eu pergunto para alguém que está lá, quem está lá, se eu conheço algum dos policiais, alguém da UPA, alguém da Santa Casa. E aí eu vou apurando assim. Mas geralmente eu não vou ao local porque eu não tenho essa disponibilidade. Porque, como eu falei, o jornalismo independente ele ainda não é a minha fonte de renda. Então, não tem como eu deixar o meu trabalho para poder me deslocar para ir até lá. Mas, aí enfim, vou fazendo essa apuração com as minhas fontes mesmo. Hoje você trabalha nesse jornalismo independente e você sente que falta um resguardo para você, porque você não tem uma emissora, uma empresa ali te abraçando, te apoiando. Falta.

[00:09:03]Eu acho que não no sentido de faltar um resguardo assim, mas eu acho que a gente fica muito vulnerável. Por exemplo, só para exemplificar, recentemente eu publiquei sobre a exoneração de uma conselheira tutelar da cidade, que eu recebi por fontes minhas que ela tinha sido exonerada. A exoneração saiu no Diário Oficial do Município. Eu sabia as causas da procurei ela, procurei o advogado. Ambos não se manifestaram, ficaram me prometendo que se manifestariam durante dois dias. Eu esperei, esperei, esperei; ela não me deu um. Quando avisei que eu iria publicar, ela veio querer me intimidar, dizendo que era para eu apagar a publicação porque eu já a publiquei, que ela iria entrar com um processo, que ela não tinha autorizado.

[00:09:51]Então eu acho que essas situações, essa ausência de uma assessoria jurídica, talvez me deixe muito vulnerável a essas questões de cerceamento mesmo da liberdade de imprensa de produção. jornalística Então, eu principalmente pelo fato de eu ter 22 anos, estou cursando o jornalismo ainda e estou sendo ameaçado de ser processado judicialmente por simplesmente publicar algo que notavelmente é de interesse social. E que eu precisava publicar porque é o meu dever, o meu ofício enquanto jornalista, de publicar. As pessoas deveriam saber daquilo e, por interesse individual de uma pessoa, eu estava sendo ameaçado. Então, na ausência dessa assessoria jurídica, talvez eu deixasse de publicar, como eu já fiz outras vezes. Então, eu já deixei de publicar, sei lá, denúncia do Ministério Público sobre autoridades da cidade, justamente por questões de ameaça.

[00:10:41]Eu já recebi várias ameaças em diferentes contextos, em diferentes pautas, e eu vou ignorando assim, conforme eu vou podendo, ou pelo menos quando eu vejo que é um nível maior de ameaça, eu passo para algum amigo meu advogado para ver o que eu faço, se tem de fato alguma ameaça concreta ali. Enfim, você trouxe sobre ameaças jurídicas, mas você já recebeu alguma ameaça de compromisso físico? Assim, eu recebo muitas ofensas e aí eu acho que talvez seja atrelado a outras coisas. Assim, eu parto da premissa. Eu lembro que no começo do eu não lembro se foi o professor Gil Santiago ou se foi o Murilo. que falou para a gente que o jornalismo cita uma frase que eu não vou me lembrar de quem é a autoria, mas de que o jornalismo ele seria oposição a todo e qualquer governo.

[00:11:33]E eu parto dessa premissa. Obviamente que eu não acredito no jornalismo imparcial, porque eu acredito que o jornalista ele tem seus ideais e aí a partir daí o jornalismo já não é mais imparcial. Só que na minha página eu tento ao máximo deixar os meus posicionamentos políticos pessoais longe de lá. Mas assim, eu moro numa cidade de 49 mil habitantes, então todo mundo se conhece, todo mundo sabe os meus posicionamentos políticos. Então, vira e mexe, aparecem algumas. Ofensas de cunho político. Então, se eu publico alguma notícia política de algum determinado personagem político, vão achar que eu estou sendo, que eu estou falando por quê. Porque eu sou contra ou se eu deixo de publicar.

MVI_8968.MOV

[00:00:00]Enfim, e aí vai. Nessa polarização política que a gente tá vivendo nacionalmente, também aparece no município. Então, eu acho que nessas ofensas, ofensas verbais mesmo, mas também já recebi ameaças. Inclusive, em questão de acidentes, de que você não tá respeitando a família, achando que eu não devo publicar o acidente. Sei lá, teve uma vítima fatal. Ah, você tá aproveitando da morte dele, você merece apanhar, não sei o que, canalha, não sei o que. Enfim, e aí vai indo, vai escalando. Muito às vezes eu fico até sem saber como reagir. Às vezes eu oculto o comentário e falo: 'Meu Deus, será que eu tô invadindo uma liberdade da pessoa manifestar o que ela tá pensando? Porque tem isso, né? Tipo, alguém vai lá e comenta uma coisa, mesmo que eu ache que passou do tom, pra outra pessoa não passou.

[00:00:49]E aí eu fico na dúvida entre tá? Eu oculto isso? O que eu faço? Respondo? Às vezes agora eu prefiro não responder, eu não respondo mais nada de início. Assim, eu respondia, fazia questão, mas agora assim chegou num nível que eu não respondo assim tanto que às vezes fura assim a bolha da página e aí chega muito comentário, muitas reações que eu não consigo ter controle sobre. Então, se eu for responder tudo, pensando que eu sou sozinho na página, às vezes não dá. Assim, é humanamente impossível pra mim. Aí eu vou ignorando, ignorando, ignorando. Mas, quando eu recebo ameaças assim, já recebi ameaças de até de morte assim durante a campanha eleitoral que eu fui cobrindo. Campanha eleitoral também. E aí teve uma vez que eu recebi ameaça de morte de um perfil fake que mandou fotos. Enfim, e aí não tinha o que fazer, assim, porque eu não sabia o que fazer. Não tenho assessoria jurídica, não tenho como abrir um processo. E aí fico por isso mesmo.

MVI_8969.MOV

[00:00:01]Vê se não clica assim, amiga. Tipo assim, só aperta o botãozinho aqui de tirar foto, porque aí você vai ver que ele vai ficar verdinho assim pra enquadrar. Não vai? Enquadrado. Não ficou roxinho? Verdinho enquadrando em mim. Não, não tá isso. Tá enquadrado. Eu sei que tá enquadrado. Tá, então tá. Você falou sobre essas ameaças, certo? E você tem medo dessas ameaças? Isso te assombra durante a sua vida pessoal? Não, assim, meus pais se sentem muito amedrontados assim porque eles Eles não têm consciência e conhecimento sobre o universo jornalístico. Eu consumo muito jornalismo e eu vejo que isso faz parte assim do jornalismo da vida jornalística. Mesmo, eu acho que isso me desafia. Eu acho que as ameaças, enfim, as tentativas de intimidações me desafiam. E eu acho que é prazeroso assim.

[00:01:01]Eu não sei se isso é uma loucura falar, mas enfim, eu acho que é prazeroso desafiar assim, sabe? Eu acho que, com consciência, é. E trabalhando em cima dos fatos da apuração minimamente bem feita, eu acho que, com compromisso, né? Com ética, eu acho que se tá tentando intimidar, eu acho que talvez a gente esteja no caminho certo. Eu acho que denuncia que a gente está no caminho certo, que a gente está incomodando alguém, que está praticando algo errado, enfim, que está devendo alguma coisa e que está minimamente. Incomodado com o nosso trabalho, você falou sobre receber ameaças de familiares em acidentes. Que você está usando daquilo pra se promover, enfim, você está invadindo o espaço da vítima. Você se sente invadindo a dor de alguém pra transmitir essas informações?

[00:01:51]Pra mim, é muito difícil. Eu acho que, quando as notícias, principalmente acidentes com vítimas fatais, chegam pra gente, chegam muito sem apuração. E às vezes chega imediato, assim, após o acontecimento. E aí o que eu tento, além de tentar apurar ao máximo, eu tento primeiro esperar que a família se manifeste, sobre não sei se em redes sociais ou se eu consigo encontrar alguém. que tenha algum vínculo para afirmar. A família inteira está sabendo sobre o acontecimento. Eu tento ao máximo preservar isso, preservar o momento da família. Porque assim eu acho que isso do jornalismo independente é uma liberdade da gente escolher como a gente quer trabalhar. Então, às vezes eu não quero publicar sobre alguma coisa, e eu não vou publicar.

[00:02:41]E aí isso pode soar, sei lá, imoral, antiético pra mim, eu acho que eu me dou essa liberdade de eu não quero publicar sobre o assunto, e eu não vou publicar. Mas eu acho que esse lance da família, às vezes eu sinto sim, especialmente quando envolve esse lance de vítimas. fatais assim. Vários acidentes muito trágicos assim, e eu fico muito comovido. Eu acho que, por conta da sensibilidade, eu acho que eu sou muito sensível, e aí eu me envolvo muito nas histórias das pessoas. Às vezes, ou eu escolho só publicar sobre o ou pra eu não ficar reverberando isso depois. Ou eu escolho só publicar sobre a história de alguma pessoa, uma homenagem, alguma coisa nesse sentido. Ou um ou outro pra não ficar repercutindo, sabe? Como se eu estivesse repetindo isso, sabe?

[00:03:36]Como se eu estivesse apropriando de um fato trágico pra alguém pra ganhar like em cima disso. Porque o que soa pras pessoas que estão consumindo é que O jornalismo feito na internet é só por like, por interação, enfim, e dinheiro. Por mais que eu nem ganhe isso ainda,

you falou sobre a visualização de tratar as famílias como um espetáculo. Mas, como é pra você receber essas notícias? Você trouxe que você é muito sensível a tudo, mas quando chegam essas notícias pra você, de morte, de tragédia, de acidentes, como que você lida com isso naquele momento? Pra mim, é muito difícil lidar com a forma com que as coisas chegam. As informações chegam pra gente sem nenhum filtro. Então, as fotos de acidentes chegam com a foto das vítimas, com o estado que a vítima está, porque as pessoas não têm essa.

[00:04:32] Noção de mandar pro jornalista. E aí chega isso pra gente. Então, assim, às vezes, especialmente aos finais de semana, porque, enfim, uma série de fatores acontecem. Muitos acidentes nos finais de semana. Então, às vezes, eu acordo geralmente num domingo, eu acordo 7 horas da manhã e tem foto de alguma vítima fatal de algum acidente gravíssimo que teve na região e tá lá no meu celular. Acidente. E aí a informação chega: acidente na rodovia, tal tal horário, o nome do fulano, só o primeiro nome da pessoa. Enfim, e a informação chega assim. Aí eu vou abrir, tá uma foto, enfim, indescritível. E aí eu vou atrás da apuração, mas isso já me chocou antes, entendeu. Teve um episódio recentemente de uma mulher que faleceu em um capotamento em uma rodovia vicinal próxima a Orlando ali que é uma cidade vizinha a São Joaquim da Barra que foi isso chegou num domingo também num domingo cedo a vítima o corpo foi lançado pra fora arremessado pra fora do carro

[00:05:41] Ela caída no meio de um passo de uma pastagem porque ela capotou e entrou dentro de uma propriedade rural enfim e o corpo tava estirado no meio do gramado e essa imagem chegou pra mim assim e aí o resto do dia eu fiquei traumatizado Mas agora eu já sei lidar mais um pouco acho que de tanto ver essas cenas.

[00:06:11] Dentre essas imagens que você insere que você vê qual foi a mais dolorosa. Qual foi o mais machucante para você? Ah, sem dúvida, assim para mim, as imagens mais chocantes para mim, acho que dificilmente vai superar. Foi o acidente dos meninos do ônibus universitário na rodovia Valdir Canevari, entre Nupuranga e São José da Bela Vista, em que 12 estudantes universitários morreram em 20 de fevereiro de 2025. As imagens foram assim chocantes, chocantes, chocantes. Inclusive, eu não sei nada disso. E aí, sem contar na comoção social, no fato de eu conhecer algumas das vítimas, no fato da quantidade de vítimas, das pessoas terem a minha idade ou mais novas do que eu. Enfim, e aí uma. Loucura assim, um caos total na cidade. E aí, isso era tarde da noite e só eu estava conseguindo cobrir minimamente isso.

[00:07:15] Enfim, isso foi um episódio minimamente trágico e traumatizante, assim, no meu trabalho. Entrando nesse caso, que eu acho que foi o que mais repercutiu no seu Instagram, nas suas páginas, teve muita audiência. Foi um caso muito emblemático da cidade. Como que esse caso chegou até você? Olha, eu lembro que era por volta de 10h40, mais ou menos, e eu já estava morando aqui em Ribeirão, porque eu estou trabalhando aqui em Ribeirão. Então, eu estou morando aqui em Ribeirão e era 10h40 da noite. Eu estava em chamada com o meu. Namorado e lendo ao mesmo tempo que a gente tinha mania de ficar em chamada, e eu estava lendo. E aí o telefone toca, e aí era um colega meu que eu conheço lá de São Joaquim da Barra que me liga assim do nada.

[00:08:14]E meu celular, ele tem a função de eu deixo o lance de desativar as notificações a partir de determinado horário da noite, então não chegou as notificações de mensagens. Ele ligou, e aí eu falei: " tá, eu não tenho nenhuma relação próxima, então eu decidi não atender." E aí ele retorna a ligação, e aí eu aviso meu namorado: " tá, eu vou desligar porque deve ter acontecido alguma coisa." E aí eu atendo, e aí ele fala você viu que teve um acidente com os Meninos, e já tem 8 mortos. E aí eu falo: não, não vi. E aí eu vou atrás. Mas assim, de início, eu imaginei que não fosse isso. Por que que acontece? Sempre que as notícias chegam pra gente, como eu, elas chegam sem nenhuma apuração.

[00:09:02]E sempre que chega em um acidente, especialmente envolvendo um veículo como um ônibus, sempre as notícias chegam pra gente como se tivesse várias vítimas, várias vítimas fatais. Então tá, eu imaginei que pudesse, de fato, ter vítimas fatais, não que fossem oito vítimas fatais, como ele disse inicialmente. E aí eu vou tentar entender o que estava acontecendo. Quando eu entro assim no Hatsan, já tinha um monte de mensagem. pra mim perguntando o que estava acontecendo, o que tinha acontecido, se eu já sabia de alguma coisa e tal. E aí eu vou tentar, por meio das minhas fontes, encontrar alguma mínima informação do que se primeiro confirmar se aconteceu um o acidente entre o ônibus e o ônibus, o aniversário de São Joaquim da Barra, se tem vítima e se tem vítimas fatais.

[00:09:52]Eu consigo contato com um socorrista que trabalhava na ambulância em São Joaquim da Barra. Quando eu falo com ele, ele me diz que ainda não havia chegado no que estava dentro, a caminho do local, mas que de o corpo de bombeiros já estava lá e que de fato já havia pelo menos oito vítimas fatais. E aí eu pergunto pra ele: é ônibus ou universitário? É com caminhão? É em qual rodovia e em que trecho? Tem dessas informações, é a notícia que eu tinha que publicar porque as pessoas não sabiam de absolutamente nada. E aí começa o meu trabalho e aí eu vou tentar, eu vou ligar pra corpo de bombeiros de Orlândia, vou tentar falar com assessores da Prefeitura, tentar a manifestação deles pra ver se eles já estavam acompanhando ou se eles já sabiam sobre o.

[00:10:48]E nisso a cidade de uma loucura total e eu, em Ribeirão Preto, não sabia como que eu ia fazer porque no outro dia era uma sexta-feira, o acidente aconteceu numa quinta noite e na sexta de manhã. Eu tinha gravação, então eu não podia ir pra São Joaquim naquele horário, porque no outro dia eu tinha compromisso do trabalho aqui. Então, eu não sabia como que ia ser. Eu precisava de autorização dos meus patrões pra ir pra lá. Então, eu passei a noite inteira cobrindo o caso daqui de Ribeirão, em contato com nem sei quantas pessoas. Eu conversei naquele dia lá de São Joaquim que foram me mandar imagens, que foram me mandar informação, que eu fui conversando por ligação, por mensagem, e aí fui apurando essas informações.

[00:11:30]As informações vão chegando muito desencontradas e aí começam a vazar áudios de outras vítimas que só tinham. Se ferido, então vaza áudio. Eu lembro que o primeiro áudio que vazou em todos os grupos, e eu fui recebendo várias pessoas mandando o mesmo áudio pra mim, que era de um menino. Inclusive, o irmão dele está entre as vítimas fatais, que também

estava no mesmo ônibus. Os dois estavam no ônibus universitário e ele, desesperado, eu acho que ele gravou um pra os amigos, não sei. E aí ele fala o nome das pessoas que ele tinha visto, tinha presenciado que tinha de fato falecido ainda no local. E aí ele vai falando o nome das pessoas e eu, nem sabia quem eram, porque falam nomes genéricos e aí não tem como eu.

MVI_8970.MOV

[00:00:00] Conseguir eu consigo como a gente. Eles viajavam pra Franca todos os dias. Eles estudavam em Franca. E aí a gente que viaja todos os dias para a faculdade, a gente tem o costume de fazer uma lista de presença todos os dias no grupo de WhatsApp do pessoal que usa o ônibus. Então, a gente manda todos os dias. Cada ônibus tem o seu grupo. Então, todos os dias a gente manda: 'Tá, eu vou hoje'. Então, eu coloco meu nome na lista, se eu não vou, eu não coloco. E aí eu consigo contato com uma pessoa que fazia parte do ônibus, mas que não foi naquele dia. Consigo a lista de quem estava no ônibus. E aí, a partir daí, eu vou tentar contato com os familiares e vou tentando.

[00:00:41] Confirmar para tentar descobrir como estava o estado de saúde das pessoas, para saber de fato quantas vítimas eram, quem eram as vítimas. E nisso, as mensagens não paravam de chegar: Instagram, Facebook, WhatsApp, as pessoas ligando desesperadas. Porque assim, acho que nesses momentos assim de caos social, se pode ser chamado de caos social, pelo menos de comoção social em um episódio tão trágico assim, numa cidade tão pequena que nunca havia tido uma tragédia nessa proporção, as pessoas ficam desesperadas. Elas querem saber: porque se eu não conheço, se não é da minha família, eu conheço alguém que conhece a vítima ou que é da família. Da vítima. Então, acaba que assim a cidade é muito pequena, então todo mundo vai conhecer, porque é fulano, é filho do comerciante, porque o outro é...

[00:01:31] sabe? Enfim, e aí vai conhecendo um, vai ligando para todo mundo e acaba que todo mundo se conhece. Quem não conhece acaba da mesma forma se sensibilizando. Então, assim, as pessoas começam a me mandar mensagem, principalmente depois que eu publico a primeira notícia. Ali, eu, depois que eu publico ela, as pessoas começam a me mandar mensagem sem parar, assim, perguntando se eu tinha informação sobre as vítimas. As próprias os próprios familiares começam a me mandar foto das vítimas. E aí eu fico assim desesperado porque eu em Ribeirão Preto sem saber o que fazer. Eu nunca tinha tido contato com nada daquela proporção. As pessoas começam a me mandar fotos e aí eu vou tentar entender o que está acontecendo, porque as pessoas estão me mandando fotos, fotos e fotos.

[00:02:18] E aí eu entendo que, em contato com o pessoal da Santa Casa, eu entendo que da Santa Casa e da Unidade de Pronto Atendimento da cidade, a UPA da cidade, que as vítimas foram encaminhadas para São Joaquim da Barra e para Nupuranga, se eu não estiver enganado, ou São José da Bela Vista. Enfim, acho que foi para essas três cidades ou só para São Joaquim. Lembrar muito bem, mas o que eu recebo é as pessoas que estão aqui. A gente tem que passar os nomes na porta do hospital. Ninguém pode entrar para dentro do hospital porque tem muita gente na porta do hospital e quem não está aqui, quem ainda não chegou de resgate, quem não

foi resgatado, consta para a polícia, para as autoridades policiais que estavam lá, consta como desaparecido.

[00:03:03]Eu não sei se isso é uma recomendação, certamente é uma recomendação de como eles devem lidar nessa situação para não aumentar ainda mais a gravidade do caso. Enfim, e como que as pessoas estão ali reagindo na porta do hospital. Mas aí acaba que o lance de. Desaparecido acaba soando desesperador para os familiares que, em um momento de não aceitação da morte, do luto que está iminente, acredita que a pessoa, por exemplo, que não entrou no ônibus, será que ficou na faculdade? Está onde? E aí começam a me mandar fotos. Ah, ele está desaparecido. Falaram que está desaparecido, falaram que está na Santa Casa, que ela está desaparecida. Publica para mim e aí manda o nome completo.

[00:03:53]E aí, quando é duas e alguma coisa da manhã, eu consigo conversar mais uma vez com fontes minha, do corpo de bombeiro de Orlândia e aí do SAMU também. E aí me confirmam o que as vítimas que não estão nos hospitais, que não. foram resgatadas. Eu recebo um áudio que fala assim: Guilherme, todas as vítimas que tinham mínimo sinal de pulsação, ou seja, de vida, de chances de vida, já foram resgatadas e estão nos hospitais de Numparanga ou de São Joaquim da Barra. Todos os demais estão em óbito e estão encarcerados nas ferragens; encarcerados, é, presos nas ferragens do ônibus. Enfim, estão no local do acontecimento. Quando eu recebo essa informação, eu já não sabia mais como responder para as pessoas que estavam o tempo todo me mandando.

[00:04:48]Então, eram pais, amigos, irmãos, tias, enfim, familiares, amigos, conhecidos, querendo informação a nível do custo que eu não. Tinha para passar o local, a rodovia foi interditada, que ninguém podia entrar no local do fato, dada a gravidade que se encontrava ali o estado. Enfim, como que ficou ali as vítimas, enfim, para preservar a imagem das vítimas, também preservar os momentos familiares. E aí, então, acabou que os familiares não tiveram acesso porque não conseguiram ir para lá de fato, então não sabiam como que estava. E eu fui recebendo essas informações. Quando eu recebi que todos os demais eram 19 pessoas que estavam nos hospitais e outras 12 estavam desaparecidas, entre muitas aspas. E aí, as pessoas ainda assim continuaram a madrugada toda. Volta de, sei lá, quatro horas por aí. Acho que, nesse horário, assim, já havia confirmado todos os óbitos. Eu acho, mais ou menos, pelo menos, que não tinha mais nenhum vivo no local.

[00:06:28]Eu não falei para nenhuma pessoa que a gente tinha falecido, assim. Claro que tinha pessoas que eram do meu ciclo social que estavam entre as vítimas fatais e que, inevitavelmente, eu tive que falar com as demais pessoas que fazem parte do meu ciclo social e que, enfim, por consequência, também conheciam os meninos. Eu tive que falar porque eles estavam aflitos esperando essa resposta. E aí, quando eu recebi a confirmação do óbito dessas pessoas, eu passei. porque não tinha outra escolha. Assim, e aí eu já estou envolvido, mas para outras pessoas que eu não conhecia, eu não informei ninguém. E aí eu lembro que era por volta de três e pouco. Assim, eu recebo dois áudios assim que me marcaram muito. Assim, um é de uma amiga da Lívia e aí ela manda mensagem perguntando da Lívia, se eu tinha alguma informação.

[00:07:28]A Lívia eu também conhecia; era filha de uma comerciante lá da cidade. Essa comerciante é muito colega da minha mãe, então eu conhecia ela porque o comércio lá em frente é a casa onde eu morava, lá em São Joaquim. E aí ela manda áudio para mim, desesperada, assim, falando que os pais da Lívia, já tinham ido nos hospitais de Franca, de São Joaquim da Barra, de Orlândia, de Nupuranga, mas que não achava nenhuma informação sobre a Lívia; que ninguém tinha informação da Lívia, que ela não estava no local do hospital da Entia. Mas eu já sabia que a Lívia tinha falecido e eu não sabia como responder. E de tanto ela me mandar mensagem, eu falei para ela que era para ela tentar ligar no hospital de Franca para ver se ela tinha sido levada para lá. E eu sabia que não tinha, mas eu não sabia como responder. Aí eu precisava responder, eu não queria dar a notícia; enfim, eu acho que também não era o meu papel de dar essa notícia para ela. Opto por não dar essa notícia para ela e esse áudio assim me marcou muito. Outro momento que me marca muito é quando eu...

[00:08:51]Ai meu Deus, eu quero água.

MVI_8971.MOV

[00:00:09]E aí, outro momento que me marca muito é quando são seis horas, mais ou menos. Não era seis horas, acho que era cinco, cinco e alguma coisa. Eu consigo, eu cochilo, estava cansado. E aí eu cochilo. E aí eu acordo com a Sabina, apresentadora do Bom Dia São Paulo, me ligando, porque ela queria informação, porque o caso já tinha tomado repercussão nacional. E aí, como eu estava ali dentro do fato e todos nisso, assim, os stories da página estavam batendo tipo 40 mil visualizações, 50 mil visualizações durante a madrugada, que ainda não tinha repercutido nacionalmente. E aí eles começaram a me ligar, muitos veículos de comunicação. Não sei se todos. Mas muitos veículos de comunicação com sociedades nacionais assim começam a entrar em contato comigo, tentando dar pressão. E aí, eu já acordo por volta das seis horas, mais ou menos ali, e aí eu mando mensagem para os meus patrões, primeiro avisando sobre a tragédia, avisando que havia pessoas no meu círculo social envolvidas no acidente entre as vítimas fatais e que eu precisava ir para essa madrugada que eu ia levar. Aí eles falam que estava tudo bem. Enfim, e aí eu vou. E aí, eu só tenho moto, então eu vou para São Joaquim de moto. E aí, assim, um percurso que eu demoro uma hora para fazer, eu fiz em cerca de, sei lá, 35 minutos. Assim, quase sobrou um acidente nesse dia. A pista, a rodovia, uma faixa estava interditada na rodovia Anhanguera, e aí eu não vi que estava interditada. Não sei. Eu fui chorando muito, assim. Eu lembro que eu gritava, eu gritava muito, chorando muito. Daqui de Ribeirão Preto até São Joaquim da Barra, assim, eu fui gritando muito, assim, daqui até lá. E aí eu lembro que, chegando em Orlândia, assim, a rodovia estava interditada e eles estavam, acho que estavam restaurando a malha asfáltica, assim, e eles arrancaram o asfalto, assim, e aí tinha meio, né, um buraco, assim, de uma faixa para a outra, porque fecharam os cones. E aí, não sei como, eu não prestei. Atenção, acho que, por conta do desespero e tal, eu estava correndo muito. Inclusive, ninguém sabe disso ainda, eu nunca comentei nada. Com isso, eu bati no cone, o cone caiu e aí eu entrei com a moto dentro do buraco assim, da rodovia. E aí, para eu voltar depois, eu não conseguia porque estava com a diferença assim, né? Enfim, mas aí deu tudo certo. Não parei para pegar o cone, mas enfim, ficou lá. Eu vou para São Joaquim e aí eu chego em casa.

Minha mãe, né? Minha mãe, já comovida com a situação toda, ela veio me abraçar. Ela estava chorando muito, ela estava chorando muito e ela veio me informar que a Livia, que é a Livia que faleceu, era a Livia que a gente conhecia. que até então eu não tinha tido consciência disso, porque aconteceu isso. As pessoas que estavam envolvidas, eu sabia que o João e o Pedro eram as pessoas que eu conhecia, mas que outras pessoas que estavam também entre as vítimas fatais eu também conhecia. Mas que eu não tinha tido consciência de que aqueles nomes que estavam na lista eram pessoas que eu conhecia. E aí, enfim, eu fico mais comovido ainda. E nisso já havia começado o reconhecimento das vítimas na delegacia, porque foi montada lá no email de São Joaquim. Foi montada toda uma estrutura para reconhecimento das vítimas fatais lá, então as famílias foram todas para. Lá, durante a manhã, foi preparado o centro cultural da cidade. A gente também foi preparado pela prefeitura municipal para acolher os familiares, até familiares que estavam vindo de fora. E aí, a imprensa também, que estava muita gente lá, foram para lá. E também, sem contar os pertences que foram achados no acidente, foram levados para o centro cultural. Então, telefone celular, notebook, mochila da faculdade foram todos levados para o centro cultural. Então, normalmente, as famílias faziam o Iam para o EML, reconheciam e, de lá, ou de carro próprio ou a prefeitura levava de vão, o micro-ônibus levava os familiares lá para o centro. cultural porque lá eles tinham um café preparado lá para eles. Enfim, eu fiquei a manhã toda lá. Obviamente que produzindo a cobertura jornalística que eu estava, ainda assim, fazendo mesmo que todos os veículos tradicionais estavam. Toda a imprensa lá, mesmo que eles todos estavam lá, eu ainda assim estava lá. E aí também tem um diferencial de que, por exemplo, a gente tinha mais abertura nesse contexto. A gente tinha mais abertura para conseguir as informações do que a mídia de outras localidades. Então, talvez eu acabei servindo até como uma ponte, sabe, para ligar os grandes veículos de comunicação com lá. Inclusive, eu produzi. Até alguns trabalhos para agências internacionais, porque, enfim, dado a repercussão da cobertura na minha página da cobertura do meu trabalho, essas pessoas descobriram, enfim, recomendaram. Enfim, e aí eu acabei produzindo lá. E aí, outro momento que me choca muito também, ali no momento, é quando eu estou no ML, ali onde estava acontecendo tudo. E aí, a Raquel, que é uma das vítimas fatais, ela foi a última ou, pelo menos, uma das últimas. Se eu não estiver enganado, ela foi a última a ser reconhecida. E aí, quando eu vejo o irmão dela chegar, eu tomo um choque, porque eu entendo que a Raquel, mais uma vez, a Raquel que estava o tempo todo anunciando. Era a Raquel que eu também conhecia. E aí, assim, a Raquel muita gente na cidade conhecia. Ela era do meu ciclo social, mas ela era muito conhecida na cidade porque também trabalhava com coisas relacionadas ao comércio. Trabalhou desde a juventude toda no centro da cidade, uma esquina X da E aí, então, muita gente conhecia ela. E aí eu fiquei muito assim em choque quando eu vejo que o irmão dela tá lá entrando pra reconhecer. E aí eu não sei se o estado de choque que eu também estava envolvido ali me fez não acreditar que os nomes Porque eu estava com o nome completo das vítimas e aí não fazia sentido que eu não tivesse percebido uma vez que eu já conhecia ela. Mas eu só botei a noção disso quando eu vejo lá, tendo contato ali de fato, na hora ali com a família dela. E isso me choca muito, assim. Mas no outro dia, no sábado, quando vai ter o velório, e ainda assim, o tempo todo na sexta, eu fiquei o dia todo produzindo material, chorando, mas trabalhando, porque eu precisava. Eu achava que as pessoas estavam precisando que eu contasse o

acontecimento a partir da nossa visão, enquanto joaquinese, envolvido naquela tragédia. Então, eu acho que talvez as pessoas se viram na minha cobertura pelo fato de tá eu ser uma pessoa que está sem sensibilizar, envolvida com a situação. E que está contando esse fato a partir do nosso ponto de vista, não de um ponto de vista de um veículo tradicional, de um veículo maior que veio para a cidade apenas para cobrir aquele fato e que vai cobrir com uma linguagem extremamente profissional que a gente já conhece. Então, eu opto por fazer homenagem. Eu escolho trazer uma foto de cada vítima individualizada. Eu fiz um post em formato de carrossel no Instagram, que é quando a gente coloca várias fotos no mesmo post. Então, eu faço uma artezinha de homenagem para cada um, porque eu entendo que todos os veículos estavam compartilhando as imagens das e as pessoas, às vezes, não tinham. Nem relação entre si. Elas eram do mesmo ônibus e tá, isso unia elas: o fato de elas serem estudantes jovens, estarem no mesmo ônibus universitário. Mas cada uma tinha a sua história. E aí eu opto por separar elas, por contar a história delas mesmas, enquanto pessoas, enquanto indivíduos. E eu acho que isso também agrega nessa cobertura, sensibiliza. Mas nunca foi no intuito de ganhar like em cima disso. Tanto que, quando eu começo a compartilhar, a fazer essa cobertura, ainda na madrugada do dia 20, na noite do dia 20, após os fatos ali no início da madrugada do dia 21, eu recebo um texto de uma pessoa, não sei quem é, me xingando muito, falando. que eu estava, sei lá, explorando a dor das pessoas. Eu acho que a pessoa nem era de São Joaquim da Barra e achou que eu também não era. E aí falou que nem estava sabendo sobre os fatos, que só estava compartilhando as coisas. E ainda eu fiz, me dei o trabalho de responder à pessoa, de explicar o que era o jornalismo, de explicar qual era a função jornalística, de explicar que, no momento de desespero, de desinformação que acontece nesse momento trágico, o jornalismo que vai na contramão disso tudo, que enquanto as pessoas estão compartilhando desinformações e aumentando em inúmeros graus a notícia, o fato em grupos de WhatsApp. Compartilhamento em redes sociais, o jornalismo está preocupado em apurar o que aconteceu de fato e compartilhar isso. Só a partir disso, pelo menos, é o que manda o bom jornalismo, o que manda, pelo menos, o jornalismo ético. E aí eu escolho isso: eu vou à cidade, decreta luto, o estado decreta luto, eu vou explorando isso também. Saio para as ruas e vou fotografar a porta da prefeitura com as bandeiras a meio mastro, a bandeira no centro da cidade, a meio mastro. Vou explorar o que as pessoas estão compartilhando de autoridades, do presidente da república, do governador, do, enfim, e aí vou repercutindo isso ao longo do, vou ainda conversando. Com as pessoas, então, por teve gente que encontrou o celular da vítima, que me mandou, não sei se enfim pegou o celular ou pegou enganado na hora, sei lá, alguma coisa do tipo. Encontrado o celular, me mandou, eu compartilhei, encontrou de quem era. A vítima pegou o celular, então eu continuei prestando essa assistência da forma que eu podia, dando orientação para quem pedia. E eu poderia assinar ali alguma coisa. E no sábado, quando vai ter o funeral, até então a ideia inicial era que eu também fizesse uma cobertura do funeral. Só que quando eu chego no funeral, eu estava lá como as pessoas do meu ciclo social, estavam entre as íntimas. E aí, eu me vejo não conseguindo produzir quase nada, assim, para não dizer que eu não produzi nada. Assim, a imprensa ainda assim estava lá, a imprensa madrugou lá na porta, porque as pessoas fizeram fila, porque muita gente, coroas de flores, não paravam de chegar no local onde foi lá o funeral. Só que tem isso, né? Eu estava envolvido, eu estava inserido na história. E aí, quando

eu chego lá, eu entro. Então, tipo, era cercado, né? Familiares e amigos poderiam entrar próximos ao caixão. As pessoas só estavam lá, apoiando, enfim, sensibilizados com o acontecimento, poderiam passar, enfim, prestar homenagem, alguma coisa do tipo. E eu entrei. Enfim, e aí eu me vejo numa cena de meus colegas, as pessoas do meu ciclo social, as pessoas que eu conhecia em volta de vários caixões, né.

MVI_8972.MOV

[00:00:00] Impossível, impossível humanamente impossível para mim, extremamente envolvido ali com a situação. E aí, o que eu consigo fazer? Eu publico, eu lembro que eu publico sobre o eu lembro, vou tentar lembrar. Eu acho que o João, eu acho que o João foi o primeiro a ser sepultado. E aí eu publico sobre esse João, eu não conhecia ele tinha, acho que 18 anos, se eu não estiver enganado, salvo engano. Enfim, não vou tentar arriscar para não E aí eu só publico que ele foi o primeiro a ser sepultado, isso eu publico. E aí, depois, quando eu vou para o sepultamento da Raquel, que foi a segunda a ser sepultada e que era meu colega, enfim, e que eu a conhecia, enfim. E eu estava muito sensibilizado pelo falecimento dela. Eu vou e eu acompanho todo o caminho ali junto com a família, com os amigos e tal. E aí eu faço um vídeo porque a família dela era cristã e eles estão cantando um louvor. E aí eu faço só um vídeo assim de trás, porque o cemitério em São Joaquim da Barra, ele é meio que no alto, então a gente sobe uma ladeira. E aí eu faço um vídeo desse momento, porque eu achei muito claro. Eu estou ali sensibilizado, mas eu também entendo que aquele momento foi muito sensível. As pessoas estavam muito comovidas como um todo ali e estavam ainda assim esperando publicações e atualizações sobre o funeral. Que estava acontecendo e que estava passando toda hora na TV. E aí, a TV não estava mostrando que a família estava subindo, carregando o caixão, cantando um louvor. E aí, eu decido contar essa história. Eu gravo esse vídeo das pessoas nesse momento do fúnebre e escrevo um texto contando, falando da letra da música do momento. Uso também uma mensagem que a mãe da Raquel deixou na hora que estava terminando de sepultar. E aí, eu escrevo também no texto, coloco no texto. E aí, também eu acho que isso é o que diferenciou. E assim, eu só vou publicar. Aí eu vou embora pra casa, porque eu não tava aguentando mais ficar lá de tanto sensibilizado. Que eu estava, eu estava muito mal, assim, sabe? Aquela cena de muito jovem, tudo. Enfim, aí eu vou embora. E eu só vou publicar de novo quando acontecer o último sepultamento. E aí eu atualizo. E assim eu encerrei a pauta, não falei mais nada. E só volto a publicar sobre o quando inicia um movimento que eles estão fazendo na cidade, as vítimas. Os familiares das vítimas estão fazendo na cidade de uma vigília mensal, todo dia 20. Eles vão na praça com velas, homenagens e rezam, oram, enfim, fazem suas homenagens em prol das vítimas, assim. Eles fazem isso mensalmente desde o acidente. Não sei qual é a ideia do projeto, mas até então, até aqui que a gente está. gravando, eles ainda assim estão fazendo essa vigília. E aí, eu publiquei sobre isso também. Mas assim, inclusive, recentemente saiu uma decisão judicial pela condenação do motorista do caminhão que colidiu contra o ônibus. Ele foi condenado a 5 anos e, se eu não me engano, 6 meses de prisão. E, enfim, e aí o conceito de justiça é E aí, cada um decide por si, a partir dos fatos e das circunstâncias, se o julgamento é de fato ou não válido, pertinente. Mas aí não cabe a mim julgar. E aí, agora, depois de sei lá, 6 meses, sei lá, mais ou menos, alguma coisa do tipo que saiu esse julgamento, eu trouxe de novo

esse assunto pra falar sobre a condenação unicamente. Sem explorar muita coisa. E foi isso. Em que momento você se viu, você se percebeu saindo do Guilherme Carvalho Notícias para o Guilherme? Nesse caso, então eu acho que é muito difícil separar eu do meu eu profissional, especialmente nesses momentos. Tanto que a minha escrita, eu acho que ela é muito marcada pela sensibilidade, assim, no sentido de empatia. E aí talvez seja até um problema que eu tenho que tentar me adaptar para caber dentro do mercado jornalístico, mas eu acho que é uma característica minha de escrita e de produção jornalística mesmo. Então, talvez eu fuja um pouco do tradicional para tentar trazer para o texto. Para a produção jornalística, a humanização dos fatos, porque eu não gosto muito da ideia de tratar 12 vítimas fatais como 12 um número. Eu gosto de tratar as 12 vítimas como a Raquel, o João, o Pedro, a Lívia e trazer essas histórias, contar e sensibilizar, e dizer que há um problema a se tratar. Aquele acidente poderia ter sido, sim, evitado. A rodovia estadual Prefeito Fábio Alarico estava interditada na época dos fatos e, por isso, o ônibus estava tendo que desviar por uma rodovia vicinal. A obra continua ainda hoje, mais de seis meses depois, ela ainda não foi finalizada, a rodovia continua interditada. Outros vários acidentes. Aconteciam na mesma rodovia. Então, ainda assim, eu acho que é preciso que a sensibilidade do jornalista entre dentro da produção jornalística para denunciar isso e para contar os fatos, mesmo a partir desse ponto mais humanizado. Você trouxe da sua história que você era um estudante que enfrentava 70 km de distância para fazer esse trajeto e, naquele momento, você se viu ali com amigos, colegas, pessoas conhecidas que morreram fazendo um trajeto que poderia ser mostrado. Como você lidou com isso? Você se viu naquelas vítimas? Sim, eu me vi. Eu acho que isso me sensibiliza muito também. Eu acho que, pelo fato, mais ainda de me inserir. Nesse contexto, e ainda hoje, acontecem muitos fatos envolvendo ônibus universitários, especialmente de São Joaquim da Barra. Então, recentemente, por exemplo, na última semana, na semana que antecede a nossa gravação, aconteceu o fato de um ônibus universitário de São Joaquim da Barra que estava a caminho de uma universidade no município de Batatais. Ele teve uma falha mecânica e pegou fogo. Alguns dos alunos precisaram se hospitalizar porque inalaram fumaça. O próprio ônibus que eu vinha para Ribeirão Preto já teve várias falhas mecânicas. Então, eu acho que o acontecimento com os meninos, por mais que trágico, ele denunciou. Uma realidade que ainda persiste, que pode ser evitada e que expõe diariamente centenas de estudantes em risco, até da própria vida, como foi provado. Depois que você parou de trazer os fatos, como que você lidou com isso psicologicamente? Como que você se despreendeu dessa história, dessas imagens que você vivenciou, desses momentos, dessas conversas? Eu sou uma pessoa que lida bem com o luto, pelo menos até agora. Eu sempre soube lidar bem com o luto, no sentido de me desprender um pouco, de não ficar reverberando isso o tempo todo. Mas ainda hoje eu não tratei bem, tanto que eu estava falando sobre e me emocionei. E sempre que eu. Toco num assunto assim, ainda assim eu me sensibilizo. E toda vez que eu volto para São Joaquim, eu sempre toco no assunto, porque sempre que eu volto para São Joaquim, eu lembro do acidente. Toda vez que eu tô na universidade com o ônibus de São Joaquim, eu passo na frente; o ônibus é idêntico ao que aconteceu. Ou eu lembro da minha rotina de vir todos os dias com o ônibus, ou eu lembro do... Então, sempre que algo remete ao acidente, ainda assim eu me sensibilizo. Então, eu acho que a forma que eu lidei foi dia após dia. E aí, outras tragédias vão acontecendo e eu vou cobrindo outras tragédias. E eu acho que

as coisas vão acontecendo e não tem muito. Para onde eu fugir? Você buscou ou busca faixa de terapia? Não, não faço terapia. E acho que a correria do dia a dia não me deixa ter esse tempo, pelo menos não por agora. Porque eu estou conciliando trabalho com faculdade, com esse trabalho paralelo na página. E aí acaba que ainda não tive, ou pelo menos isso ainda não foi minha prioridade. Você trouxe alguns momentos em que você não soube o que fazer, então você não soube o que fazer quando te perguntaram e você conheceu a você. Não soube o que fazer pela dimensão do fato. Você se sente e você está se formando. Você se sente que você está saindo da faculdade formado para esses fatos trágicos. Eu acho que a faculdade de jornalismo, não sei se é só um problema do jornalismo, mas eu acho que ela não nos prepara para essas adversidades. Eu acho que a profissão ela é romantizada, então a gente vai sonhar com jornalismo, a gente vai sonhar com um estúdio de TV e um grande veículo de comunicação. Mas nessa assistência mesmo, tanto psicológica de preparação, por exemplo, até para lidar com questões jurídicas, por exemplo, a gente não recebe muito essa base. Pelo menos, eu não recebi e eu não tenho consciência disso. E o conhecimento que eu tenho sobre é o que eu estou buscando fora da universidade e na prática mesmo jornalística. No dia a dia, por meio da página, mas eu acho que o curso, ele falha no sentido de não nos preparar para isso, de não nos dar essa assistência mesmo. E talvez até os próprios colegas de turma não tenham consciência disso, talvez porque não tiveram esse contato da forma que eu tive, por de lidar com algo trágico no trabalho, de não ter para onde você correr; você tem que lidar. E talvez só vai lidar com isso quando estiver inserido no mercado. Enfim, se forem trabalhar com isso, talvez pode ser também questão de que as pessoas não vão lidar com isso. Tem várias possibilidades e, enfim, talvez por isso não seja uma prioridade. E talvez por isso. Não enxerguem essa necessidade, mas eu enxergo porque eu já passei e porque eu passo sempre que acontecem tragédias, especialmente esses acidentes, porque eu lido muito com essas pautas factuais. Acho que é. Então, é uma coisa que você quer acrescentar, você quer trazer. Acho que a gente percorreu pelo seu início ali, pelos seus momentos. A gente encaixou bem o seu Jacob Ataba, você trouxe toda a sua história ali naquele momento e a gente fechou com a sua consideração, com o que você acredita que fez. Eu iria perguntar se você já pensou em desistir, mas acredito que.